CARTAS CURIOSAS

DO

ABBADE

ANTONIO DA COSTA

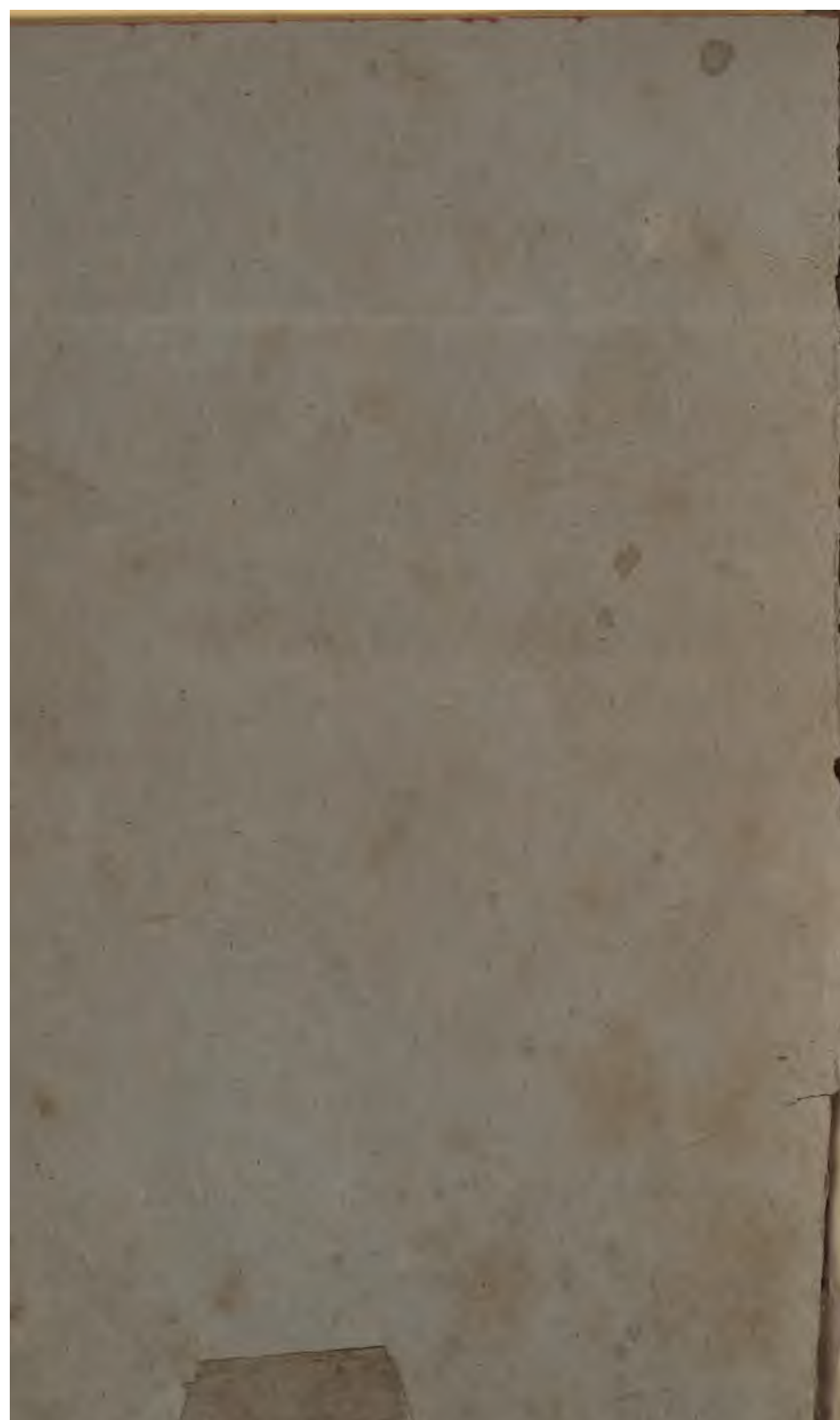
ANNOTADAS E PRECEDIDAS DE UM ENSAIO BIOGRAPHICO

POR

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

PORTO

Imprensa Litterario-Commercial

1879

A

JOAQUIM JOSÉ MARQUES

AO LEITOR

A honra da descoberta d'estas *Cartas* pertence ao nosso fallecido amigo o Dr. José Ribeiro Guimarães, 1.º official da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Foi em principios de 1875 que o nosso amigo nos deu parte do seu achado na Bibliotheca mesmo; as cartas haviam chamado a sua attenção por serem de um musico que fallava sobre musica; entretanto o nosso amigo não havia descoberto a relação do signatario Antonio da Costa com o Abbade Costa dos *Musicos portuguezes* (vol. I pag. 59). O conhecimento que nós tinhamos dos livros das viagens artisticas de Burney ([1]) serviu para provar ao Dr. Guimarães a identidade do signatario das cartas com o singular artista que nós haviamos biographado em 1870. O nosso amigo acceitou a nossa demonstração; resolvemos publicar as cartas de commum accordo, dando elle a cópia e nós o commentario, biographia e notas. Em maio de 1875 sahimos

(1) São: *The present state of Music in France and Italy*. London, 1771. 8.º *The presente state of Music in Germany the, Netherlands and United Provinces*. London, 1773. 2 vol. 8.º

para fóra do reino, voltando em Julho de 1876. Causas varias impediram o nosso amigo de tirar a cópia até Abril de 1877; por esse tempo chegámos novamente a Lisboa e fizemos a cópia.

O manuscripto (O—2. 18) compõe-se de VI inn. 110 pag. 4.º de lettra miuda; a cópia é do principio d'este seculo ou fins do seculo passado. No rosto da pag. 2 lê-se: *Da Doação do Dr. Antonio Ribeiro,* a que podemos accrescentar sem escrupulo *dos Santos* (1). No rosto da pag. 3 lê-se o titulo forjado pelo copista: «Cartas curiosas que escreveu Antonio da Costa de varias terras por onde andou a varias pessoas da cidade do Porto». A cópia parece da mão do doador. Tem mui poucas notas; apenas uma (sobre João Peixoto) tem valor (2); é para sentir que Antonio Ribeiro dos Santos não tivesse colhido em sua vida os materiaes necessarios para pôr os nomes e os factos a que as *Cartas* se referem na devída luz. Natural do Porto, muito bem relacionado, litterariamente, erudito, em posição official respeitavel e respeitada poderia ter feito facilmente aquillo que conseguimos só em parte e com muito trabalho. É provavel que a Bibliotheca

(1) Foi o primeiro Bibliothecario-mór da Bibliotheca de Lisboa, nomeado a 4 de março de 1796. Cedeu a este estabelecimento a maior parte dos seus manuscriptos, reservando-se o uso fructo d'elles em vida. J. da Silva (*Dicc. Bibl.* I—247, 256) traçou a sua biographia.

(2) São cinco notas; no fim da Carta II duas:

1.º Indica que os asteriscos * servem para marcar as palavras que foram suppridas «porque o papel do original estava comido do tempo»;

2.ª refere-se a João Peixoto (v. notas).

3.ª No principio da carta VIII diz: «esta carta foi trasladada de uma cópia».

4.ª No fim da carta XII commenta a opinião de Costa sobre o matrimonio (v. notas).

5.ª No fim da carta XIII commenta as opiniões de Costa como livre pensador.

imperial de Vienna, riquissima emquanto a litteratura musical, contenha ou composições de Costa ou cartas e outros papeis do seu espolio, pois é quasi certo que alli morreu; em Portugal não tinha parentes chegados (1) que reclamassem esses massos de papel pautado que eram a unica fortuna do Abbade Costa. Demos o primeiro passo; póde ser que outrem se anime a dar o segundo.

O systema que seguimos n'esta edição foi o seguinte: Uniformisámos a orthographia, mas respeitámos todas as feições individuaes do estylo de Costa, no qual abundam as formas de dizer populares; a phraze é complexa em geral e algumas vezes pouco clara; não é limada, não se enfeita com lentejoulas classicas, mas tem vida e originalidade e reflecte fielmente o caracter do escriptor autodidacto.

Seria facil carregar este livrinho com o numero dobrado ou triplicado de notas, mas sendo elle destinado a poucos leitores, uns musicographos, outros curiosos de cousas patrias tivemos de adoptar um termo medio. Para os nossos collegas todas as notas que não esclarecessem questões nacionaes seriam superfluas; elles conhecem as fontes. Para os curiosos de nada serviria apontal-as; indicámos aquellas que elle poderá achar facilmente entre nós (2).

. . . .

Poucos mezes depois de havermos tirado a cópia das *Cartas* na Bibliotheca Nacional fallecia em Lisboa o Dr. Ribeiro Guimarães.

(1) Na Carta IX allude Costa á morte de sua mãe e de seu irmão (pag. 53); era elle o herdeiro; não allude a mais parente algum.

(2) Eis o motivo por que citámos na nota sobre Gluck a obra franceza de Desnoiresterres em logar da allemã de Marx; por que citámos a traducção franceza de Tosi, a versão franceza da collecção de Nohl por Charnacé etc.:

Sentimos que as *Cartas* appareçam sem o nome do nosso amigo (1) que nos era sympathico por mais de uma razão. Fique mais uma vez consignada a nossa gratidão á memoria de um homem que conhecia como poucos em Portugal as nossas tradições artisticas. Não desejamos accentuar aqui o que lhe devemos, pessoalmente; a sua critica benevola de nossos trabalhos não influe no juizo que d'elle fazemos; o que lhe agradecemos é ter elle comprehendido as intenções com que trabalhamos: accordar n'uma classe inteira de artistas, cahidos na lama, o respeito de si proprios o respeito a uma arte que foi um culto para os seus antepassados e que é hoje para elles apenas a *vacca que dá leite,* ou peior ainda (2).

(1) Vid. a biographia que lhe dedicámos no *Supplément á Biogr. univ.* de Fétis. Paris, F. Didot. vol. I pag. 435.

(2) Deshéritée des prérogatives de sa noble origine, n'est qu'une enfant trouvée qu'on semble vouloir contraindre à devenir une fille perdue. Berlioz (*Soirées de l'orchestre*).

VIDA

DE

ANTONIO DA COSTA

I

Antonio da Costa nasceu em 1714, (1) provavelmente no Porto. As suas cartas são dirigidas a pessoas do Porto exclusivamente; é aos costumes do norte que elle allude e nos poucos casos em que se refere á capital se conhece que elle nunca a viu. Da época anterior á sua sahida do reino em fins de 1749 (2) nada sabemos, salvo de uma viagem á villa de Canavezes aonde esteve dous annos e meio, (3) feita talvez na mocidade, e uma viagem a França (pag. 39). Em 23 de agosto de 1750 vamos dar com elle em Roma; elle mesmo marca essa data na carta (4) de 6 de Outubro do mesmo anno ao seu amigo João Peixoto, carta que é a primeira da nossa collecção, mas não a primeira enviada de Roma para o Porto (5). A

(1) Carta x pag. 68 em que falla do seu retrato *vita hominis sexaginta anni*. A carta x é de 24 de Dezembro de 1774.

(2) Carta x pag. 68 em que allude á ausencia de 25 annos; a data da carta é a mesma.

(3) Carta vi pag. 39. É possivel que estivesse tambem em Coimbra; allusões a pag. 20 e pag. 43.

(4) Pag. 2.

(5) Nas primeiras linhas da pag. 1 allude a uma carta anterior dirigida ao *Doutor* sobre a *Casa de Santo Antonio*.

A pag. 29 allude a uma outra carta sobre as *Comedias*

sua estada em Roma prolonga-se até 30 de agosto de 1754 (carta VII); segue-se um intervallo de 6-7 annos, até 1760 ou 1761, pois a 22 de Julho d'este anno achamos uma carta (a VIII) escripta em Veneza e apoz treze annos (1774) a primeira carta (IX da collecção) escripta em Vienna d'Austria. É-nos impossivel dizer por onde Costa andou de 30 de Agosto de 1754 (ultima carta de Roma) até 22 de Julho de 1761 (data da carta unica de Veneza.) O outro periodo mais longo de treze annos (1761-1774) pode ser reduzido a onze, porque é facil provar que Costa já estava em meado de 1772 em Vienna e prestava ahi grandes serviços a Burney (1) que elle introduzia nos melhores circulos artisticos da capital austriaca. Deve suppôr-se que Costa, attenta a sua habitual mysanthropia, não adquiriu essas intimas relações com a sociedade viennense em pouco tempo.

Calculando sobre esta base talvez se possa recuar a entrada de Costa em Vienna até 1770 pelo menos; n'este caso ficaria o intervallo reduzido a *nove* annos. É certo que o *Abbade* (2), titulo com que todos o tra-

italianas. Outras cartas perdidas: a pag. 37, mandada por via do *thesoureiro de Hespanha* com data de 10 de Janeiro de 1754; nova allusão a esta mesma carta a pag. 47. Quarta carta perdida, mandada por um *dispensante*, a pag. 46. Todas estas cartas foram dirigidas ao *Doutor*. Quinta carta perdida, mandada de Veneza a Pedro Pereira de S. Payo (pag. 49).

(1) Burney chegou a Vienna em principios de Septembro de 1772.

(2) É de crer que Costa se houvesse ordenado, antes de sahir de Roma; as suas cartas d'esta cidade até meado de 1754 rezam quasi todas da *demissoria* necessaria para esse fim. Na carta VI diz: «já estou capellão de S. Antonio de certos que chamam *supranumerarios*...... mas para o mez de Junho me disse o governador (da casa de S. Antonio) que serei capellão *numerario*» (pag. 42); Carta de 20 de Maio de 1754. Na carta immediata, VII de 30 de Agosto escreve: «estou conego com casa e cama» etc. (pag. 46), mas ainda não tinha a *demisso-*

tam em Vienna, fez uma visita a Pariz, provavelmente quando, sahindo da Italia para Vienna, ia caminho de Inglaterra. Depois de ter chegado a Pariz e não seguindo para a Inglaterra como planeára, nem querendo ir para Madrid, nem para Lisboa, nem voltar para o Porto, apesar de altas protecções que lhe garantiam um brilhante futuro, preferiu voltar para Vienna [1]. A regeição das vantajosas propostas do embaixador D. Vicente de Sousa e o regresso á capital austriaca leva-nos a crer que o Abbade deixára alli bons amigos. Em Vienna ficou e morreu, provavelmente; a sua ultima carta (XIII) é de 7 de Outubro de 1780. Tinha então sessenta e quatro annos; na antepenultima, a 4 de Dezembro 1779 diz que cegára do olho esquerdo com uma cataracta «e conforme o parecer do nosso lente oculista, cegarei cedo do outro, de gotta serena». (pag. 72). A 23 de Julho de 1774 desculpa-se da má lettra das suas cartas (pag. 59), e renova a desculpa a 4 de Dezembro de 1779 (pag. 70) na mesma carta em que dá conta de haver cegado de um olho; queixa-se tambem de fraqueza nas articulações da mão (pag. 70), e já cinco annos antes déra noticia d'uma doença mais grave de bexiga — «acabou-se a minha saude de vento em popa» [2]. Não erraremos pois, marcando de meado de 1774 a fins de 1779 um desfallecimento sensivel nas forças do Abbade Costa, e calculando a sua morte como occorrida pouco depois de 1780.

Eis os poucos dados biographicos do nosso autor.

ria (pag. 47). É a nossa ultima carta de Roma. Em Vienna já dizia missa quando Burney o conheceu (Septembro a Outubro de 1772); é pois certo que recebeu a *demissoria*, posteriormente a Agosto de 1754.

(1) Vid. a explicação da carta IX pag. 55 e 56.

(2) Carta IX pag. 52 e 53. N'ella se dá por informado da morte da mãe e de um irmão estroina; outros fallecimentos que o impressionaram ainda mais na Carta XI pag. 69.

Qual a sua mocidade, quaes os seus estudos, qual a sua vida até aos 35 annos, quaes as causas da sua sahida de Portugal?—são perguntas a que não é possivel responder com segurança. Os seus estudos não deviam de ser vulgares; nas cartas III e V ha duas allusões á vida de Coimbra (pag. 20 e 43), mas isto não autorisa a affirmar que se formasse alli.

Quando Costa chegou a Roma, já sabia italiano (1); ahi mesmo deu lições de francez (pag. 37); sabia latim, sabia a theoria da musica a fundo, e tocava viola e rabeca superiormente; junte-se a estes estudos um talento raro de observação, uma critica segura, incorruptivel, prompta sempre a zurzir o ridiculo onde quer que o encontrasse, um desprezo profundo pelas formas convencionaes da sociedade, sobretudo quando essas formas serviam apenas de pretexto para encobrir ignobeis paixões e revoltantes injustiças—junte-se isto que se cifra em duas palavras gravissimas no meado do seculo XVIII: *liberdade de pensamento e da palavra* e ficará explicada a sua sahida de Portugal. Costa allude uma unica vez á pessoa que o fez sahir (pag. 38) por cuja porta passou quando disse adeus ao Porto: «desejava-lhe fallar; podia-lhe fallar n'aquella occasião; já então esperava que me serviria de muito o fallar com ella; e hoje, pelo que soube aqui, entendo que o mais certo era não sahir de Portugal, se lhe fallava. Cuida V. M. que nem por sombra me chega o menor arrependimento de o não ter feito?»

E com tudo Costa lá foi indo sem passaporte, sem meios, caminho de Hespanha: «Até Galliza, vim a tremer com medo de que me seguiriam. Em Galliza pas-

(1) Critica do sermão do P.e Antonio Vieira em italiano pag. 6 e 7. É provavel que soubesse o inglez, alias não se explicariam os seus varios projectos de se mudar para Inglaterra.

sei tristemente, sempre na duvida de se estava alí seguro ou não; até que me desenganei de que me era forçoso sahir de Hespanha. Pedi um passaporte em Santiago, e não m'o deram por não mostrar outro. Não tive remedio senão meter-me ao caminho sem elle. Em Castella ao pé de uma cidade que chamão Santo-Domingo de la Calzada quiz-me prender um official, e d'ali por diante vim sempre esperando todos os instantes o meterem-me n'um castello; assim vim atravessando França quasi até o fim, quando me começaram a perseguir por passaporte, e duas vezes estive preso, senão foram as minhas mentiras, que me fazia dizer a necessidade. Tornei para traz trinta leguas onde havia uma grande feira, que me tinham dito que estavam lá inglezes que haviam de vir á Italia; mas não achei nenhum que quizesse fazer tal jornada. Emfim Senhor, eu não posso dizer n'uma carta o que passei em quatro mezes, e tanto, de vida de novellas; por isso lhe vou dizer só duas palavras de substancia. Alcancei um passaporte com muitos trabalhos, vim andando com calmas, fomes, sedes, suores, cansaços e outras miserias, até que cheguei a Roma a vinte e tres de Agosto pela manhãzinha.»

Quem era essa pessoa, assaz poderosa para fazer sahir do paiz um homem da tempera de Antonio da Costa? Governava então a diocese do Porto o bispo Fr. José Maria da Fonseca e Evora [1]; governava as

(1) V. *Obsequios, applausos e triumfos* com que foy recebido em Portugal o Exc., e Rever. senhor D. Fr. Joseph Maria da Fonseca e Evora. Lisboa, 1742 fol. de x inn. 286. pag. (recolhendo-se de Roma.)

Applausos etc. (jornada a Evora). Lisboa, 1741. fol. de LX inn. 104 pag.

Collecção dos Applausos etc. Lisboa, 1745, fol. de xx inn. 371, pag. (chegada á sua diocese, 5 de maio de 1743).

Qual a sua mocidade, quaes os seus estudos, qual a sua vida até aos 35 annos, quaes as causas da sua sahida de Portugal?—são perguntas a que não é possivel responder com segurança. Os seus estudos não deviam de ser vulgares; nas cartas III e V ha duas allusões á vida de Coimbra (pag. 20 e 43), mas isto não autorisa a affirmar que se formasse alli.

Quando Costa chegou a Roma, já sabia italiano (1); ahi mesmo deu lições de francez (pag. 37); sabia latim, sabia a theoria da musica a fundo, e tocava viola e rabeca superiormente; junte-se a estes estudos um talento raro de observação, uma critica segura, incorruptivel, prompta sempre a zurzir o ridiculo onde quer que o encontrasse, um desprezo profundo pelas formas convencionaes da sociedade, sobretudo quando essas formas serviam apenas de pretexto para encobrir ignobeis paixões e revoltantes injustiças—junte-se isto que se cifra em duas palavras gravissimas no meado do seculo XVIII: *liberdade de pensamento e da palavra* e ficará explicada a sua sahida de Portugal. Costa allude uma unica vez á pessoa que o fez sahir (pag. 38) por cuja porta passou quando disse adeus ao Porto: «desejava-lhe fallar; podia-lhe fallar n'aquella occasião; já então esperava que me serviria de muito o fallar com ella; e hoje, pelo que soube aqui, entendo que o mais certo era não sahir de Portugal, se lhe fallava. Cuida V. M. que nem por sombra me chega o menor arrependimento de o não ter feito?»

E com tudo Costa lá foi indo sem passaporte, sem meios, caminho de Hespanha: «Até Galliza, vim a tremer com medo de que me seguiriam. Em Galliza pas-

(1) Critica do sermão do P.e Antonio Vieira em italiano pag. 6 e 7. É provavel que soubesse o inglez, alias não se explicariam os seus varios projectos de se mudar para Inglaterra.

sei tristemente, sempre na duvida de se estava alí seguro ou não; até que me desenganei de que me era forçoso sahir de Hespanha. Pedi um passaporte em Santiago, e não m'o deram por não mostrar outro. Não tive remedio senão meter-me ao caminho sem elle. Em Castella ao pé de uma cidade que chamão Santo-Domingo de la Calzada quiz-me prender um official, e d'ali por diante vim sempre esperando todos os instantes o meterem-me n'um castello; assim vim atravessando França quasi até o fim, quando me começaram a perseguir por passaporte, e duas vezes estive preso, senão foram as minhas mentiras, que me fazia dizer a necessidade. Tornei para traz trinta leguas onde havia uma grande feira, que me tinham dito que estavam lá inglezes que haviam de vir á Italia; mas não achei nenhum que quizesse fazer tal jornada. Emfim Senhor, eu não posso dizer n'uma carta o que passei em quatro mezes, e tanto, de vida de novellas; por isso lhe vou dizer só duas palavras de substancia. Alcancei um passaporte com muitos trabalhos, vim andando com calmas, fomes, sedes, suores, cansaços e outras miserias, até que cheguei a Roma a vinte e tres de Agosto pela manhãzinha.»

Quem era essa pessoa, assaz poderosa para fazer sahir do paiz um homem da tempera de Antonio da Costa? Governava então a diocese do Porto o bispo Fr. José Maria da Fonseca e Evora [1]; governava as

(1) V. *Obsequios, applausos e triumfos* com que foy recebido em Portugal o Exc., e Rever. senhor D. Fr. Joseph Maria da Fonseca e Evora. Lisboa, 1742 fol. de x inn. 286. pag. (recolhendo-se de Roma.)

Applausos etc. (jornada a Evora). Lisboa, 1741. fol. de LX inn. 104 pag.

Collecção dos Applausos etc. Lisboa, 1745, fol. de xx inn. 371, pag. (chegada á sua diocese, 5 de maio de 1743).

Qual a sua mocidade, quaes os seus estudos, qual a sua vida até aos 35 annos, quaes as causas da sua sahida de Portugal?—são perguntas a que não é possivel responder com segurança. Os seus estudos não deviam de ser vulgares; nas cartas III e V ha duas allusões á vida de Coimbra (pag. 20 e 43), mas isto não autorisa a affirmar que se formasse alli.

Quando Costa chegou a Roma, já sabia italiano [1]; ahi mesmo deu lições de francez (pag. 37); sabia latim, sabia a theoria da musica a fundo, e tocava viola e rabeca superiormente; junte-se a estes estudos um talento raro de observação, uma critica segura, incorruptivel, prompta sempre a zurzir o ridiculo onde quer que o encontrasse, um desprezo profundo pelas formas convencionaes da sociedade, sobretudo quando essas formas serviam apenas de pretexto para encobrir ignobeis paixões e revoltantes injustiças—junte-se isto que se cifra em duas palavras gravissimas no meado do seculo XVIII: *liberdade de pensamento e da palavra* e ficará explicada a sua sahida de Portugal. Costa allude uma unica vez á pessoa que o fez sahir (pag. 38) por cuja porta passou quando disse adeus ao Porto: «desejava-lhe fallar; podia-lhe fallar n'aquella occasião; já então esperava que me serviria de muito o fallar com ella; e hoje, pelo que soube aqui, entendo que o mais certo era não sahir de Portugal, se lhe fallava. Cuida V. M. que nem por sombra me chega o menor arrependimento de o não ter feito?»

E com tudo Costa lá foi indo sem passaporte, sem meios, caminho de Hespanha: «Até Galliza, vim a tremer com medo de que me seguiriam. Em Galliza pas-

(1) Critica do sermão do P.e Antonio Vieira em italiano pag. 6 e 7. É provavel que soubesse o inglez, alias não se explicariam os seus varios projectos de se mudar para Inglaterra.

sei tristemente, sempre na duvida de se estava alí seguro ou não; até que me desenganei de que me era forçoso sahir de Hespanha. Pedi um passaporte em Santiago, e não m'o deram por não mostrar outro. Não tive remedio senão meter-me ao caminho sem elle. Em Castella ao pé de uma cidade que chamão Santo-Domingo de la Calzada quiz-me prender um official, e d'ali por diante vim sempre esperando todos os instantes o meterem-me n'um castello; assim vim atravessando França quasi até o fim, quando me começaram a perseguir por passaporte, e duas vezes estive preso, senão foram as minhas mentiras, que me fazia dizer a necessidade. Tornei para traz trinta leguas onde havia uma grande feira, que me tinham dito que estavam lá inglezes que haviam de vir á Italia; mas não achei nenhum que quizesse fazer tal jornada. Emfim Senhor, eu não posso dizer n'uma carta o que passei em quatro mezes, e tanto, de vida de novellas; por isso lhe vou dizer só duas palavras de substancia. Alcancei um passaporte com muitos trabalhos, vim andando com calmas, fomes, sedes, suores, cansaços e outras miserias, até que cheguei a Roma a vinte e tres de Agosto pela manhãzinha.»

Quem era essa pessoa, assaz poderosa para fazer sahir do paiz um homem da tempera de Antonio da Costa? Governava então a diocese do Porto o bispo Fr. José Maria da Fonseca e Evora [1]; governava as

(1) V. *Obsequios, applausos e triumfos* com que foy recebido em Portugal o Exc., e Rever. senhor D. Fr. Joseph Maria da Fonseca e Evora. Lisboa, 1742 fol. de x inn. 286. pag. (recolhendo-se de Roma.)

Applausos etc. (jornada a Evora). Lisboa, 1741. fol. de LX inn. 104 pag.

Collecção dos Applausos etc. Lisboa, 1745, fol. de xx inn. 371, pag. (chegada á sua diocese, 5 de maio de 1743).

Qual a sua mocidade, quaes os seus estudos, qual a sua vida até aos 35 annos, quaes as causas da sua sahida de Portugal?—são perguntas a que não é possivel responder com segurança. Os seus estudos não deviam de ser vulgares; nas cartas III e V ha duas allusões á vida de Coimbra (pag. 20 e 43), mas isto não autorisa a affirmar que se formasse alli.

Quando Costa chegou a Roma, já sabia italiano (1); ahi mesmo deu lições de francez (pag. 37); sabia latim, sabia a theoria da musica a fundo, e tocava viola e rabeca superiormente; junte-se a estes estudos um talento raro de observação, uma critica segura, incorruptivel, prompta sempre a zurzir o ridiculo onde quer que o encontrasse, um desprezo profundo pelas formas convencionaes da sociedade, sobretudo quando essas formas serviam apenas de pretexto para encobrir ignobeis paixões e revoltantes injustiças—junte-se isto que se cifra em duas palavras gravissimas no meado do seculo XVIII: *liberdade de pensamento e da palavra* e ficará explicada a sua sahida de Portugal. Costa allude uma unica vez á pessoa que o fez sahir (pag. 38) por cuja porta passou quando disse adeus ao Porto: «desejava-lhe fallar; podia-lhe fallar n'aquella occasião; já então esperava que me serviria de muito o fallar com ella; e hoje, pelo que soube aqui, entendo que o mais certo era não sahir de Portugal, se lhe fallava. Cuida V. M. que nem por sombra me chega o menor arrependimento de o não ter feito?»

E com tudo Costa lá foi indo sem passaporte, sem meios, caminho de Hespanha: «Até Galliza, vim a tremer com medo de que me seguiriam. Em Galliza pas-

(1) Critica do sermão do P.e Antonio Vieira em italiano pag. 6 e 7. É provavel que soubesse o inglez, alias não se explicariam os seus varios projectos de se mudar para Inglaterra.

sei tristemente, sempre na duvida de se estava alí seguro ou não; até que me desenganei de que me era forçoso sahir de Hespanha. Pedi um passaporte em Santiago, e não m'o deram por não mostrar outro. Não tive remedio senão meter-me ao caminho sem elle. Em Castella ao pé de uma cidade que chamão Santo-Domingo de la Calzada quiz-me prender um official, e d'ali por diante vim sempre esperando todos os instantes o meterem-me n'um castello; assim vim atravessando França quasi até o fim, quando me começaram a perseguir por passaporte, e duas vezes estive preso, senão foram as minhas mentiras, que me fazia dizer a necessidade. Tornei para traz trinta leguas onde havia uma grande feira, que me tinham dito que estavam lá inglezes que haviam de vir á Italia; mas não achei nenhum que quizesse fazer tal jornada. Emfim Senhor, eu não posso dizer n'uma carta o que passei em quatro mezes, e tanto, de vida de novellas; por isso lhe vou dizer só duas palavras de substancia. Alcancei um passaporte com muitos trabalhos, vim andando com calmas, fomes, sedes, suores, cansaços e outras miserias, até que cheguei a Roma a vinte e tres de Agosto pela manhãzinha.»

Quem era essa pessoa, assaz poderosa para fazer sahir do paiz um homem da tempera de Antonio da Costa? Governava então a diocese do Porto o bispo Fr. José Maria da Fonseca e Evora ([1]); governava as

(1) V. *Obsequios, applausos e triumfos* com que foy recebido em Portugal o Exc., e Rever. senhor D. Fr. Joseph Maria da Fonseca e Evora. Lisboa, 1742 fol. de x inn. 286. pag. (recolhendo-se de Roma.)

Applausos etc. (jornada a Evora). Lisboa, 1741. fol. de LX inn. 104 pag.

Collecção dos Applausos etc. Lisboa, 1745, fol. de xx inn. 371, pag. (chegada á sua diocese, 5 de maio de 1743).

justiças o chanceller José Pedro Emmauz (1); com relação ao primeiro encontramos uma allusão (pag. 59) sem valor algum; do segundo não diz Costa uma palavra. Além d'estas autoridades havia no Porto só o governador militar cujo nome ignoramos; o conflicto com este ultimo é improvavel. Costa éra adverso aos jesuitas, mas o conflicto historico com os jesuitas ainda vinha longe (2); as suas convicções politicas não as conhecemos; nas suas cartas não ha um indicio sequer de interesse partidario. O Marquez de Pombal cujo governo começava no momento em que Costa sahia do paiz merece-lhe só elogios (pag. 55). Alguem poderá, finalmente, duvidar das convicções religiosas do nosso auctor, e attribuiu a sua expatriação á intolerancia da epoca. Esta supposição tem certa plausibilidade; Costa era livre pensador em materia de religião, se avaliarmos as suas declarações debaixo do ponto de vista catholico; para elle, allemães, inglezes, hollandezes, castelhanos, italianos eram todos *christãos* (pag. 55); ao filho do seu melhor amigo, que desejava saber o proveito que colheria de uma viagem pela Europa responde Costa entre outras cousas: «V. M. não veria senão *a nossa mesma fé christã*». Fallando da má reputação em que os portuguezes são tidos na Europa attribue-a principalmente á sua intolerancia religiosa e á odiosa perseguição dos naturaes, chamados *christãos novos:*

«V. M. saiba que quanto mais me afasto de Portugal, em mais horrendo conceito acho estarem os portuguezes em materia de costumes. Chamam-nos aqui os homens mais barbaros de todo o mundo, os mais odiendos, mais vingativos, mais desconfiados, mais crueis, e em-

(1) A. Rebello da Costa. *Discripção topographica e historica da Cidade do Porto*. Porto. 1789, pag. 179.

(2) Costa allude a elle, Carta IX pag. 54.

fim, de quem se deve fugir como de uma nação de diabos, se a houvesse no mundo. O que lhe faz a esta gente maior horror é o odio que temos, e a crueldade com que tratamos, e viamos tratar, e castigar os nossos naturaes, nascidos de paes, avós, bisavos, etc. portuguezes, creados comnosco na escóla, e estudo, com a mesma lingua, e costumes, com as mesmas inclinações, e gostos, e com a mesma crença de christãos catholicos romanos; e certo que n'este ponto não se pode negar que tem mais que rezão; amar a quem é nosso inimigo actualmente, como nos aconselham os prégadores por bocca de Christo, é ao nosso parecer contra a natureza, e contra a razão; mas ter odio a quem nos não faz mal, antes bem muitas vezes e nos quer bem, e até nos parece em mil occasiões de um excellente natural, é uma das mais refinadas maldades a que póde chegar o coração humano, e indignissimo de perdão, se não nacesse de falta de juizo. D'esta materia acabarei de estallo, senão nunca acabo, porque nada me parece bastante para ponderar a tolice com que ajuisamos d'estes nossos patricios, chamando-os homens da *nação* como se não fossem da nossa, christãos novos, como se tivessem sido circumcisados no nacimento, criados na lei velha, e, depois de grandes, se fizessem christãos, como se fazem cá os judeus, e se faziam os de Portugal, quando lá os havia etc.; e o odio que mostramos nas nossas acções ter-lhes, sem a minima rezão, o despreso com que fallamos d'elles, a grande infamia de que os julgamos merecedores, (1) etc.?»

(1) Carta XI de 4 de Dezembro de 1779. p. 70-71. Em Vienna passavamos por fanaticos; em Roma por maus catolicos: «cá não sentem bem da nossa religião; abaixo dos francezes, nós.» (Carta IV pag. 23). «Elles (os romanos) fazem o mesmo conceito de Portugal, quem nós fazemos das terras de gentios.» (Carta III pag. 17). Os 188 milhões de cruzados

Nas primeiras cartas chovem as ironias sobre os «christãos velhos purissimos pela graça de Deus» que «procedem de gerações limpas como as estrellas» (pag. 19); alli transcreve ao Doutor a opinião de Fernandes de Castro sobre o milagre d'Ourique, sobre as prophecias de S. Bernardo, sobre as tramoias do arcebispo D. Rodrigo da Cunha em 1640 e sobre a superstição natural da nação portugueza a qual deu fé a essas tramoias, prophecias e milagres (pag. 21). Antonio da Costa acompanha a transcripção com palavras que não deixam a menor duvida sobre o applauso que elle dispensava, no foro da sua consciencia, a essas ironias do partidario de Castella. Mais adeante depois de fallar da febre do jogo ([1]) que lavra em Roma desde o papa até ao *lazzaroni*, estabelece um paralello entre o juizo, o senso commum dos portuguezes e o dos italianos: «mas já me parece que os portuguezes (ainda que de ordinario são grosseirissimos da cabeça) tem mais força no juizo, tal qual o tem cada um, do que os italianos; ajudará muito talvez para esta fraqueza que os romanos teem no seu o saberem mais do que nós d'estas cousas que aqui se apanham?»

Logo em seguida nos diz que cousas são:

«As mulheres aqui sabem muito da historia sagrada, ou da escriptura, dos papas, de milagres, das antiguidades e das ceremonias da egreja, do principado da egreja romana sobre todas», (pág. 23) a ironia não pode ser mais pungente! ([2]). Com a edade e com a experiencia Costa tornou-se mais severo; já não era o bea-

que D. João v despejára nos cofres da curia já estavam esquecidos.

(1) Carta IV pag. 21-24 era o *Lotto*; mandava-se jogar de França e de Inglaterra! O quadro da simonia romana a pagina 42.

(2) Sobre a hipocrisia religiosa em Vienna e Porto. Vide pag. 78 e 79.

terio, a credulidade nas tramoias e milagres o que elle condemnava; ia mais longe: «V. M. saiba dizer-me, se entre os sabios que consulta para saber *aquellas cousas bonitas de que não temos experiencia nem pelos sentidos, nem pelo juizo* achou já algum que lhe explicasse ao menos uma com a clareza que V. M. deseja?» (1). E' a linguagem do livre pensador. Parece que já antes de partir do Porto era tido por lutherano, ou pouco menos:

«V. M. se vá regalando com essas beatices que, quando parece que vão a extinguir-se em Portugal, revivem com mais força e maior descaramento; não lhe farei nenhuma das minhas prégações n'esta materia que tanto me convida a isso; porque tenho medo que o saiba o snr. José Alberto, ou outros d'estes santos por arte; não porque me podessem fazer nenhum mal em Vienna, mas porque talvez seriam causa de se dar um grande escandalo no Porto, contando a algumas pessoas que eu me tinha feito lutherano em Allemanha, sómente por entenderem que bem o mostravam as palavras com que eu fallava da santidade por modo sécia, ou interesse de todas as castas» (2).

Esta liberdade de pensamento em materia de religião era resultado da educação litteraria e scientifica do autor. Costa revela-se discipulo de Locke (3) ainda em outras passagens das suas cartas. Na carta XII explica o Abbade a Manoel Gomes da Costa (filho do *Doutor*) as vantagens e desvantagens da leitura de livros (4); recommenda-lhe em tudo exame e

(1) Carta XIII pag. 80. *Nihil est in intellectu quod non fuerit antea in sensu;* é a influencia das ideias de Locke.

(2) Carta XIII pag. 79. Mais beatices no Porto a pag. 78.

(3) John Locke (1632-1704). *An essay concerning human understanding*. London, 1690.

(4) Sobre o proveito das viagens V. pag. 56, 64 e 75-76.

critica propria, que não se fie em autoridades, que julgue valendo-se unicamente da sua *pura experiencia*, do seu juizo «que entre os outros dons que *recebemos da natureza* (1) é, sem nenhuma comparação, o mais estimavel de todos».

A defeza dos christãos novos por parte de Costa poderia acordar a suspeita que o autor pertencia a esta seita; ha um outro indicio (2) que pode, á primeira vista, avivar essa suspeita, mas prova não ha. Costa, segundo nos parece, está acima de qualquer questão de seita e fora de todo e qualquer ponto de vista theologico; elle argumenta com outras armas e gloria-se até que o chamem *philosopho* (pag. 60). No ponto de vista philosophico em que estava, haveria tomado a defeza do protestantismo, com o mesmo ardor, entre mãos. Em Portugal semelhantes ideias eram hereticas, expiavam-se na fogueira.

Conhecida e caracterisada a profissão de fé de Antonio da Costa pouco importa saber-se quem fôra esse individuo que o obrigára a fugir (3) do Porto; elle havia de sahir, mais dia menos dia, era fatal!

Esse homem levava alem da bagagem perigosa das suas idéas sobre moral, religião e philosophia — ainda uma outra cousa comsigo, não menos perigosa para aquelle que se acha sem recursos no mundo: um caracter indomito. Chegou a Roma; os italianos pareceram-lhe despreziveis— (4) «dobram-se como cera» (pag. 18). Antonio da Costa para não ficar devedor a essa gente vivia assim: «dez reis de pão ao jantar e

(1) Mais uma prova de que o autor abandona o ponto de vista theologico.

(2) A scena com o christão novo José Franco, pag. 19. O nome Costa é frequente entre os judeus portuguezes.

(3) Não se despediu sequer dos amigos mais intimos pag. 1.

(4) Outras sentenças sobre os italianos, pag. 42, 45.

dez reis á noite e se alguma vez comprei cinco reis de fruta era um banquete». Esta bella vida durou mais de quatro annos [1]. Chegado quasi o momento da sua nomeação para capellão numerario de Santo Antonio dos Portuguezes parece que teve de sair [2] de Roma, onde esperára quatro annos debalde pela *demissoria* que lhe promettera Monsenhor de Almada (pagina 41). Em Vienna, para onde se mudou, teve de viver com meio florim ou dous tostões [3] da missa (pag. 60 e pag. 71) porque regeitou casa, cama e meza que alguem [4] lhe offerecia gratuitamente. Em Pariz negára-se a acceitar os maiores offerecimentos ao embaixador D. Vicente de Souza. A recusa de voltar para Portugal [5] (porque elle affirma que podia voltar, querendo) fundamenta-a elle com a mesma necessidade de manter a sua independencia pessoal; receiava tambem o clima do Porto (pag. 59).

O abbade Costa explica singelamente os motivos que o levaram a recusar todos esses favores e ficar o que era: «um dos clerigos mais pobres de Vienna» (pag. 60). Elle sabia calcular o que lhe podia render o seu talento na viola ou na rabeca (pag. 61), a sua

(1) Aqui viverei descançado etc. pag. 42. Carta de 20 de maio de 1754.

(2) Esta sahida é um enigma! Elle ganhava a 20 de maio de 1754, dez Paolos por mez, alem da casa, cama e mesa; tres mezes depois (30 de Agosto) ganhava tres mil reis por mez, alem de casa, cama e mesa, com esperança de mais tres logo que tivesse a demissoria. Mudar para Vienna era recomeçar. Não iremos muito longe suppondo que foram desintelligencias com os seus collegas, os clerigos de Santo Antonio, que o levaram a voltar as costas a Roma. Costa não lhes fazia boas ausencias (pag. 4 e 41).

(3) Burney diz 15 *pence* quantia que corresponde.

(4) Provavelmente o Duque de Lafoẽs, D. João de Bragança.

(5) Carta de 23 de julho de 1774, pag. 55.

sciencia de compositor, (ibid.) o seu amor á verdade (pag. 15), a sua extrema franqueza (pag. 38), a sua demasiada austeridade (pag. 39).

Elle conhecia que ignorava as artes e boas manhas com que se cria e amansa um publico (pag. 40) e se enche a vontade a um amo (pag. 61 e 62)—«não é pouco que eu ao menos me conheça...» (pag. 39). Elle protesta contra aquelles que já no Porto o queriam culpar por intolerante e orgulhoso ([1]).

As paginas (60 a 63) em que Costa explica os motivos por que recusou os offerecimentos do Visconde de Villa-Nova em Roma e de D. Vicente de Souza em Pariz são cheios d'uma sã philosophia; elle considerava as convenções ficticias, o charlatanismo da sociedade como Rousseau; a hypocrisia social não lhe valia o menor sacrificio. Não é acaso haver-lhe Burney ([2]) chamado «uma especie de Rousseau, mas muito mais original». Embora o philosopho francez lhe leve vantagem como homem de genio que é, tem de abdicar diante do caracter puro, stoico do humilde abbade. Costa exigia respeito absoluto á verdade, concordancia nas palavras e nas acções (pag. 39) e, primeiro que tudo, o γνωθι σαυτον do oraculo ([3]).

Se nas suas sentenças não poupa os seus patricios mostra o seu affecto defendendo-os das accusações injustas dos extrangeiros que elle critica com a mesma impassibilidade e severidade ([4]). N'um ponto parece-nos

(1) «Mas não quero, como alguns ahi suppunham, que as minhas palavras sejam sentenças, pag. 28 e 29. A passagem: «Não sou (pag. 28) até—sentenças» (pag. 29) é caracteristica, a este respeito.

(2) Op. cit. I, 256.

(3) «Conhece-te a ti proprio» inscripção do templo de Delpho.

(4) Comparação do talento musical dos portuguezes e italianos (pag. 15 e 16); juizo do caracter dos italianos (pag. 22 e 23); do caracter dos allemães (pag. 64, 67) do caracter dos francezes (pag. 57 e 58, 74 e 75).

haver encarecimento, é na preferencia muito accentuada que elle dá ás mulheres portuguezas ([1]) sobre todas, em materia de juizo, espirito e bom gosto.

II

Apezar de misanthropo Costa sabia ser jovial entre amigos, expansivo e grato aos favores recebidos ainda aos mais insignificantes. Elle admirava a natureza ([2]) como um artista que a retrata; em phrase singela, não despida de poesia, fixa elle, ainda que raras vezes, a impressão recebida (pag. 32, 34, 41). É a campanha á volta de Roma que lhe arranca esses suspiros; o clima benigno da Italia encanta-o, não perde uma occasião em que o possa louvar (pag. 32, passim). As obras d'arte da cidade eterna parecem-lhe sumptuosas (paginas 2, 17, 18); e posto que não entenda d'essas cousas lá vae contando aos amigos o que vê na «*arquitectura de que lá se falla com tanta pasmaceira*» (pag. 44). De uma outra cidade italiana, não menos celebre na historia politica moderna e na historia da arte, de Veneza, não ouvimos eguaes elogios. «Inda não vi cidade grande tão feia nem espero de vel-o» (pag. 49); canaes escuros, funebres; becos estreitos; casas de cinco andares em que a architectura gothica consente apenas janellas estreitas, ponteagudas que não dão luz nem ar; uma população pouco jovial; silencio absoluto nas ruas e nas praças, e em vez do rodar inquieto

(1) Comparação das portuguezas com as italianas paginas 35, 41, 43, 48.

(2) Em Veneza nota Costa, muito caracteristicamente, a falta de campos e arvores (pag. 50).

e provocador dos carros, o deslizar mysterioso das gondolas cobertas de bacta negra como se houvesse uma perpetua funcção de enterro -- «gosto verdadeiramente do tempo dos godos, que os Venezianos conservam em quasi tudo» (pag. 50); se não foram as bellas lojas a cidade poderia passar por um «curral de cabras (1)». Peor um pouco é a descripção de Paris (pag. 56 a 58). Afora as Tuilherias e o Palais-Royal tudo o mais ordinarissimo (sic); a gente tambem ordinaria e porca, o movimento das ruas sem interesse; os celebrados coches reduzidos a *fiacres* nojentos de per meio com cadeirinhas com rodas, puchadas por maltrapilhos etc. Áquelle que julgar haver exagero na descripção de Costa recommendamos que leia os proprios autores francezes do seculo XVIII. Boileau dizia em 1660 que Paris era uma cidade porca *(Embarras de Paris)*. Montesquieu *(Lettres persanes)* achou-a ainda mais porca em 1720. Saint Evremond escrevia em 1698: «Ainda que não chova quasi nunca deixa de haver lama nas ruas», e a lama de Paris — *Lutætia Parisiorum!* — era celebre pela sua côr negra, força corrosiva e cheiro penetrante. As frentes das casas tinham ennegrecido em geral, apresentavam um aspecto sordido e ameaçavam ruina; os patios interiores eram pequenos, sombrios e infectos; dentro das habitações respirava-se um ambiente fétido. As calçadas não valiam mais que as casas; concertavam-se de longe em longe, quando a rua se tornava intransitavel; de resto, não era facil analysar o seu estado, pois as pedras desappareciam debaixo de uma camada de estrume e de immundicies. O esgoto, que corria no meio, transformava a rua — logar de despejo para tudo e todos — n'um pantano em que chapinhavam cavalleiros e peões. Em 1789 o

(1) Costa gaba apenas o palacio dos Doges, a praça de S. Marcos e os quatro celebres conservatorios de musica (v. notas).

P.e Manuel *(Police de Paris dévoilée)* carregava este quadro immundo com mais algumas côres: «Espanta-se a gente da attitude da policia e dos abusos que ella tolera; não ha passeios, as goteiras surgem de todos os cantos, as lampadas ficam por acender, as immundicies das latrinas infiltram-se por toda a parte....» A fachada do *Louvre* estava obstruida por uma linha de barracas «dignas dos Godos e dos Vandalos»; os mercados publicos, estabelecidos em ruas estreitas, eram fócos de infecção e de continuas desordens; o centro da cidade, amontoado informe, hediondo de casebres «representava a epoca da mais vergonhosa barbarie». É Voltaire que diz isto. Mirabeau *(l'Ami des hommes)* mencionava apenas as pontes e os cáes da cidade, que era aproximadamente o mesmo que havia chamado a attenção de Costa (1).

Demorámo-nos n'este ponto para tornar bem saliente a razão que o Abbade tinha para dizer que se illudiam aquelles que acceitavam de boa fé as descripções palavrosas dos viajantes. A sua estada em Paris devia de ser curta; não gostou da grande capital e menos ainda da gente franceza; voltou pois para Vienna. Antes de o seguirmos para alli temos de passar um exame ao quadro que elle traça do estado da arte em Roma.

III

Antonio da Costa não é menos severo no juizo que fórma das producções da arte. Homens pequenos, arte pequena, bastarda.

(1) Vid. P. Lacroix. Na obra: XVIII *siècle*. Paris, Didot, 1875 8.º gr. no capitulo XIII: *Aspect de Paris*, pag. 321—356.

Elle queixava-se da decadencia e tinha de certo razão; a arte para Costa, como para todos os contemporaneos, era o canto. Gluck proclamava isto mesmo (1) Metastasio dizia a Burney: *è perduta la scuola; non si trova questa maniera* (2) *di cantar; domanda troppa pena per i professori d'oggidì*. Hasse assignava egualmente esta sentença e declarava que a arte do canto morrera com Pistocchi, Bernachi e Porpora (3) (B. I-312). O ruido da orchestra que abafava as vozes, o *turi-furi*, como o abbade diz, pittorescamente, era censurado tambem por Metastasio: «Elle disse que não pensava que existisse hoje (1772) um só artista capaz de sustentar a voz segundo o estylo uzado pelos antigos cantores. Desejei saber a razão d'isso, e elle concordou na minha idéa: que a musica de theatro se havia tornado demasiadamente instrumental, que as *cantatas* do começo d'este seculo que não tinham mais acompanhamento de que um cravo ou um violoncello domandavam uma arte de canto superior á actual e punham o cantor em relevo. O *accompanhamento ruidoso*, hoje em voga, serve tanto para abafar bellezas como para encobrir defeitos» (Burney I-301).

Queixa-se Costa, não só do canto italiano, mas das operas italianas, em geral: «estas celebradas operas não são tanto o céo aberto como a nós se nos apresentam, antes de as vermos» (pag. 27); cansa-o a mo-

(1) Prologo da *Alceste* (1769) transcripto por Nohl. *Musiker-Briefe*. Leipzig, 1867. 8.º, pag. 3-5, onde tambem se acha de pag. 8-11 O prologo de *Paride ed Elena* (1770) partitura dedicada ao Duque de Lafões. Guy de Charnacé traduziu a compilação de Nohl. Paris, Plon.

(2) O italiano refere-se á *Signora* Martinez, sua pupilla, dotada de um talento maravilhoso na arte do canto V. Burney I-307-309.

(3) Fétis aponta Crescentini como o ultimo d'essa grande raça de cantores phenomenaes. V. tambem P. Tosi *L'art du chant* trad. de Th. Lemaire, Paris, 1874 8.º (1723. Bologna).

notonia dos libretos, e quem, lançando um olhar sobre a obra de Larousse, (1) não lhe dará razão? Queixa-se Costa da miseria da *mise-en-scène* (2) (p. 25), que não valia a dos frades (3) de S. Domingos, (ibid.) e queixa-se finalmente do publico italiano, turbulento, fanatico, inconstante—tudo isto não é novo para aquelles que estudam a historia da arte, tudo isto tem sua prova.

Costa criticava não menos severamente o estylo dos violinistas de Roma e provavelmente com razão; os

(1) F. Clément e P. Larousse. *Dictionnaire lyrique ou histoire des Opéras.* Paris, 1869 (s. d.) e. 2 suppl.

(2) É sabido que o theatro real da grande Opera em Lisboa, destruido pelo terremoto, era o primeiro da Europa. Servandoni, Bibiena, Azzolini realisavam alli os ultimos problemas da scenographia; Servandoni foi disputado á côrte de Portugal pelas côrtes de França, Inglaterra e Polonia, as mais perdularias d'aquelle tempo. O Visconde de Santarem pertende que esta grande Opera consumiu sommas equivalentes, proporcionalmente, ás de Mafra. (Quadro elementar vol. VIII. pag. XLVII V. o nosso *Ensaio sobre a Historia da Opera* em Portugal. *Musicos portug.* I-172-187. biogr. de D. José.

(3) Até hoje a primeira opera representada no Porto era *Il Trascurato* drama giocoso de Pergolese, em 1762, no theatro do Corpo da Guarda a 15 de maio (V. a noticia e analyse da *Gazeta literaria* de Francisco Bernardo de Lima Lisboa, 1762. 4.º no vol. II. pag. 96-110.) A citação de Costa (pag. 25) prova que houve opera portugueza no Porto antes de 1750, anno em que elle sahiu da patria Fique aqui consignado que no archivo musical da Bibliotheca Real d'Ajuda vimos duas partituras de operas portuguezas de Francisco Antonio d'Almeida:

La Spinalba, overo il vecchio matto. Dramma comico da rappresentarsi nel real Palazzo di Lisbona per il carnovale di quest'anno 1739. Posto in musica per... *ms.* original em 1 grosso vol. 4.º obl. de encadernação ordinaria; e:

La pazienza di Socrate. Partitura incompl., só o 3.º acto 1 vol. cart. O nosso amigo Joaquim Jose Marques cita a primeira opera nos seus execellentes artigos da *Arte musical*, n.º 34 do 1.º anno p. 2: *Chronologia* da *Opera em Portugal*, serie de artigos do n.º 21 a n.º 48 do dito jornal; não falla porém da segunda.

dois *bravi:* Erba e Ghilarducci não passaram á historia; não mereceram menção a ninguem (1), nem sequer a Burney que esteve em Italia pouco depois de Costa (2). Mas o abbade não condemna tudo. A excepção que elle faz em favor de Nardini (3) é uma prova do seu bom criterio, da sua imparcialidade, como as outras excepções em favor de Giziello e Caffarelli (4) (pag. 26 e 27).

O que se conclue da sua critica no que diz respeito aos violinistas? Que a escóla de Tartini estaria mal representada em Roma de 1750-1754. A critica dos outros pontos confirma-se em todos, á luz da historia.

A arte não o podia, já se vê, captivar em Roma; a vida era facil, commoda, *descançada,* tal como elle a desejára sempre, mas o abbade ou se aborreceu da gente de Roma ou se indispoz com a gente de Santo

(1) O unico que cita Ghilarducci é Fétis (v-157); tres linhas: «violinista italiano,viveu meado seculo XVIII; existe d'elle um *concerto* de violino, gravado em Paris, sem data» Vide sub. Guilarducci. Os outros musicographos antigos e modernos := Forkel, Gerber, Chóron et Fayolle, Mendel não fallam de nenhum dos dois; nem sequer as obras especiaes sobre a historia do violino de Wasielewski, Vidal etc. lembram os seus nomes.

(2) V. Burney. *The present state of Music in France and Italy.* London, 1771. 8.º Os melhores violinistas que B. encontrou em Roma em 1770 foram Celestini, disciplulo de Tartini e Ruma.

(3) Nardini (1722-1793) era uma natureza elegiaca (Vide: Wasielewski. *Die Violine und ihre Meister,* pag. 93.) que devia ser sympathica ao Abbade Costa.

«O *Bravo* de Leorne chama-se o Senhor Nardini; accompanhei-lhe quatro sonatas a solo em casa do Cardeal Spinelli que está aqui vezinho; toca muito bem; tem uma affinação soffrivel, não se metendo em vozes (cordas duplas?); tira uma voz natural e muito boa á rabeca, e toca com grande limpeza, comparando-o com os tocadores de Roma».

(4) Sobre estes dois artistas V. *Musicos* Vol. I, pag. 180 e 185 n. *q* e *r;* pag. 186 n. *cc;* Santarem *(Quadro* vol. VIII, pag. XLVII e XLVIII, n.)

Antonio. «Em Roma é bom tudo o que não falla» (pagina 35); o sentido é claro e a conclusão superflua. Os hospedes de Santo Antonio não agradavam a Costa, como vimos. «Resolvi-me a ficar aqui, em quanto não ha cousa que me obrigue a sahir, como houve lá» (pagina 41). Fosse qual fosse o motivo por que não ficou na capital catholica o certo é que sahiu para o norte, e foi dar a Vienna, *the imperial seat of music*, na phrase de Burney (I-364).

IV

O periodo da sua vida em Vienna é um dos mais interessantes e um dos menos desconhecidos, graças ás noticias que pudémos descobrir n'um livro, hoje raro e estimado. As viagens de Burney ([1]) em Allemanha são a unica fonte de noticias sobre a vida do Abbade Costa e talvez o unico testemunho litterario do seculo XVIII que salvou a memoria do abbade portuguez. Burney chegou a Vienna em principio de Septembro de 1772 com boas cartas de recommendação, mas estas não abriam todas as portas. O sabio inglez conta (I-229) que uma pessoa de alta linhagem lhe confessára haver feito durante cinco annos de estada em Vienna esforços baldados para se relacionar com Metastasio. O abbade italiano tinha o seu *lever* como qualquer principe e dava audiencia á primeira nobreza de Vienna só quando sentia vontade de a aturar. Gluck ([2]) e

(1) Ch. Burney. *The present state of Music in Germany, the Netherlands and the United Provinces.* London, 1773. 2 vol. 8.º

(2) «E' um verdadeiro dragão de que todos teem medo» *Op. cit.* I-255. Vide o estudo de Mr. G. Desnoiresterres. *Gluck et Piccini.* Paris, 1872. 8.º

Hasse (1) faziam outro tanto. Wagenseil, Gassmann, Wanhal (2) e outros *dii minores* não se tinham em menos conta; n'estas circumstancias um *cicerone* como o Abbade Costa valia mais do que ouro; a elle e ao Abbade Taruffi, (3) outro typo original, deveu Burney as melhores relações que adquiriu em Vienna.

Foi em casa do embaixador inglez Lord Stormont que Burney travou relações com Costa. O Duque de Lafões já o havia informado n'uma reunião anterior em casa do mesmo lord ácerca do caracter de Costa. Estas explicações juntas ás que Lord Stormont e um outro *grand amateur* de Vienna Mr. L'Augier (4) lhe haviam fornecido, despertaram vivamente a curiosidade do sabio inglez. Um simples abbade que occupava a attenção e despertava o interesse de um prin-

(1) Sobre este compositor V. *Musicos Portuguezes.* II-132. Foi elle que disse de Mozart, no auge da sua gloria: «*Esta criança fazer-nos-ha esquecer a todos*» V. Riehl. *Musikalische Charakterköpfe.* Stuttgart, 1868, I-117 e seg.

Estes tres compositores do seculo XVIII merecem duas palavras:

Wagenseil foi o compositor da moda para o cravo antes da vinda do Messias (Mozart). Morreu em 1779 com 92 annos. Foi a este velho que Mozart disse em 1762 n'um sarau do Imperador Francisco I: *Monsieur, je vais jouer un de vos concertos, veuillez me tourner les pages.* Tinha o velho 75 annos e o novo 6.

(2) Gassmann fez o Catalogo da Livraria imperial de musica de Vienna; morreu em 1774, tendo nascido em 1729 (V. Fétis vol. III-415-417). Wanhal (1739-1813) foi um dos arcades do piano, antes de Mozart.

(3) Estes abbades italianos de Vienna eram de quilate especial. Burney falla de um que se entretinha a recitar ás suas visitas traducções de Bocaccio e de Voltaire *(L'art d'élever une fille)....* «the loosest tales». Burney, I-291; II-323. No meio d'esta gente Costa!

(4) Mr. L'Augier tinha corrido a França, Hespanha, Italia, Turquia, e estivera tambem em Portugal, onde travára relações com Domenico Scarlatti. Burney ouviu-lhe com agrado canções bohemias, hespanholas, turcas e portuguezas. L'Augier tinha aprendido o cravo com Scarlatti. (V. Burney I-247-253).

cipe do sangue real, de um embaixador de uma grande potencia, de amadores millionarios e que, apesar da sua extrema pobreza, se fazia rogar para apparecer nos primeiros salões de Vienna pareceu lhe uma raridade. O Duque de Lafões havia-o pintado com dous traços: É summamente difficil no capitulo *visitas;* recusa todos os presentes, seja de que modo fôr; vive de uma missa que lhe rende 15 pence ([1]) por dia; não falla a ninguem e detesta que fallem d'elle. As suas ideias artisticas, dizia ainda o Duque são tão singulares como o seu caracter; é um inimigo declarado de Rameau; odeia a *Basse fondamentale* ([2]) «como a mais absurda de todas as invenções, porque destrue tudo o que seja phantasia, logica de ideias e senso commum musical».

Esta amostra bastou a Burney; decidiu-se a arrostar com o abbade e não descançou emquanto o Duque de Lafões lhe não prometteu usar de toda a sua influencia: *to do all in his power*—para trazer o misanthropo ao salão de Lord Stormont no proximo sarau musical. O duque fez o quasi milagre e trouxe o Abbade Costa á sala onde já estavam o Principe de Poniatowsky irmão do rei de Polonia, o embaixador portuguez, os Condes de Thun, o Conde de Brühl e outros membros da alta aristocracia viennense. Costa não se fez rogado, pegou na guitarra e sahiu-se com um *andante* e um *presto* ([3]). «As suas composições, diz Burney (I-285), não são menos originaes pela modelação do que pelo rhytmo, o qual é muito difficil sen-

(1) Costa accusa nas suas cartas meio florim; sendo 15 pence egual a 30 kreutzer, segundo Burney, devia o florim ter então apenas 60 (hoje tem 100).

(2) Vid. para mais B. I-257, e Fétis. VII-167; quem ler a exposição de Fétis verá que o abbade Costa tinha muito que reparar no livro de Rameau.

(3) Burney (I-286) transcreve o thema dos dois *tempos*.

tir em virtude da sua singular configuração e por isso mesmo difficil de fixar com tal ou qual exacção».

Ao jantar, Burney ficou entre o abbade Costa e Gluck... «todos tres fallámos mais do que comemos» (I-286). Depois recomeçou o concerto. Costa pegou d'esta vez na rabeca para tocar um *duo* da sua lavra com o violinista Startzel; este, excellente executante e bom musico, não deu conta da tarefa, apezar de vinte ou trinta tentativas (sic, B. I-288), tal era a difficuldade da composição em estylo e em rhytmo. Passados poucos dias o Abbade Costa foi procurar Burney mui cedo, de madrugada, e depois de um longo discurso musical convidou-o a ouvir algumas peças de guitarra em sua casa *em paz e socego*. Costa queixou-se do ruido em casa de Lord Stormont, e declarou que odeava mortalmente os concertos de mais de dous ou tres ouvintes. Burney cedeu aos desejos do abbade e trepou mais de quatro andares, a umas aguas furtadas, onde Costa morava. Ahi repetiu, no meio d'um silencio absoluto, as mesmas peças que Burney ouvira anteriormente, produzindo na verdade muito mais effeito. O critico inglez conclue notando as mesmas qualidades: originalidade nas idéas e na factura harmonica; e os mesmos defeitos: repetição excessiva dos mesmos themas.

Costa parece que se affeiçoou d'ahi em diante a Burney, correndo a *via sacra* das visitas com o sabio inglez, mister penoso para um homem que não tinha nem carro nem cavallos e dispunha apenas de 15 pence diarios para comer, vestir e calçar!

A vida em Vienna era difficil—«tudo é caro em Vienna», dizia Burney (I-363) «e o que ha de mais caro é a musica da qual nada ha impresso». O pobre abbade, com os 15 pence, nem tinha com que pagar copistas, nem com que pagar uma entrada n'um dos dois theatros da capital; o logar mais barato custava·

lhe 16 kreutzer, isto é, mais de metade do que elle ganhava n'um dia. Costa vivia honrado e dignamente com 30 kreutzer, quando os seus amigos Wagenseil e Metastasio se regalavam, um com 1500-1600 florins, e o outro com 500 libras esterlinas de pensão imperial.

Foi Costa quem apresentou Burney a Wagenseil, (1) a Gassmann e outros, sempre... *playing the percursor*. O segundo, Gassmann, *maestro di capella della corte imperiale* tinha em seu poder a chave que abria os immensos thesouros artisticos da Bibliotheca imperial, o que prova pelo menos a frequencia d'este deposito por parte do abbade. Esta segunda apresentação abria pois a Burney uma collecção inexgotavel, ciosamente guardada.

Burney conta-nos que antes de despedir-se de Costa tivera com elle uma longa conferencia musical (I-363) e que trocaram as suas addresses «a fim de conservar sempre viva a nossa amisade por meio d'uma correspondencia litteraria.»

Não sabemos dizer se essa troca de cartas teve logar, mas em tudo quanto Burney refere do abbade transparece a estima que lhe merecia o nosso patricio, que elle intitula sempre: *my friend, the ingenious and worthy portuguese abbate* (I-337).

(1) Costa parece ter vivido intimamente com o primeiro. Burney encontrou-o ainda mais duas vezes em casa d'elle (I-337, 363).

V

Já consignámos (pag. XI) os factos biographicos posteriores á epocha que acabámos de analysar. Costa morreu passados oito a dez annos; n'um canto obscuro da grande capital, n'umas aguas furtadas, entre quatro paredes núas expirou esse pobre velho que em Portugal quizera levantar o veu á verdade, antes do tempo. Diante de si duas perspectivas: o exilio ou a fogueira; não havia que hesitar; uma vez expatriado tinha a escolher ou o serviço nos salões viennenses — *aurea servitus* — ou, com o isolamento, a pobreza extrema. Nem todos decidiriam como o abbade portuguez que, podendo ter tudo, tudo recusou e continuou a ser em Vienna o mesmo Antonio da Costa que fôra no Porto [1].

O seculo XVIII offerece alguns caracteres d'esta tempera; em Portugal são raros. Não faltaram portuguezes que déssem gloria ás sciencias, ás lettras, ás artes n'esse seculo, mas para poderem respirar e triumphar tiveram de sahir da patria. Foi o que aconteceu com Antonio Ribeiro Sanches (1693-1783), com a illustre Todi (1753-1833) e com Marcos Portugal (1762-1827), com o Duque de Lafões (1719-1806), com Gomes Freire (1759-1817), com Filinto Elysio (1734-1819), com Vieira Portuense (1766-1805) e com Sequeira (1768-1837), com Verney (1713-1792), com Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780), com o cavalleiro de Oli-

(1).... «conto-lhe a V. M. todas estas cousas, porque me parece que V. M. terá gosto de ver que eu atégora sou o mesmo Antonio da Costa duro que fui lá (pag. 56)». Carta ao Doutor de 23 de julho de 1774, vinte e quatro annos depois de sahir do Porto.

veira (1702-1783), com o Abbade Serra (1750-1823), e com o Abbade Costa.

Em Portugal ficou um só homem, o Marquez de Pombal (1699-1782); ficou para tragar o fel das decepções com oitenta annos!

Esses, que sahiram, levantaram o nome portuguez á maior altura. Emquanto um salvava a vida (1) a Catharina II, o outro recebia Gluck e Mozart nos seus salões (2); este occupava o buril do celebre Bartolozzi, aquelle fazia echoar os theatros do continente com as suas melodias traduzidas em quasi todas as linguas europeas (3).

E' quasi impossivel decidir a quem compete a palma, se ao pedagogo que creava a instrucção dos surdos-mudos (4), se ao sabio que desmascarava o systema atrophiador da educação jesuitica; se á philomela (5) que

(1) *Memorias de* Catharina I publicadas por A. Herzen, em allemão. Hannover. 1863, 2.ª ed. pag. 11.

(2) Vide a nossa biographia do Duque de Lafões na *Arte musical* n.º 35 e 36 com factos completamente desconhecidos aos snrs. Mendes Leal, Teixeira de Vasconcellos e todos os mais que fallaram do Duque. O primeiro fez-lhe um *Elogio historico (Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias* Tom. II, Parte II, Lisboa. 1861) pobre de factos, e um artigo biographico *(Archivo pittoresco,* vol. IX, 1866, pag. 145-147) mais pobre ainda; o segundo (*Glorias portuguezas* vol. I (unico) pag. 102-104) nada addianta ao primeiro. O snr. Pinheiro Chagas (*Portuguezes illustres* 2.ª ed. 1873, pag. 138) copiou de um e outro. A Academia ainda não saldou a sua divida ao seu fundador!

(3) Vid. a lista das operas de Marcos Portugal cantadas em allemão, em inglez, em russo etc. *Musicos portuguezes,* no vol. II, pag. 132. Quadro synoptico.

(4) Vid. *Archivo pittoresco.* vol. XI, pag. 265-267 artigo do snr. Pinheiro Chagas.

(5) Vid. os trabalhos sobre Luiza Todi:

Musicos portuguezes. vol. II, pag. 199-227.

Dr. Ribeiro Guimarães. *Biographia de Luiza de Aguiar Todi.* Lisboa, 1872. 8.º

Luiza Todi. Estudo critico. Porto, 1873. 4.º, pelo autor.

Luiza Todi. (Novos additamentos). *Arte musical,* 1874 n.º 37 e 38, pelo autor.

enfeitiçava a Europa, se ao principe que se exilava voluntariamente para deixar o poder ao reformador do paiz. Todos esses nomes foram amados e odiados em Portugal, segundo o favor dos tempos, segundo o capricho das massas que divinisam hoje para insultar ámanhã; todos esses nomes tiveram tom e som fóra do paiz; foram alli admirados, tanto ou mais do que na propria terra natal. Entre nós, quasi que já não ha hoje quem lembre o que o mundo lhes deve.

CARTAS

DE

ANTONIO DA COSTA

...a kind of Rousseau, but still more original.

(BURNEY I-256).

INDEX ONOMASTICO (*)

***) Os nomes precedidos de uma estrella são de musicos. A abreviatura *ps.* significa pseudonymo.**

(Roma, 6 — 10 — 1750)

Snr. João Peixoto.— Ha muito tempo que lhe queria escrever, mas não no fiz por lhe querer poupar tres tostões de porte. Se esta lhe chegar á mão lhe ha de custar mais de um vintem, ou nada, se me resolver a metel-a dentro da do Doutor. Eu creio que V. M. estará muito picado por eu sahir do Porto segunda vez sem me despedir de V. M. com todas as ceremonias, mas bem póde ter a consolação que agora inda o fiz com mais razão, porque o meu caso assim o pedia. V. M. já saberá pelo Doutor, o tempo que gastei na jornada. Agora quero-lhe dizer algumas cousas das que V. M. desejará saber a meu parecer. Até Galliza, vim a tremer com medo de que me seguiriam. Em Galliza passei tristemente, sempre na duvida de se estava alí seguro ou não; até que me desenganei de que me era forçoso sahir de Hespanha. Pedi um passaporte em Santiago, e não m'o deram por não mostrar outro. Não tive remedio senão meter-me ao caminho sem elle. Em Castella ao pé de uma cidade que chamam Santo-Domingo de la Calzada quiz-me prender um official, e d'ali por diante vim sempre esperando todos os instantes o meterem-me n'um castello; assim vim atravessando França quasi até o fim, quando me começaram a perseguir por passaporte, e duas vezes estive preso, senão foram as minhas mentiras, que me fazia dizer a necessidade. Tornei para traz trinta leguas onde havia uma grande

feira, que me tinham dito que estavam lá inglezes que haviam de vir á Italia; mas não achei nenhum que quizesse fazer tal jornada. Emfim Senhor, eu não posso dizer n'uma carta o que passei em quatro mezes, e tanto (?) de vida de novellas; por isso lhe vou dizer só duas palavras de substancia. Alcancei um passaporte com muitos trabalhos, vim andando com calmas, fomes, sedes, suores, cansaços e outras miserias, até que cheguei a Roma a vinte e tres de Agosto pela manhãzinha. Se V. M. quer saber que tal é esta terra, dir-lhe-hei que é excellente cá para mim. E' muito grande, mas não enfada andar por ella porque é quasi toda plana. As ruas são formosissimas, cumpridas, largas, direitas, limpas, cheias de palacios, de fontes pelo meio, e pelas portas. A gente não é muita, pouca, assim como no Porto. As carroças tambem não são muitas; anda uma pessoa a seu gosto; atravessam-se os palacios e igrejas para sahir de umas ruas ás outras; serve-se cada um pelas suas mãos; vae-se buscar pão, carne, fruta, peixe, tudo o que é necessario. Os homens são pacificos, e muito para a vida. As mulheres são da côr das portuguezas, formosas, alegres, e póde-se-lhe cá chegar muito melhor que lá. Emfim, cá para mim, Roma é uma terra excellentissima, e o Porto não vale em sua comparação. Basta aqui uma casa de caffé, ou uma loja de barbeiro para ver a differença que ha das casas de cá ás de lá no aceio, e no adereço. Quem gosta d'isso, e de pinturas, e de estatuas, e de pedras preciosas, e de grandes edificios não se póde sahir de Roma. Que por mim tambem nunca d'aqui sahiria se tivera com que coméra um bocado de pão, não por gostar de ver grandezas, mas pelas comodidades que vejo aqui para levar vida regalada, e descançada. Vamos agora ao seu ponto muito desejado da Musica. Tenho ouvido muitas, porque (em Roma

poucos são os dias que as não ha). Antehontem ouvi a de S. Francisco. Eram dous coretos. N'um, dezaseis rabecas, dous rabecões grandes, um pequeno, duas violetas, e um realejo. N'outro cousa de quarenta vozes, rabecões, e realejos. Dir-lhe-hei o que me parece tudo junto, e cada cousa por si; tudo junto parece-me pouco melhor que lá. Confusão, estrondo, uns afinados, outros desafinados; mas não se perdem, e sabem bem os seus papeis. As rabecas fazem bem má união, e teem uma afinação bem grosseira. As de lá ajustam-se melhor quando se ajustam bem. O estilo das sinfonias é impertinente, sempre um turi-furi, e de batalha. Os bassos teem as vozes bem grossas, mas ásperas, e quando cantam algum solo, oh Deus nos livre, (eu hei de dizer a verdade) parecem cães a uivar, como lá, nem mais nem menos; *emfim* é uma galhofa para o povo; todos se riem, tirando os musicos e alguns que gostam d'elles por opinião. Os tenores que aqui ha são fracos, vozes pardas, grosseiras, etc. Os contraltos tambem fraca cousa. Os tiples são excellentes, vozes finas, suaves, muito afinadas, e fazem as suas gargantas e passagens inda com mais distincção, e mais afinação do que as rabecas; mas que importa, Senhor, se estas malditas rabecas tangem tão forte, e estão tão enfurecidas na sua parte, como se ninguem cantasse. Mas se alguma vez succede callarem-se, e ficar a voz só, seguro-lhe que me dá gosto ouvir cantar estes tiples. Os dous principaes chamam-se Santarelli, e Manicuccio, e na verdade cantam com muita suavidade, e afinação, e sabem bem musica; e esta vantagem levam todos os de cá aos de lá; nenhum se perde, nenhum se embaraça no seu solo, nenhum se faz vermelho, nem se agasta com os companheiros por ter errado, e por não saber do seu officio. Eis aqui tem V. M. a musica de Roma pintada pelo grosso; lá virá tempo em

que eu lh'a pinte com mais miudeza. De mim não tenho que contar-lhe depois que estou em Roma; porque não faço mais que passear por essas ruas, e á noite vir-me deitar no hospicio, e conversar com cousa de uma duzia de portuguezes. Se quizer saber que casa é esta, e que gente, falle com o Doutor que já lh'o mandei dizer, mas guarde segredo, porque de lá chegam cá as noticias em mez e meio. Tenho feito diligencia para ver se poderia achar em que ganhar um par de vintens a copiar, mas não é possivel. Até hoje tenho passado com sete tostões porque vendi as fivelas, e com seis tostões que dão de esmola a todos os portuguezes, e d'aqui paguei lavagem de roupa, e comprei cordas para a rabeca, mas sabe V. M. como passo? Dez reis de pão ao jantar e dez reis á noite, e se alguma vez comprei cinco reis de fruta era um banquete. Conto-lhe isto para que V. M. se console das suas miserias pondo os olhos na minha; todavia eu me dera por contente se sempre passasse como até aqui, mas o peior é que hoje se acaba o dinheiro, e fico á providencia. Aqui entra toda a substancia da minha carta: Snr. João, um conselho, que lhe quer dar um homem que naturalmente sempre foge de dar conselhos inda quando lh'os pedem. Vem a ser que trabalhe comsigo quanto puder para moderar a sua lingua. Veja as tolices e as velhacarias dos homens, mas não dê a entender que as conhece por modo nenhum; tape a boça e fuja d'elles; senão, mais hoje, mais ámanhã lhe succederá o que me succedeu a mim. Perder a sua terra, os seus conhecidos............ ...., e dar em uma cadeia de miserias continuadas, que V. M. nunca passou na sua vida. Então que fazia V. M.? — V. M. digo; porque eu, Senhor, lhe affirmo que em toda esta miseria, não estou muito alegre, é verdade, mas estou socegado, e com toda a minha paciencia, e com toda a inclinação que sem-

pre tive para fazer justiça, e desejar que os outros a façam. Agora basta de justiça, etc. até basta de filosofia. Dê-me uma grande lembrança á snr.ª Ignacia Jeronima, e a Antonio Nunes, e a todos os que lá iam; outra vez serei mais largo. Roma, 6 de Outubro de 1750.

Amigo do C.

Costa.

II

(Roma, 28 — 2 — 1752)

Snr. João Peixoto.—Eu não sei como isso por lá vae de musica, nem se haverá um terceiro que toque alguma cousinha com V. M., e cá o Snr. Nunes, mas sempre lhe quero mandar estes *trios,* porque póde ser que appareça alguem de habilidade que ajude a tocal-os; ahi vão dous para ajustar com os outros a meia duzia; os outros que lá estão são mais enternecidos; estes são melhores para quando uma pessoa tem o coração mais aliviado dos amores, mas nem por isso deixam de confortar o peito. Escolhi essas duas fugas, porque entendo que V. M. gosta d'ellas quando são d'esta casta; ajustem-nas bem afinadinhas, limpas, e muito a tempo todas as partes, e verão que cousa sae tão bonita. Sempre me tem esquecido dizer-lhe uma cousa: aquelle doutor em que já lhe falei, que foi um dos namorados de M, M, M, *hoc est* =Ager haceldama=, a quem alguns naturalistas

chamam =Mercia, Maria, Marselhac=, me disse que vira em Gibraltar a bórdo de um navio turco o padre João de Almeida celebre repartidor das horas em materia de grades de Santa Clara; estava em sertumzinho e umas celouras velhas; diziam todos que brigára como um desesperado. O magano devia de pôr o sentido em U. U.—Ursula Umbelina, em lugar de beber agua ardente com polvora; viu tambem um frade Bento a quem chamavam o *Rubim;* viu a senhora Theresa, aquella criada gorda do Pereda, e outras poucas de mulheres........................
....
....
....
....
....
....
....

Assim foi perseguido da desgraça o valeroso Oliveiros de Baltar, depois de ter conseguido este glorioso nome á custa do seu illustre sangue, e astuto engenho para assombro das nações estranhas, e venerada enveja da portugueza, a quem immortalisou matando tantos turcos no estreito de Gibraltar, e vencendo o coração de Ursula á força de cartas, passeios, e assistencias, e depois de dobrar tantas vezes o cabo da Boa-Esperança no alto de Santo Antonio do Penedo, e sempre com conhecida gloria, ainda que em tempo de maior borrasca lhe furtasse a volta pela viella do Deão. —Um d'estes dias fui á livraria da universidade de proposito para ler um bocado das cinco Pedras de David que o padre Antonio Vieira prégou aqui em italiano, para ver como escrevia n'esta lingua; n'isto, como em tudo o mais, se conhece a grande habilidade que tinha; certo que, se lhe não compuzeram algumas cousas depois de elle as escrever,

faz pasmar a naturalidade e facilidade com que falla n'uma lingua tão difficultosa de fallar bem. Ora ponhamos de parte o saber elle bem italiano; veja V. M. agora como se conhece em qualquer cousa como elle sabia fallar bem portuguez, e quanto é boa a nossa lingua. A primeira das cinco pedras, assim como elle as prégou, começa assim = Mirabile fù David nell'arpa, e mirabile nella fionda — coll'arpa *cacciava* i demoni; colla fionda *amazzava* i giganti =. Depois quando quiz pôr em portuguez estas palavras, escreveu = Admiravel foi David na harpa, e admiravel na funda; com a harpa affugentava demonios; com a funda derribava gigantes =. Póde ser que V. M. não entenda bem todas as palavras italianas; quero-lh'as construir aqui ao pé da letra = Admiravel foi David na arpa, e admiravel na funda; com a harpa *lançava* fóra os demonios (cacciava i demoni): com a funda matava os gigantes (amazzava i giganti) = Olhe que lindas palavras portuguezas = affugentava = e derribava =; e olhe como se lembrou d'ellas o padre Vieira para as meter no seu lugar!

Ora é chegado o tempo de Lisboa ter outra vez opera; diz-se que El-Rei de Portugal faz como o de Napoles: theatro para si, e para o povo, e côrte ao mesmo tempo; não sei se é assim; sei que estão já justos muitos musicos, bailarinos. etc. Vae um que se chama Gizielo, que tem cá a fama de ser logo abaixo de Caffarelli, que é o mesmo que ser o segundo musico de Italia; dizem que tem uma voz de anjo. Eu nunca o ouvi, mas póde ser que o ouça, porque ha de pelo que dizem aqui pagar-lhe despropositadamente. Vae um Venturini que cantou aqui n'um dos theatros o anno passado, e mais este tem boa voz e canta muito bem. Vae um celebre bailarino que chamam Morini... Mas se eu começo a palrar, é necessario uma resma de papel. Vamos ao que importa. Esque-

ceu-me de copiar o ultimo *allegro* no basso do primeiro trio; lá o achará á parte, no fim de tudo; tome sentido ao copiar; no mais não tenha dúvida nenhuma que já cá o revi todo, e está certo. Agora lhe quero pedir duas cousas; uma, que entregue essa carta em mão propria ao Snr. José Lopes, outra, que me mande dizer como se chamava aquelle capitão inglez aonde V. M. me levou a casa do snr. Henrique Verne, que fez um baile na feitoria; tocava viola; e em que terra está ao presente, que lhe quero escrever d'aqui. Eis aqui agora lhe explicarei melhor o que lhe peço. Se está ahi o Snr. José Lopes, entregue-lhe a carta logo em mão propria; se não está, guarde-a até elle vir, e vindo, dê-lh'a logo; e se não vem, não disponha nada d'ella até á minha ordem. Depois falle com o Snr. Dr. Luiz Gomes (para não misturar com outros doutores) n'este ponto do capitão inglez; se V. M. vir que já elle me fez o avizo do nome d'este capitão, ou que m'o fará logo, calle-se, e não tem mais que fazer; agora, se elle m'o não fez, e mostra que m'o não quer fazer, peço-lhe como amigo que se informe com alguns senhores inglezes, para me mandar uma forma de sobrescrito que lhe hei de fazer para onde quer que elle estiver em Inglaterra, e quanto que souber isto, escreva-me n'uma meia folha de papel = A fulano, em S. Antonio dos Portuguezes em Roma =; mas já digo, isto é se o Dr. me não avizar, e peço-lhe que faça diligencia para perder a preguiça n'este ponto, que me importa muito sabel-o. Bem sei que estes negocios estavam melhores para serem tratados entre Bento Aranha, e Bento de Campos de que entre nós; mas muito podem os annos! Póde ser que inda estejamos algum dia com os barretinhos e testas rapadas, assentados no banco, á porta da tenda, a vender campeche, e açafrão. *O tempora! O mores!* Oh insigne Matheus de Noronha! que tão bem soubeste

imitar, e ainda vencer o famoso Dom Quixote em a metade! Digo = em a metade =, porque sempre foste de namorar sem lhe misturar brigas. Digo = e ainda vencer =, porque entendo em minha consciencia que inda foste mais transparente no amor do que elle, mais airoso, mais cheio de jasmim, junquilhos, canotilho, laços de fitas, e agua da Cordova. Aqui pára a penna que nem para voar se alenta, nem para, etc.

Roma, 28 de Fevereiro de 1752.

Am.° Costa.

Saudades a todos os da palestra do snr. Nunes.

Graças a seu cabo. Já não lhe mando a carta para o Snr. Lopes; não lhe fica senão o cuidado de me saber como posso fazer um sobrescrito para o capitão inglez. Se o Snr. Dr. não me remedea, sem falta pegue em meia folha de papel, ponha-lhe a forma de tal sobrescrito mesmo em inglez, e algumas noticias suas, curiosas, e mande-m'a logo pelo correio, como já lhe disse. Ora, ficamos n'isto.

III

(Roma, Maio a junho de 1752).

Sr. Antonio Nunes.—Bem poderá V. M. entender as vezes que me lembro de V. M. quando aqui ouço tocar rabeca, especialmente quando ouço alguma só. Quando estou mais de vagar, ponho-me a considerar quanto desejaria eu saber como por cá se tocava, se

o caso succedesse ás avessas de V. M. estar cá e eu lá; e estas considerações me fizeram uma grande vontade de o informar, com a maior clareza que puder de como aqui se toca, assim como eu quereria que V. M. me fizesse, se estivesse no meu logar. Em Roma ha uma machina de tocadores e curiosos de rabeca, mas com a mesma reputação que lá; poucos com grande fama, outros mais ordinarios, e outros podões. Os de grande fama na opinião do commum, são Ghilarducci, e Erba, dous velhos venerandos, que já não podem caminhar bem com tanto pezo de solfa dentro da cabeça, ambos discipulos do grande Corelli.

Mas antes que eu lhe diga como elles tocam, quero-lhe pedir que por nenhum modo leia isto a ninguem, nem diga nada do que fôr por esta carta toda, porque além de se não tirar cousa nenhuma d'isso, livra-se a gente assim de offender todos esses senhores, que creem que se toca cá por divindade; e se V. M. lhes dissesse que tocavam cá mal, era o mesmo que dizer-lhes que elles erraram até agora, entendendo que se tocava tão bem. Ora agora vamos ao ponto. Ghilarducci, ouvi-o tocar um *concerto* de solos em Santiago dos Hespanhoes; toca tão mal, que será mal empregado gastar muito tempo com elle; ali não ha tempo, nem medida de nenhuma casta; os outros já lá se entendem com elle, e lá o vão seguindo como podem; a affinação é cousa horrenda; dizia um sapateiro de Lisboa que estava ao pé de mim = Ai... Ai..., parece que lhe foge o vento! Sobre tudo não lhe sei dizer como é desestrado do arco; que vóz tão rustica, e aspera tira da rabeca! O estilo, nem fallemos nisso; o que V. M. póde entender do mais. Erba, viu-o tocar muitas vezes a meu gosto em casa de um discipulo seu, sobrinho de um conego de Santiago de Galliza aonde nos fizemos conhecidos eu, e o tal sobrinho do conego por amor da rabeca, com que é ten-

tadissimo. Veio aqui dar comsigo poucos mezes atraz de mim, e me agarrou de repente um dia na rua com um tal grito que me metteu forte medo, porque entendi que era outra cousa bem differente. Fiquei de ir no outro dia pela manhã a sua casa, como fui; achei rabecas e solfas por cima da meza, e passado pouco tempo chegou o mestre; tirou a sua rabeca, e começáram a dar a sua lição. Não tenho que lhe dizer d'este, nada que já lhe não tenha dito do outro, somente que passado um quarto de hora de licção me arredei para uma janella, que tal era o rumor que fazia com a rabeca, e tão desconcertado, que se me levantou uma dôr de cabeça. Depois em outras occasiões vi-o tocar concertos, solos, passagens, cadencias, e tudo é cousa para rir. O que me fez maior admiração, foi o ver o pouco que sabe musica; não cuide V. M. que aqui ha encarecimento. Ora quero que V. M. conheça que lhe digo a verdade. Supponho que lá chegariam á mão do Senhor João Peixoto uns *trios* de Besozzi que lhe mandei por um dispensante, e tambem supponho que V. M. já os veria: o primeiro delles, se, V. M. bem se lembrar, é de: A la mi ré, terceira menor, que começa por um *Andante* de $^6/_8$. Levei-o um dia ao gallego, e elle appresentou o ao mestre para lhe dar lição n'elle. Aqui foi ella; o senhor Erba nunca lhe achou direito, nem avesso a tal solfa; tornava atraz, nada; tornava ao principio, nada; até que assentou que estava tudo errado; hoje emenda, amanhã emenda, assim o foi tocando uns poucos de dias até que veio a ficar tocando-o com tres tempos differentes, sem se parecer em nenhum modo um com o outro. Ah Vieira, aonde estás! E riem-se de ti! Creia-me, Senhor Antonio Nunes, que Vieira com os olhos fechados póde ensinar musica, e bom-gosto a Erba. Chamam cá a estes dous tocadores, de que lhe tenho fallado, os dous violinos primos de Roma, nem mais nem menos, como

Vieira e José Caetano; é verdade que alguns
bom-gosto confessam que o estylo é já um pouco a
tigo, mas emquanto ao = Fundo da Musica = p
reger uma orquestra, são os dous maiores homens q
ha em Roma; e ninguem lhes tira isto da cabe
Aqui está agora um = Bravo =, como elles dize
de Leorne, discipulo de Tartini; confessam todos q
toca grandemente, mas se lhes dizem: eis ali como l
viam de tocar Ghilarducci, e Erba, respondem lo
Ghilarducci, quanto ao = Fundo da Musica = n
ha homem como elle; emfim nem mais, nem me
como lá. Seja como fôr, o certo é, que quem qui
ganhar dinheiro em Roma por tocar rabeca,
de se examinar primeiro com elles, e se elles diz
que não está capaz, póde buscar outra vida. Mas
dizer a verdade, qualquer dos outros tocadores n
dianos, e ainda muitos curiosos, tocam mil vezes m
lhor que os dous *Mestres* velhos, ainda que todos p
mesmo estylo italiano de ordinario tão enfadonho.
Bravo de Leorne chama-se o Senhor Nardini; accomp
nhei-lhe quatro sonatas a solo em casa do Card
Spinelli que está aqui vezinho; toca muito bem; t
uma affinação soffrivel, não se metendo em voz
tira uma voz natural e muito boa á rabeca, e t
com grande limpeza, comparando-o com os tocado
de Roma. Tenho dito a V. M. tudo o que tenho v
aqui de tocar [illegible]a. D'isto estou eu regalado; se
les tocassem [illegible] ainda que eu não quizesse, já
ria minhas [illegible]itas pelo muito que os ouço,
contra [illegible] operas e comedias pelo inve
musica [illegible] ncertos, [illegible] chamão a
[illegible]), [illegible] casa [illegible]ores pelo
não f[illegible] que [illegible]. M. se
n'uma [illegible]aria; [illegible]
rabe[illegible]cos [illegible]
pridos [illegible]a, e [illegible]

Vieira e José Caetano; é verdade que alguns de bom-gosto confessam que o estylo é já um pouco antigo, mas emquanto ao = Fundo da Musica = para reger uma orquestra, são os dous maiores homens que ha em Roma; e ninguem lhes tira isto da cabeça. Aqui está agora um = Bravo =, como elles dizem, de Leorne, discipulo de Tartini; confessam todos que toca grandemente, mas se lhes dizem: eis ali como haviam de tocar Ghilarducci, e Erba, respondem logo: Ghilarducci, quanto ao = Fundo da Musica = não ha homem como elle; emfim nem mais, nem menos como lá. Seja como fôr, o certo é, que quem quizer ganhar dinheiro em Roma por tocar rabeca, ha de se examinar primeiro com elles, e se elles dizem que não está capaz, póde buscar outra vida. Mas a dizer a verdade, qualquer dos outros tocadores medianos, e ainda muitos curiosos, tocam mil vezes melhor que os dous *Mestres* velhos, ainda que todos pelo mesmo estylo italiano de ordinario tão enfadonho. O Bravo de Leorne chama-se o Senhor Nardini; accompanhei-lhe quatro sonatas a solo em casa do Cardeal Spinelli que está aqui vezinho; toca muito bem; tem uma affinação soffrivel, não se metendo em vozes; tira uma voz natural e muito boa á rabeca, e toca com grande limpeza, comparando-o com os tocadores de Roma. Tenho dito a V. M. tudo o que tenho visto aqui de tocar rabeca. D'isto estou eu regalado; se elles tocassem bem, ainda que eu não quizesse, já faria minhas cousas bonitas pelo muito que os ouço, bem contra meu gosto. Operas e comedias pelo inverno; musicas de igreja, concertos, (a que chamão *academias*), e serenatas em casa dos senhores pelo verão; não falta obra; mas que obra? Se V. M. se achasse n'uma academia d'estas, V. M. pasmaria; trazem as rabecas com cordas como dedos, arcos muito cumpridos, e arcados como arcos de bésta, e atiram com

elles ás cordas com tanta violencia como atiram com o machado a um cepo os rachadores de lenha. Ainda não dei com um (tirando o senhor Nardini) que soubesse temperar a rabeca, ou que ao menos mostrasse vontade de a temperar bem; é tal a desunião das cordas soltas que parece o inferno. Eu ha perto de dous annos que o vejo, e parece-me que ainda o não posso crer. Mettem mãos á obra, oh nome de Deus, parece que cahe a casa! Certo, que ao principio vem naturalmente vontade de tapar os ouvidos, mas não ha remedio senão fazer como os outros, ao depois lá o paga a cabeça. Toca-se a primeira sinfonia que sempre é de batalha, ligeira, (isso sim) despedaçada, confusa, desafinada como um diabo; forte, forte, forte, depressa; forte, vozes de tres cordas, bulha; forte, forte, fortissimo; acabou o *allegro*.=*Andante* de B-moes=piano, como o nosso tom ordinario; forte, umas guinadas asperas que arrancam a alma, e assim vae até ao fim, forte, piano, forte, piano, com um gosto tão baixo, e com uma affinação tão despropositada que faz ancias de coração.=*Segundo allegro*=: outra batalha desesperada sem tempo, nem feitio nenhum de musica; e acabou a sinfonia. No fim não falta nenhum a dizer aos outros=Bravo! signor Cielli=Bravo! sig. Riminese=anzi bravo a lei=Grazie, obligato=Bravo! sig. Fanti=Bravo a lei, e al sig. Lorenzini=Bravo a loro=Grazie=Bravo! &. E d'estas bellas sonatas é que consta a *academia* desde o principio até o fim, senão é alguma aria que elles acompanham com a mesma desesperação, e grossaria que tocam as sinfonias, e overturas. Falta dizer a V. M. como toca um só na sua rabeca sem mais companhia de nenhuma casta. Aqui sim, que se vê donde póde chegar o tocar mal. Tenho visto tocar a muitos os seus minuetes, allegros, andantinos, &. Eu não lhe posso explicar que pasto dão aos ouvidos

dos circumstantes. Já não fallo d'aquella desconsolação ordinaria do toque italiano, que essa é infallivel em quantos tenho ouvido cá, e por lá (tirando Dom Pedro); não fallo da grossaria da affinação, não fallo da ignorancia do tempo, não fallo da baixeza, e ridicularia do gosto; quero dizer-lhe sómente de um certo desmazelo rustico de que todos são dotados mais ou menos; mais, de ordinario, nos professores, e menos, de ordinario, nos curiosos. Mas eu não sei como me explique, porque não acho lá tocador nenhum com quem estes cá tenham alguma semelhança. Agarram a rabeca com uma força, que nem que lhe estiveram puxando por ella com uma corda para fóra das mãos; atiram com o arco ás cordas como desesperados, e d'ahi, dê por onde der, trús-catrús; estão os dedos fóra do seu logar, e tão desaffinados que elles mesmo o conhecem ás vezes. Não importa; não se lhes dá d'isso, adiante, forte, forte; vae o arco a um tempo, e os dedos a outro, importa-lhe pouco, adiante; está a *prima* um bocado baixa, e a *terceira* meio ponto acima, deixal-as estar na paz de Deus. Elles mesmos fazem a acção de temperar passando o arco pelas cordas duas, ou tres vezes; ellas estão como eu digo a V. M., mas elles dão a rabeca por affinada. Forte, forte, e eis aqui todos os seus cuidados quando tocam; forte, forte. Já eu disse a V. M. que o seu = forte = é um sarrafaçar tão de zorro sobre as cordas, que sem duvida, lhe faria a V. M. dores de cabeça em pouco tempo, especialmente quando V. M. a tem fraca pela manhã em jejum. Tenho visto muitos que aprenderam em Napoles nos conservatorios, ou fóra; tem o mesmo estilo pouco mais ou menos; mas certo que não tem tanto d'este desmazelo desesperado dos romanos, que eu compararei a V. M. (agora me lembrou de repente) em algum modo a esses tocadores de viola desesperados lá dos lugares pequenos do

Minho, que a cada floreo que fazem parece que querem quebrar as cordas, ou arrancar o cavalete. Tenho-lhe explicado o melhor que pude o como aqui se toca, ainda que não estou nada contente, porque conheço que isto não é senão uma sombra escurissima da cousa. Estou certo em que V. M. não julgará que o fogo com que fallo mal dos tocadores de Roma nace de estar apaixonado por me não estimarem cá, ou por não me darem dinheiro a ganhar; porque V. M. tem bastante conhecimento do meu natural em ambos estes pontos; nace sómente, pelo que me parece, d'aquelle tal qual amor que sempre tive de dar a cada um o que merece, conforme o meu franco entender, que não estou obrigado a mais. Por fim (tenha V. M. mais um bocado de paciencia) quero fazer uma comparação, ou para melhor dizer um cotejo da habilidade dos italianos com a nossa para instrumentos. *Elles* dizem que os portuguezes em materia de tocar instrumentos (como em tudo o mais) lhes falta absolutamente o *genio,* e são incapazes de tomarem *doutrina,* e o *bom-gosto* da musica, por mais que ouçam e aprendam. E a mim o que me parece n'isto é que em primeiro lugar a sua = *doutrina ordinaria,* e *bom-gosto* = é ignorancia clara, e *máu-gosto*. Depois, não lhe acho razão para dizerem que os portuguezes não são capazes de aprenderem o seu estilo; antes me parece que o aprendem facilissimamente, se querem; basta-nos aqui o exemplo de Luis de Magalhães que em dezasete dias de licção de Busoni tocou uns poucos de *Adagios,* senão com a mão tanto assente como o mestre, ao menos com o mesmo estilo pintado, e escarrado. Antes o que eu creio quasi como certo, é que nunca nenhum italiano depois de taludo poderia aprender a tocar um minuete, ou outra qualquer cousa como lá toca (não digo V. M.) Vicente, Thomas Bark, Thomas Cypriano, como tocava Antonio Aniceto, Simão,

o celebrado Canner, &. Certo, que me parece impossivel que nenhum tenha gosto para conhecer aquelle geito com que lá concertam as mãos, e vão pulsando as cordas com aquella certa graça; ora, se o não conhecerem, como o hão de imitar, e por fim aprendel-o? V. M. repararia em eu meter no rol Thomaz Cypriano; tem razão; mas foi porque cá tocam o cravo pelo mesmo modo que a rabeca, e seguro-lhe que fiquei pasmado a primeira vez que o vi tocar aqui aos = Bravos = de cá, e pasmo sempre de novo quando os ouço. Feito este cotejo das duas nações, venho a conhecer que os italianos sabem muito da arte da musica assim como ella está conhecida ao presente, mas que não teem habilidade para tocar com graça. Ao contrario, os portuguezes naturalmente são inclinadissimos a ouvir tocar cousas bonitas, suaves, e delicadas, mas de ordinario não sabem quasi nada da Arte, porque não se applicam a conhecel-a. V. M. bem sabe que a espada, e os amores levam quasi todo o tempo aos portuguezes em quanto são moços. Cá não é assim; se V. M. aqui estivesse veria tantos rapazes desde os doze até aos trinta annos, tão quietos entre as melhores raparigas, como lá os capões entre as gallinhas; a espada já se vê que nem por fumo lhes vem á cabeça; tocam continuamente nas operas e nos outros theatros, que por todos eram dezoito este inverno; tocam nos bailes, nas academias, nas serenatas dos particulares, &. A musica, pela maior parte, consta d'aquelles passos tão debatidos, e se vem algum mais embaraçado, para isso não o toca um só; pegam-se uns aos outros, como fazem os caminhantes quando querem passar um rio arrebatado sem perigo de os levar a corrente da agua, e está tudo remediado. Ahi não é assim, como V. M. sabe; não nos applicamos nada ou quasi nada á musica, porque trazemos outro cuidado n'aquelle tempo. Então como quer V. M. que se mostre o natural, e a habilidade

que os portuguezes tem para ella? Eu atcgóra fazia uma grande injuria aos portugezes em suppor que elles eram a gente que mais presumia de si sem fundamento, e mais desprezava os estrangeiros; agora vejo que os romanos não lhe ficam atrás n'este desvanecimento, antes os vencem; não lhe sei dizer o que desprezam tudo o das outras terras, e quão grosseiras julgam as outras nações, especialmente a hespanhola, e portugueza; é verdade que o somos bastante em quanto ao modo de viver que temos, sem sabermos buscar as nossas commodidades, e os nossos regalos; mas emquanto á ignorancia, e grossaria do juizo nas cousas de substancia do mundo, venha o diabo e escolha, que eu não sei, não sei aonde se está mais cego. Em quanto ás manufacturas, ou obras de mãos (que é melhor portuguez) V. M. bem sabe que em Lisboa se fazem quasi todas as cousas, como cá, e outras melhores; sem embargo d'isso elles fazem o mesmo conceito de Portugal, que nós fazemos das terras de gentios. Já aqui me perguntaram n'uma conversação fallando de uma fonte celebrada de Roma, se havia alguma fonte em Portugal? A um meu amigo perguntaram-lhe como faziam lá os homens quando se faziam calvos? Creio que isto bastará para V. M. ver o conceito que cá fazem d'essa terra. Basta de impertinencia. Outra vez lhe peço que não leia isto a ninguem para não offender a opinião que lá ha da musica de cá, e para se não malquistar a si. A verdade é: que Roma é como as outras terras em que ha bom e mau. Certo, que quem é amigo de cousinhas boas em materia de musica, raparigas, delicadeza de juizo, conversação fina de uma moça formosa, alegre, de grande coração, e de grandes pensamentos, &c. está cá mal; mas está-se bem de outras cousas. Que ruas tão nobres! A principal, aonde se fazem as mascaradas do entrudo medi-a, como o nosso Jozé de

Souza fazia lá; tem 2400 passos dos meus. Que praças, que palacios, que igrejas! Que fartura, e variedade em cousas de comer — a toda a hora, em todo o lugar, e a bom preço! Ha aqui tambem grande liberdade no vestir, no andar, e em todas as cousas: as casas estão cheias de fontes de agua excellente, envidraçadas; e os italianos dão bella vida á gente, porque se não teem inclinação nenhuma para acções grandes, tambem não fazem mal, e dobram-se como cera. As mulheres para mim passam por homens cá. Acabou-se o papel. Saudades a todos os senhores da sua conversação, especialmente aos senhores Lopes, Peixoto, Nogueira, Santos, Salvatori Mundi em dativo, &.

O que julgo aqui de musica, é de Roma, e não de outras terras de Italia, que não vi.

Amigo do Coração,

Costa.

IV

(Roma, 27 de Abril de 1752.)

Snr. Dr. Rir-me quero, & dizia aquelle profundissimo auctor dos matadouros, digno por certo de que os vindouros o venerassem em estatuas, que já lhe ergueu o proprio merecimento, se não no tivessem derrancado o matrimonio, e os annos; e eu quasi que estou para dizer que quero chorar pelo ver a V. M. callado ha um anno bem mal gasto, e a esperar de balde. Todavia, ainda me não resolvo a desesperar

de todo, e em tanto quero-lhe dizer algumas d'estas cousas esquipaticas que vejo por cá. Haverá tres semanas chegou aqui um portuguez dizendo que se queria baptisar; dizia que se chamava José Franco em Portugal, porém que o seu verdadeiro nome era Abraham; que nunca se confessára, verdadeiramente, porque o confessor estava ajustado com elle; que nunca crêra em Christo, senão na lei antiga; que era circumcisado, e que assim o eram todos os christãos novos de Portugal, mas que se queria fazer christão & assim o prantou na sacristia a um bando d'estes padres christãos velhos purissimos pela graça de Deus. V. M. já sabe que isto de christãos velhos, e novos é mais debatido aqui em Roma entre os portuguezes do que lá. Metade são de uma casta, metade da outra, conforme a repartição dos velhos. Os ricos são christãos novos, e governam a casa de S. Antonio; metem, e *tiram* capellães, dão esmolas, e dotes, &; veja V. M. o que dirão d'elles n'este caso estes padres, e outros que o não são, que procedem de gérações limpas como as estrellas, de que estão continuamente dando graças a Deus. Os novos não gritam tanto, porque estão em melhor terra do que lá; desprezam os velhos, tem-nos por quatro toleirões malvados; aqui nunca se prendeu nenhum ha tantos annos que cá assistem; são estimados como christãos; são marquezes; são membros do senado, como o marquez Correa, e marquez Nunes, &. Reparei que quando os padres ouviram o que dizia o tal Abraham, nem por isso pasmaram muito como quem entende que todos os christãos novos de lá são verdadeiros judeus. Eu tive a curiosidade de chamar á parte o homem; fiz lhe varias perguntas; por fim de contas confessou-me esta substancia: que nascera no Gueto de Baiona de França, e que ali fôra circumcisado; que fôra para Portugal em pequeno para certos fins; que fugira agora de lá, porque tivera no-

ticia que o queriam prender; que tornára a Baiona a pedir a sua legitima a um irmão que tem lá muito rico, que não é possivel tirar-lh'a pelo poder que seu irmão tem com a justiça d'aquelle Gueto; emfim que queria baptizar-se para com a certidão do baptismo obrigar a seu irmão pela justiça franceza. Perguntei-lhe se queria deixar-me ver a sua circumcisão; disse que sim, e com effeito é circuncisado; andou aqui a estudar a doutrina, porém ha sete dias que não apparece; veremos no que dá. Já V. M. sabe que as p..... estão lá obrigadas a confessar-se pela quaresma como a outra gente; ora veja V. M. o que são usos de terras; aqui estão livres de que as excommunguem, antes se alguma entra na Igreja, os esbirros põem-na fóra, e parece-lhe cá a esta gente que fica a igreja manchada, e dizem que se não deve admittir em lugar tão santo quem anda em peccado actual. Salgado *De regia protectione* é cá mais prohibido que os livros de hereges. Gabriel Pereira *De Manu regia* foi queimado publicamente pela mão do algoz. Parte de Sanches *De Matrimonio* é tambem prohibido cá, e outros muitos livros que lá são bons, e aprovados pelas inquisições; e ao contrario muitos que são lá prohibidos, cá são approvados, como Muratori no ponto em que affirma que está (agora fallarei em lingua de estudante) que está em peccado actual quem fez etc. e conserva o voto sanguinario da Conceição; quer dizer os que fizeram voto de dar a vida, confessando e affirmando que a Senhora foi concebida sem a culpa de Adão. A respeito de livros: li n'outro dia n'um curioso na Livraria da Sapiencia autor: Fernandes de Castro = *Portugal convencido*. Diz maravilhas contra os portuguezes; escreveu no tempo da guerra da acclamação para mostrar a justiça que Felipe quarto tinha a Portugal, e a injustiça do usurpador Bragança. E divertido; diz cousas verdadeiras, galantes, e diz

tambem muita mentira enxabida com a força da paixão; chega áquelle ponto tão decantado do milagre de Christo despregar o braço, e deitar a benção aos portuguezes no acto da acclamação, quando o levava a diante de si o Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha para animar o povo a deitar fóra os castelhanos. Eis aqui o titulo do grande capitulo, em que trata do tal milagre =: *Tramoya de las Bendiciones del Crucifixo = Refiere-se el Quento, y confieresse con el de otro Crucifixo, a quien imponiendo otra vez Milagros los Portuguezes, hizieron muchos estragos, robos, y homicidios en Lisboa. Doctrina de San Buena-Ventura para juzgar de las Visiones corporeas*=o capitulo é como promete o titulo; não sómente carrega a mão na superstição natural da nação portugueza, mas crê que o arcebispo armou de proposito a tramoya de descravar um braço do Santo Christo para conseguir o fim da rebellião por que estava tão apaixonado, que vinha a ser: segurar a corôa no Duque de Bragança. Não lhe posso explicar a galhofa que faz com o juramento de El-Rei D. Affonso Henriques, profecias de S. Bernardo, &.—Aqui ha um jogo, a que chamam do *lotto,* que vem a ser uma cousa como sortes; é duas vezes no mez. De ordinario jogam 5 numeros, os que cada um escolhe, desde 1 até 90, como por exemplo, 18: 25: 54: 79: 82; em sahindo dous d'estes ganha-se um santo, mas é necessario que seja um ao pé do outro; como 25: 54; se sáem tres unidos, ganha-se mais; se sáem quatro unidos, muito mais; e se cinco, acabou-se o mundo, mas isso nunca succedeu n'estes tempos; tira estes cinco numeros um menino, de 90 papelinhos que estão dentro de uma caixa em presença de prelados, ministros de justiça, e grande povo que está a esperar para ver se lhe ajustam cos que elles teem jogado pelas tendas de Roma, que são muitas: manda-se jogar aqui de Inglaterra, França, e de

outras partes; se V. M. se tenta, avize, e mande ordem para pagar-se tudo, que será servido. Ora o que vae em Roma com este jogo não se póde explicar. Não lhe quero dizer das vilezas que fazem homens e mulheres para terem um par de vintens para jogar por trezentos mil caminhos, que isso seria necessario um livro; o meu ponto agora é dizer-lhe sómente da superstição; sabe como escolhem os numeros? Por sonhos, conselhos de velhos de tantos annos, observações de dias de lua, e outras cousas semelhantes; tudo isto caldeado de tantas e tão várias maneiras, até que os que elles querem lhe apparecem, e dizem que não podem faltar ao menos um Ambo, que são dous unidos. Para isto ha livros manuscriptos, e impressos, com licença da inquisição. Sonhou-se com um que deu um bofetão; não se acha nos livros = bofetão =; ahi está a habilidade em saber conhecer a arte de buscar um sonho, assim como V. M.^es o buscarem uma limitação de uma lei. Não se acha = bofetão =, mas acha-se = mão; bem. Vae-se ao livro =Mão = numero 5, porque são 5 os dedos, como elles explicam. Ora ahi está um numero; os outros quatro tiram-se do mesmo modo. A mim já me chamaram de uma casa, e perguntaram-me se eu era astrologo, que queriam que lhe désse os meus numeros; custou-lhe muito a dar-me credito, por eu dizer que não sabia nada de numeros. Uma mulher, patrona de um portuguez meu conhecido, deu-lhe a trasladar um papel celebre; eram varias preces ao santo David, e no fim uma oração com esta substancia=santo profeta David, a quem Deus revelou que de vossa descendencia havia de sahir o seu unigenito filho, fazei com que por vossa intercessão me sejam reveladas por uma vez só os cinco numeros que hão de sahir em tal dia, que eu vos prometo (repare-lhe no fecho) mandar dizer tantas missas &.= Certamente, que se V. M. vir fallar um romano n'este jogo, pas-

mará; sem duvida parece um homem que delira, ou que endoudeceu. Por fim de tudo dir-lhe-hei duas palavras, das minhas costumadas moralidades: os portuguezes são como tigres, são soberbos, furiosos, de mau humour inquietos, invejosos, vingativos; e n'estes vicios se conhece uma grande moderação nos italianos comparados comnosco; mas já me parece que os portuguezes (ainda que de ordinario são grosseirissimos da cabeça) tem mais força no juizo, tal qual o tem cada um, do que os italianos; ajudará muito talvez para esta fraqueza que os romanos teem no seu o saberem mais do que nós d'estas cousas que aqui se apanham. As mulheres aqui sabem muito da historia sagrada, ou da escriptura, dos papas, de milagres, das antiguidades, das ceremonias da igreja, do principado da igreja romana sobre todas; ora isto, junto á sua enxa*bidade* exterior do corpo, falas aborreciveis sobre modo; saiba V. M. que cá não sentem bem da nossa religião; abaixo dos francezes, nós. Acho que teem razão, tal é cá a pureza, e a sujeição a tudo o que toca pela igreja. Se V. M. puder tirar-me da miseria em que vivo, não descance n'isso; saiba-me ao menos como hei de fazer um sobrescrito ao tal capitão inglez, e cuide em levar a vida alegre, quanto dá lugar o seu officio. Saudades a todos, especialmente á snr.ª Quiteria, e ao snr. João.

Roma, 27 de abril de 1752.

Am.º

Costa.

Escrevo esta por via do snr. Fernandes porque já começo a temer que V. M. não me responde por lhe tirarem as minhas cartas do correio, e não escrevo no nome que temos ajustado por suppor que V. M. não

mandará buscal-as. Esqueceu-me dizer-lhe que tanto não reprehendem cá os ecclesiasticos a superstição do jogo, que antes elles são os primeiros, franciscanos, e tudo; e vão cobrar quanto ganham. O Papa tem nove ou dez mil escudos cada anno. O tal papel das *preces*, e oração a David deu-o a aquella mulher o seu confessor que é padre crucifero com a condição de rezar tanto cada dia, e trazel-o comsigo, e não sei que mais miudezas.

(Roma, 30 de Abril de 1754.)

Snr. Doutor.—Agora fazia eu tenção de escrever por este portador com a minha extensão costumada; mas apanhou-me de repente, porque me dizem que parte depois de jantar; e como é já tarde, não lhe fallarei a V. M. senão em uma das cousas em que lhe queria fallar, que vem a ser: em operas e comedias. Bem me lembro que já lhe fallei a V. M. nisto; mas V. M. foi sempre desde pequeno tão tentado com estas cousas, que me parece que lhe não pezará que eu lhe torne a fallar n'ellas com mais clareza, para poder julgar das taes operas sem pasmar tanto como os que nunca as viram, e crêm ás cegas quanto lhe dizem os que as viram já, e o encarecem inda mais na sua imaginação.

Os theatros das operas são certo muito grandes, e muito fundos; as pinturas das scenas, para quem entender de pintura, será cousa excellentissima; para quem não entende, como eu, são formosas sem dúvida, mas não é cousa que faça grande novidade á vista.

Os vestidos das mulheres são roupinhas em espartilho, e donaire grande; uma cousa e outra, bordada com fartura de prata falsa, e cheio de pedras falsas que brilham muito com as luzes; os cabellos muito bem compostos conforme a moda; sapatos de pellica branca, e meias brancas. Os vestidos dos homens são pelo estilo dos que V. M. ahi viu em S. Domingos na opera portugueza que fez Frei Antonio, com as mesmas bordaduras dos das mulheres, e das mesmas cores, que de ordinario são encarnados, azues e verdes; mas os calções sempre de velludo negro, meias brancas, e sapatos tambem de pellica branca com salto baixo, etc. Tudo isto se entende visto por diante, porque quando estes senhores vão para dentro, que se lhe veem as costas, parece outra gente que não a que se tinha visto até ali, porque não se lhe vê senão uma *pouca* de seda encarnada, ou azul com um galão ao redor ou, quando melhor, um par de listas d'elles atravessadas pelo donaire, como lá se faz em certas eças; e o mesmo nos vestidos dos homens. As scenas não se mudam com a limpeza e promptidão que eu lá ouvia dizer aos que tinham visto operas em Lisboa; antes nisto e outras cousas semelhantes, não são os italianos muito impertinentes, porque com pouquissima necessidade, ou nenhuma, sahe gente de dentro, ao theatro, e ás vezes gente, que não está composta, a buscar, por exemplo, um lenço, ou outra cousa que cahisse a alguma figura; muitas vezes se põem os musicos assentados entre scena e scena, a verem representar os outros, cobertos com um capote por amor do frio; já não fallo no grande rumor que se faz dentro, porque o de fóra é tal, que quasi o encobre de todo. Tambem não são grande cousa os preparos que vem ao theatro, como mezas, cadeiras, trono para sentar-se os reis, &. Os vestidos dos soldados, ou de outras pessoas de que se compõem os acompanhamentos, parece cousa

mais para entremez que para uma opera; que tão pobres e ridiculos são. O theatro de fóra, ou a casa em que está a gente, que vê, é grandissima, e altissima á proporção do theatro de dentro; é oval e tem seis andares de camarotes. Para V. M. entender pouco mais ou menos o feitio de ambos os theatros, supponha, que é como a Igreja de S. Ildefonso, ou como a dos Clerigos. Representa-se na capella-mór; e a gente está a ver do corpo da igreja, ou no chão, a que chamam platea, ou nos camarotes. A musica já V. M. sabe que dura desde o principio até ao fim, entre recitativo e arias, quatro vozes finas e duas grossas de ordinario, instrumentos, 20: 24 rabecas; rabecões, e inst umentos de boca á proporção.

Aqui queria V. M. saber que me parece esta musica, que é a principal cousa que se procura n'estes theatros. Ora isto de distinguir de gosto de musicas é uma barafunda que nunca se acaba; para isso quero responder agora a V. M. comó quem não entende nada de musica, e assim tenho ouvido quasi todas as operas; cousa que mova o coração, e que faça esquecer a gente do que está vendo, ou d'aquillo em que imaginava com gosto, não é facil ouvir; senão alguns bocadinhos que se ouvem ás vezes de voz suave, e engraçada dos musicos mais finos; e d'estes tenho ouvido só tres todos estes annos (não falando em Egizielo) que os mais, sem lhe fazer injuria, para pouco servem. Das rabecas não sei que lhe diga, que sou official, ou bom, ou máo do officio; já V. M. entende: em quanto á grossaria, ou delicadeza dos ouvidos italianos não digo nada, por isso não digo nada em quanto ao gosto da affinação. Eu prometti fallar como quem não entende nada de musica. Quando acompanham, tocam forte despropositado, de sorte que encobrem muito as vozes, e quando largam todo o panno aos arcos fazem um grande rumor, mas para os meus

ouvidos bem grosseiro, e desagradavel, que junto com o de dentro do theatro, e da grande multidão de gente que está a ver, certo que é cousa para fazer doer a cabeça, a quem for delicado d'ella. Emfim quando venho para casa, que pergunto a mim mesmo: Ora que ouvi eu aqui? Conheço que não foi cousa que me désse gosto, antes trago na cabeça um zum zum, de quatro para cinco horas de rumor de rabecas, rabecões, trompas, etc. gritaria de gente, conversação continua, risadas, palmadas, uns a gritar, bravo, bravono, Ah caro Cafarello; os que vendem sempre a apregoar ao redor dos camarotes gritando desesperados, quem quer vinho, fructas, doces, etc.

Eis aqui, pelo grosso, o que se vae buscar a uma opera. V. M. lá supprirá com a sua imaginação o que eu não posso dizer para não no enfadar mais. Aqui verá V. M. que estas celebradas operas não são tanto o *céo* aberto como a nós se nos representam, antes de as vermos. Isto em mim não é ter em pouco o engenho de quem as faz, e o gosto dos que são tão doudos por ellas; é querer pôr as cousas na rezão. A's vezes tenho comparado uma opera d'estas com a tragedia que ahi fizeram os Padres da Companhia na canonisação dos dous santos, e não sei se lhe diga que antes a veria hoje, do que uma opera. V. M. mesmo, se considerar bem n'uma cousa e outra, pelo que viu, e pelo que lhe tenho pintado, me parece que se porá da minha parte. A melhor cousa que lá havia era o socego e o silencio que havia em toda a parte, e na gente que ouvia, porque assim presta a musica, prestam as palavras e tudo o que se vê, e cá a confusão nem deixa ouvir a musica, nem dá logar a empregar a attenção no que se offerece á vista. A limpeza, e prontidão com que mudavam as scenas era melhor do que aqui; depois d'isso a variedade de figuras, e vestidos, as

apparencias, vestidos de varias castas, & é cousa que dá gosto aos olhos. Aqui todos os annos meia duzia de figuras sempre, sempre com os mesmos vestidos representam romanos antigos, ou principes da India, ou imperadores turcos; sempre musica de recitado e arias; sempre tirar um reino, e sacrificar um filho no fogo, porque disse o oraculo de tal parte que assim era necessario para agradar aos Deuses, etc. Ora para isto, senhor Doutor, me parece certo que é necessario ter muito boa bocca para gastar um anno, e outro anno do mesmo; ou para melhor dizer, me parece que é necessario ter muita tollice, e ser naturalmente pasmado de quanto vemos fazer para achar sempre gosto em ver operas. Quando lhe escrevo a V. M. esta carta e outras semelhantes, é com a esperança de que V. M. as não mostre a outrem, para não me fazer mais odioso do que já lá me fazia; e ainda a V. M. mesmo peço que se não escandelise d'ellas, como podia justissimamente, porque bem conheço que sempre digo mal, talvez de cousas de que se deva dizer mil bens. Eu digo sómente o meu parecer com toda a clareza, mas não quero, como alguns ahi suppunham, que as minhas palavras sejam sentenças; é verdade que muitas vezes me parecem as minhas opiniões mais chegadas á razão que as dos outros, mas d'aqui não se segue que eu despreze os outros, e que faça um conceito altissimo do meu juizo, e que me estime a mim mesmo pelo unico homem de capacidade que ha no mundo. Não sou d'aquelles humildes a quem ouço dizer que sempre desconfiam de tudo o que fazem; que tudo o seu lhe parece erro, e acerto quanto dizem os outros: nunca me pareceu isto, nem me deu nunca vontade de dizer que assim me parece; parece-me que entendo bem umas cousas e outras mal, e assim me parece que as entendem os outros, e se as tenho ás vezes em pouca conta, tambem me tenho a

mim em pouca conta muitas vezes, porque conheço que me parece muito mal, o que já me pareceu bem outro tempo; vejo o pouco que entendo em muitas cousas ordinarias, vejo que os outros as entendem mil vezes melhor que eu, vejo que em outras não comprehendo nem pouco, nem muito, nem para tráz, nem para deante, e finalmente se julgo das opiniões dos outros com toda a liberdade, parece-me que não tomo a mal que os outros façam das minhas o conceito que quizerem. Póde ser que me engane; porque o certo é que tudo isto tem vindo a respeito de que alguns suppozessem que eu queria que as minhas palavras passassem por sentenças. Mas não deixe V. M. por isso de me fallar com toda a liberdade do que lhe parecer quanto lhe escrevo, assim como eu lhe fallo com ella; que ao menos por ora esta é a minha vontade.

Visto ser tão grande este sermão que aqui meti, fallarei agora menos nas comedias. Vi comedias castelhanas, francezas e italianas. Já V. M. sabia o que eu sentia das castelhanas e francezas; das italianas já lhe disse alguma cousa se bem me lembro; agora pouco mais lhe direi. Se é defeito nas castelhanas haver sempre um criado, ou qualquer que diga graças, que fará nas italianas em que sempre ha um...

Snr. Dr. eis que de repente chegam os marinheiros a chamar o portador para se embarcar, que é um capellão que vae d'aqui provido com um *simples,* homem de proposito e de excellente procedimento. Se ahi fôr faça-lhe V. M. todo o bom recebimento. Não tenho lugar para lhe dizer senão que espero pelas dimissorias sem nunca chegarem, se V. M. puder concorrer para que ellas venham depressa fazia-me grande serviço para armar-me de capellão. Adeus, adeus, que não me dão descanço. Saudades a todos os ami-

gos principalmente á senhora Quiteria, ao snr. João, etc.

Roma, 30 de Abril de 1754.

Am.º do C.

Costa.

Ora o portador resolveu-se a não partir senão ámanhã; assim pedi-lhe a carta outra vez para lhe dizer ainda a V. M. duas palavras. Com que se é defeito nas comedias castelhanas, como eu dizia, haver sempre, ou quasi sempre um criado, ou outro qualquer que tenha obrigação de dizer graças, que fará nas italianas em que sempre ha um que sempre se chama Pulchinella; n'umas Puldinella cirurgião, noutras Pulchinella alcoviteiro, n'outras Pulchinella dissimulado; sempre vestido de sarapilheira; com calças de marinheiro até os pés, e uma camiza tambem da mesma droga, muito larga, que lhe fica pelo meio da coxa depois de atada com uma corda pela cinta; e as mangas muito compridas para andarem a dar pela cara com as pontas d'ellas, com as mãos escondidas de dentro; na cabeça cabelleira de cachos metade negra e metade branca, e por cima um bonet de lã branca do feitio d'um papeliço comprido em que cabem quatro ou cinco arrateis de assucar. Quando sahe, vem logo a fazer torcicollos, e visagens, louvado seja Deus, bastante desengraçadas; e assim está quando estão a representar as figuras graves, e a gente ri-se que ha para vêr, ou seja povo, ou sejam guápos. Chega a tanto o desproposito d'estes Pulcinellas ás vezes, que quando menos se espera partem a correr do seu canto donde estão fazendo os seus tregeitos, atravessam o theatro, e sobem pelo throno onde está um rei dispondo os seus exercitos, e dando ordens aos seus

capitães, tiram-no barretinho, e dão-lhe com elle pelas barbas, só para que se ria a gente, e sempre se ri a gente, ainda que a graçola é já tão velha. Tambem ha em quasi todas as comedias mais duas figuras tambem para fazer rir; uma que se chama Pantalone, que é um capitão valente vestido de calças negras, e jubão negro com espada grande á cinta; este sáe de quando em quando com Pulchinella sem importar ao fio da comedia, senão para alegrar a gente, e põem-se a argumentar valentias; tira da espada, assopra a Pulchinela para o deitar no chão; não pode; torna a soprar mais forte, não faz nada; vae-se chegando com a espada nua em acção de o ferir, eis que escarra Pulchinela, e cahe a espada da mão do capitão Pantalone, e começa a tremer como varas verdes (não succederia tal ao celebrado capitão que conquistou a cidade Melqui, que por nome não perca); depois torna a cobrar animo, e começa a tremer Pulchinela, e n'esta jangada estão o seu quarto de hora, e mais, dizendo palavras da sua cabeça. A outra figura chama-se Tartalha, que quer dizer, gago, que de ordinario é um criado, ou alcoviteiro, gago, e atolambado, com sua malicia; a sua obrigação é gaguejar muito, e fazer-se tolo. Estes lhe digo eu, snr. Doutor, que são enxabidos despropositadamente, e sem embargo os italianos acham-lhe graça, e riem-se sempre desde o principio até o fim; porque V. M. ha de saber que esta gente assim como de ordinario não é tão boçal como nós, assim tambem é sem comparação mais leve da cabeça e mui fraca de juizo, a meu fraco parecer. As figuras graves tem uma toadilha insoffrivel, e uma affectação continua que certo enfadará cães, e com a enxabidade sempre de caza. Mas em tres collegios nobres que aqui ha fazem os estudantes suas comedias muito bem, certo. Bom theatro, bons vestidos, boa musica de instrumentos, e a representação muito

boa em comparação d'estes comediantes de officio; para que V. M. veja que tambem digo bem ás vezes, inda que poucas.

Ora agora parece que já basta de impertinencia de fallar em comedias e operas. V. M. creia o que lhe parecer; só lhe peço que esteja seguro que inda sou como era, em dizer bem, ou mal das couzas de uma terra, pelo que entendo ou bem ou mal d'ellas, e não por me ir bem, ou mal na tal terra. V. M. verá em outras occasiões os bens que lhe digo de Roma; como por exemplo, o clima, que lhe aseguro a V. M. que é excellentissimo: este anno pelos principios de março nevou cinco dias despropositadamente, e choveu alguns dias mais como neve, mas compoz-se emfim, e ficou o resto do mez, e todo este de Abril um tempo tão fino que dá grande gosto o passear pelo campo, e á borda do rio; isto sim que é verdadeiramente tempo de primavera; agora aqui conheço eu a vantagem que levam as primaveras ao outomno; o ar temperadissimo, sem ventos, como quasi sempre todo o anno? umas terras com os trigos verdes, outras lavradas de fresco, salpicadas de arvores com a folha nova, passarinhos, roixinoes finissimos, etc. Aqui perguntaria o snr. João, se os arredores de Roma serão tão lindos como os do Porto? E eu diria que são sem duvida melhores; o rio inda tem na agua mais feia, que o Douro, mas corre manso sempre, porque não ha ventos, e as bordas são mui lindas, porque vae por valle bastante dilatado, cheio de quintas, casaes, campos, e vinhas, tudo muito agradavel, e em partes costeiras e outeiros mais altos, e mais longe serras carrancudas, etc.

Tornando á dimissoria monsenhor de Almada me prometteu ha quasi um anno de escrever ao bispo governador d'ahi, a pedir-lh'a; mas atéqui não lhe veio reposta; não quero crêr que elle se descuidasse, se-

não que houvesse descaminho da carta, ou outro qualquer embaraço, que elle não pudesse impellir. Se V. M. puder concorrer de algum modo para que ella me venha, fazia-me, como já lhe disse, grande serviço, para haver de me ordenar, visto tomar a resolução d'esta vida, e ser-me assim necessario; e quando lhe pareça que não lhe fica bem a V. M. fallar n'isso, visto o empenho de monsenhor, poderia dizer V. M. que o fazia por eu lh'o ter pedido já ha muito tempo; mas V. M. faça n'isto e em tudo sempre o que sentir que é verdadeiro, e não olhe cegamente por me fazer o gosto. De novo, saudades á senhora Quiteria, e snr.[as] manas do meu conhecimento, e senhora Anna Joaquina, a ao senhor João Peixoto, senhor Manoel Fernandes, snr. João Alves, e a todos os outros amigos e conhecidos. Tanto queria agora escrever ao padre Sanhudo, e peza-me que, com a pressa, não posso. V. M. alegre-se, e conserve paz no seu peito, em quanto puder, que é o maior bem que se póde ter &.

Amigo do Coração,

Costa.

VI

(Roma, 20 de Maio de 1754.)

Snr. Dr. Certo que póde V. M. dizer que estou bem desenfadado, quando escrevo tanto; ora a dizer a verdade, o meu genio, como V. M. sabe, naturalmente me pucha a fugir de vida embaraçada, e assim ainda que não tenho modo de vida certo, faço tudo o

que posso para livrar algumas horas, ou tardes ou dias, para as empregar no que me pede o natural, que vem a ser fugir da gente, e de todas as cousas com que ella se costuma divertir de ordinario, e pôr-me a imaginar no que tenho passado, e passo, e no que vejo que as outras passam, e teem passado; outras vezes vou-me pôr a ver jogar a Boxa, que é um jogo que se parece com a laranjinha, em uma quinta, debaixo de verdes no meio de campos muito lindos, em quanto o sol não dá lugar a ir dar um passeio á borda do rio, olhando para a sua agua, ainda que envolta, para as arvores, para os trigos, vinhos, hervas, &; tudo tão viçoso, como costuma a estar pelo meio de maio, e ouvindo os rouxinoes, que se vão apurando todos os dias. Ditoso de mim, e dos outros, que gostamos d'estas cousas, e temos liberdade para gozar d'ellas, e triste de quem não póde fazer o mesmo por estar preso em um carcere escuro e asqueroso, ou por outro qualquer impedimento! Se V. M. passasse aqui quatro primaveras como eu tenho passado, quando tornasse para Portugal, estranharia lá muito o clima, e sempre teria saudades de Roma. As primaveras são como lá as pintam nos livros, e os pregadores; temperadas, frescas e quietas; os outonos o mesmo; os verãos quentes, e os invernos frios; mas parece-me que nunca cá chega o calor e o frio a ser tão excessivo como lá, porque pelo inverno não ha ventos (e isto é todo o anno, porque assim como lá é raro o dia socegado, assim cá é rarissimo o dia de vento) e pelo verão, ainda que os não ha, e ainda que estejam as grimpas do soão, sempre se sente no ar uma certa humidade, que refrigera. Isto é o que me parece. Ao menos já V. M. conhece que o digo por mais não entender, e não por ser cego com as cousas de Roma, que bem sabe como lhe canto das que me parecem mal. Mas aqui não somente o clima

é bom. Póde-se dizer de Roma o que lá se diz de muitos logares, que é bom n'elles tudo o que não falla. São boas as ruas, as praças, os palacios, as egrejas, as fontes, os alimentos, as commodidades para a vida, a liberdade &; é boa a quietação do natural dos italianos, e a sua humildade, e grande diligencia com que servem, e trabalham para fazer o gosto a quem tem dinheiro, ou lhe poderá vir a servir de alguma conveniencia; emfim ha muitas cousas boas em Roma, olhando para ella assim por fóra, pelo grosso, pela casca, pelo que importa pouco; mas olhando para a substancia, para os costumes, para as inclinações, e genios que mostram estes homens e estas mulheres nas suas acções, eu pasmo hoje, pasmo amanhã, pasmo em outro dia, e pasmo sempre. Agora aqui talvez que V. M. me quereria perguntar com quaes quereria eu viver hoje em dia, se estivesse na minha mão, com italianos, ou portuguezes? Não sei que lhe diga, snr. Dr., deixemos a reposta para outra vez; por ora contente-se com confessar-lhe eu que conheço a injustiça que muitas vezes fazia no que julgava mal da nossa nação; não por lhe suppor defeitos falsos, mas por entender que em nenhuma outra se veriam alguns d'elles em um gráo tão excessivo. Vê V. M. como me durou pouco o dizer bem! Mas elevai *(sic)* que se V. M. ainda conserva o mesmo natural que tinha não lhe desgostará de vêr dar dous córtes. Se eu advinhára o que V. M. desejava que eu lhe dissesse de Roma, lhe diria tudo = pe a pa, pe e pé = conforme entendesse, porque ainda que eu fujo de tratar gente, pela obrigação de meu officio de rabequista não posso deixar de me achar n'esta funcção e n'aquella, pela maior parte caseiras, que dão mais que ver e notar; e fazer algumas visitas a algumas casas, d'onde alcanço mais em um mez, que lá em um anno; porque esta gente não se recata tanto, e eu já passo de quarenta a serviço de Deus,

e de V. M. Assim, se a V. M. lhe vier appetite de saber algum pontinho, diga-m'o, que lh'o explicarei o mais que poder até onde chegar a minha alçada. Aqui me disse o snr. Lopes, que o snr. mestre-escóla da Sé tivera um estupor grande, e que ficára muito mal d'elle, de sorte que se entendia que duraria pouco; e logo me lembraram as contas que V. M. tinha com elle. V. M. me diga em que alturas ellas estão, e como lhe vae de dinheiros, que é o ponto principal desde aqui de nossa idade por deante, e se o snr. Manoel tornou já para o Brazil, e se o que lá está manda já o doce nas frotas, quero dizer um par de dobras para concertar as casas do Forno Velho, e comprar algum trastesinho; porque ainda que eu por ora não cuido muito n'esta casta de conveniencias para mim, nem por isso as deixo de desejar aos outros, a quem lhe são mais necessarias, e as desejam mais. Diga-me tambem como lhe vae ao snr. João; se lhe sopram agora mais que o anno passado esses bailes, e essas furias de Rio, que as funcções de Martinho Velho bem sei eu que estão acabadas; diga-me em que alturas está em materia de *vita et moribus*, e se lhe vem ainda alguns longes de desejo de sermão, ou de poesia, ou de bailar o *amable*, que se o faz ainda, é signal que ainda tem alguma substancia, e que ainda não se póde dizer que já está acabado. Diga-me como está o snr. Fernandes, e se houve alguma mudança na sua casa, &; e o mesmo do snr. Alves, e de todos os conhecidos, que desejo saber de tudo o que se vae passando por lá. Eu não tenho de quem lhe dê noticia de pessoa, que V. M. conheça senão do snr. Lopes, e d'esse mesmo lhe posso dar muito pouca, porque se passam ás vezes dous mezes, e mais, que o não vejo. Não tem feito cousa de consideração; ja V. M. saberá o seu natural; vive cá como lá vivia, pelo que elle mesmo me deu a conhecer; só que se constrangeu em

alguns exteriores, porque os portuguezes são aqui poucos, e por isso elle de alguma sorte estranhou a gritaria que elles lhe faziam ao seu modo de portar-se; retirou-se d'elles e começou a deixar-se ver menos vezes; eu supponho, pelo que elle me disse, que se vae embora para o outono; Deus o leve em paz, que eu terei gosto de o não ver, porque lhe affirmo que me dava pena ver o desprezo de todos em que aqui vive, sendo um moço tão bem parecido, e filho de um homem rico, que para cá vale mais que quanto ha no mundo. A dez de Janeiro d'este anno escrevi a V. M. uma carta por via do thesoureiro de Hespanha que reside aqui; remetteu-m'a a Madrid, a um seu irmão, creado da Rainha, se bem me lembro, e até agora não chega reposta; não sei se seria por se descuidar o tal irmão de a mandar a V. M. ou por outro qualquer descaminho; esteja V. M. bem, o mais importa pouco. N'ella lhe repetia a V. M. o impertinente ponto das dimissorias, sobre que monsenhor de Almada, que se empenhou para alcançar-m'as, não teve ainda reposta nenhuma; e isto attribuo eu a quem elle lá désse essa incumbencia, e não a descuido seu. Seja o que fôr, é certo que, se V. M. tivesse alguma via para as conseguir, fazia-me grande serviço para me acabar de ordenar, e tomar estado, já que estou ha tantos annos sem no tomar. Nunca fallo n'este ponto de dimissorias que me não lembrem os argumentos, ou as perseguições com que me apertava o snr. Fernandes, com tanto zêlo, para que me acabasse de ordenar, pondo-me o caso em escrupulo de consciencia; o magano parece que advinhava a minha transplantação para Roma, onde não é mau ser clerigo para um caso de necessidade, e é certo que se eu o fosse, escusava de andar até agora a buscar modos de viver por rabecas, francez, (que até mestre de francez, fui aqui de dous portuguezes!) e outras jangadilhas bem contra

o meu genio;conheço que n'este sentido tinha elle mil razões; mas que lhe hei de fazer, se me não vinha a cubiça dos tostões das missas, nem adevinhava o que me havia de succeder? O mais é que nem agora, depois que conheço quam prejudicial ao meu descanço e modo de viver foi o não me ter ordenado, me arrependo nem pouco nem muito de o não ter feito, assim como tambem me não arrependo de não ter fallado com uma pessoa, por cuja porta passei quando sahi d'ahi ou ao menos lhe vi a casa; que era a mesma pessoa que me fez sahir; desejava-lhe fallar; podia-lhe fallar n'aquella occasião; já então esperava que me serviria de muito o fallar com ella; e hoje, pelo que soube aqui, entendo que o mais certo era não sahir de Portugal, se lhe fallava. Cuida V. M. que nem por sombra me chega o menor arrependimento de o não ter feito? Ah! Não conto isto por virtude senão para informar a V. M., como já lá fazia, do meu natural, que certo em muitas cousas é bem esquipatico, e contra o commum do que se vê nos homens; não por estudo, ou affectação, senão porque já nasci com estas inclinações, ou ao menos as tenho desde que me entendo e sempre senti que se me foram cada vez arreigando mais no coração com os annos. Quando eu era rapaz, o amor, e outras algumas paixões, que me moviam, me faziam muitas vezes arrepender de algumas cousas; hoje não sinto arrependimento que me moleste, senão é o ter tratado a V. M. e ao snr. Pedro Pereira e a outra alguma pessoa com demasiada secura e aspereza, ou outros erros semelhantes que em si mesmo são cousa má, como abrir a todos o meu peito com demasiada sinceridade, dizer aos outros os seus defeitos na cara, sem mais rodeos, nem voltinhas, &. Ora supponhamos que me nascia esta grande liberdade no fallar por eu sentir que me não moviam a isso paixões, senão o amor da virtude, e o

aborrecimento do vicio; poderei deixar de conhecer (e sempre o conheci mais ou menos; que é o peor) que era uma imprudencia despropositada? Mas não estava na minha mão outra cousa. Já quando da outra vez vim a França, me deram pelo caminho mil arrependimentos da secura, com que muitas vezes tinha tratado ao snr. Pedro Pereira, e fiz mil propositos de me emendar quando lá chegasse; contive-me com trabalho os primeiros tempos, depois logo tornei ao meu natural. Muitas vezes terá V. M. reparado por que lhe não escrevo (para sahir-mos d'estas philosophias)? Mas aqui vem outro defeito meu. O meu demasiado acanhamento por lhe dever um pouco de dinheiro, e não lh'o poder pagar, é a causa de eu me não achar por nenhum modo com animo de pegar n'uma penna para lhe escrever. Haverá remedio para isto? Haverá, mas eu não lh'o posso dar, nem lh'o acho. Uns homens tem uns defeitos, e outros, outros; eu tenho os meus. Se não faço mal aos homens por andar atraz das honras e do interesse, faço-lhe pela minha imprudencia, e demasiada austeridade, e outros desfaropatorios semelhantes. Não é pouco que eu ao menos me conheça, ainda que bom seria que tambem me emendasse, como devia; mas, como já disse, não está na minha mão. Eu pasmo ás vezes quando considero na moderação com que me havia nas conversações aquelles dous annos e meio que estive em Canavezes, e na imprudencia com que vim a fallar diante de toda a casta de gente pelos annos adiante. Muitas razões se poderiam dar d'isto, e uma muito natural é dizer que tudo nascia da minha presumpção de saber muito, e de entender as cousas melhor que ninguem; póde ser, mas eu inclino-me mais depressa a que nacesse do pouco caso que eu fazia de quanto tinha aprendido, e de quanto aprendem nos homens, e do grande desejo que sempre tive de ver homens que dissessem, e fizes-

sem o que entendiam, e que não fallassem, nem se metessem a fazer nada, quando não entendiam nada; que é fructo que se vê rarissimas vezes no mundo, dizer um, quando lhe perguntam, que faria V. M. n'este caso? Ahi não chega o meu juizo. Ora este desejo de que todos os homens obrassem tudo com singeleza e naturalidade, este pouco caso de quasi todas as sciencias do mundo, emfim esta austeridade do meu genio e todos os defeitos que d'aqui me provem, foram uma das causas principaes que me moverão a deixar de ir para Inglaterra e ficar em Roma, feito clerigo; agora conheço ainda melhor do que lá, que para viver n'este mundo, e ganhar a vida, não sómente é necessario infallivelmente ser comedido nas palavras e usar continuamente de dissimulação; mas tambem de lisonjas, mentiras, traições, embustes; e o que mais é, é necessario mil vezes para agradar a uns, e viver com elles, fazer mal a outros, e perseguil-os; que é, a meu ver, o maior defeito, que podem ter os homens, se é que se póde chamar defeito a um vicio que não vem a acabar em fazer mal a outrem. Considerei que a minha vida em Inglaterra (passados os primeiros tempos) não podia ser senão o commercio; mas que geito tinha eu para mercador? Pouco desejo, ou nenhum de riqueza; pouca habilidade para comprar; para vender não fallemos; pouca agilidade para acudir ás fazendas, a ver umas, a acondicionar outras, a assortir outras, e enfeital-as; pouco animo para pedir dinheiro, para o arriscar em grande quantidade, e para o meter em negocios incertos, deixando-me ficar sem elle, em perigo de não ter com que pagasse as letras, que viessem sobre mim. Emfim snr. Dr., vi-me com quarenta annos, e com uma inclinação natural desde criança á vida descançada, e retirada de todas as arengas do mundo, e entendi que por muitas razões fazia mal em ir para Inglaterra, o que V. M.

talvez entenderia a primeira vez que eu lhe fallei n'isso. Resolvi-me a ficar aqui, em quanto não ha cousa que me obrigue a sahir, como houve lá. Já me importa pouco que seja assim a companhia d'estes clerigos de S. Antonio; já me acho com valor para ver este ou aquelle desproposito; porque em rezando e cantando com elles no coro, não estou obrigado a mais; meto-me na minha casinha, e ponho-me a brincar n'uma viola, ou a olhar para os verdes, que tenho excellente vista da janella: um valle formoso, semeado de casas de lavradores, montes cobertos de verdura, e ao longe serranias com suas nevoas por cima, &. Depois ir passear á borda do rio, e tornar para casa, e achal-a só, e limpa, e ir deitar ás suas horas com o coração socegado, sem penas, nem desejos; que mais quero? Aqui estarei descançado, e sem susto de que me venham convidar para funcções enfadonhas por todos os motivos onde, em quanto os outros se regalam, eu me esteja consumindo e fazendo de fel e vinagre, e envergonhando, e por fim venha para casa triste como a noite, e com a paz do meu coração derrancada, ás vezes para um par de dias, e vendo que, quem me convidou, fica muito contente, entendendo que me diverti melhor do que me podia divertir nunca na minha terra, e que tive o gosto de me fazer honra com a rabeca, como elles dizem, que vem a ser, que lustrei. Isto dado a entender a quem, snr. Dr.? A mim! que faço tanto gosto de tocar rabeca com esta gente como V. M. o poderia fazer de bailar um minueto com o capitão de São Domingos, e que estimo mais pelos seus bons costumes certas cozinheiras portuguezas do que as mais escolhidas princezas de Roma. Este é talvez um dos encarecimentos mais despropositados que V. M. terá ouvido n'este mundo; mas considere V. M. sómente na baixeza de pensamentos e acções a que póde chegar uma pessoa criada desde pequena

e com a doutrina e exemplo do interesse mais vil e mais baixo que se póde imaginar, especialmente não conhecendo o brio, pondonorsinho, ou seja muito embora fofice, da nossa nação; e poderá fazer algum juizo da miseria a que chega esta gente n'este ponto. Aqui não se pede por esdruxulos, por remoques, por deixar de fazer o favor uma vez até que mandem, para assim ficarem entendendo para as outras; não senhor; isto cá vae por outra taboada. Continuamente se ouve pelas conversações contar: fulana regalou a fulana tantos sequins, ou tal cousa, porque lhe alcançou aquillo do cardeal fulano, do principe, de monsenhor, &; depois começam a informar claramente do conhecimento que tem com este, ou com aquelle senhor, e a dizer aos circumstantes, que se se lhe offerecer alguma cousa para elle, ou se souberem de alguem que queira, &, propriamente como lá fazem os mercadores quando uma pessoa lhe vae a casa, a pedir-lhe que lhe remeta uma carta para o Brazil, que começam: se quer um par de covados de limiste bom, que o tem agora do mais selecto, que lh'o ha-de dar em commodo, pelo custo, &. Vê V. M. que selada eu vou por aqui fazendo! E como passo de umas cousas para outras sem usar de regoa, nem prumo, nem esquadro! Elevai; V. M. já sabe que, quando me dá para fallar, fallarei por toda uma eternidade, e que quem falla assim, por força ha de fazer misturada. Ainda falta escurrichar um ponto. Aqui viverei descançado de que me convidem para funcções impertinentes, porque já estou capellão de Santo Antonio, de certos, que chamam supranumerarios, que não tem mais paga que a casa, cama, quem lhe cozinhe, e dez *paulos* cada mez com a obrigação de dizer cinco missas, se é clerigo; esta foi a minha renda este mez de maio, mas para o de junho me disse o Governador que serei capellão numerario, que é o mesmo que ter

a commodidade da casa, e tres escudos cada mez do coro, e tres da missa, quando vier o papelinho *sive quo,* se a tanto se atrever V. M., ou monsenhor de Almada; dizem cá estes clerigos que tem seis mil réis cada mez; enganam-se certo, que lhe falta muito; mas é certo que n'esta terra os seis escudos bem valem tanto, e mais que ahi os seis mil réis; de haveres estou eu bem, sempre, snr. Dr., assim eu tivesse aqui certas pessoas para fallar com ellas de quando em quando, especialmente d'aquellas que não teem barba, ainda que sejam grandes, e que fallam delgadinho; estas doutoras sim, que nunca me sahem da cabeça, como Ulpiano e Bartholo aos lentes de prima da Universidade. Se lá me pareciam algumas tão dignas de estimação, (pondo de parte os seus defeitos, que todos os tem) de cá inda m'o parecem muito mais. Ora, amigo snr. Dr., se eu as não vou ver, nem a V. M., virá V. M. ainda a Roma ver-me, e a estas mulheres; creia-me que não desespero de lhe vir inda a meter em cabeça, esta jornada; tudo depende sómente do que lhe não seja a V. M. necessario trabalhar para sustentar a sua casa, o que é mui possivel, enriquecendo um dos seus filhos, ou ambos; que a distancia do caminho não póde servir de embaraço nenhum a um homem de juizo, tendo dinheiro na algibeira; antes de grande gosto e divertimento; e de dinheiro, ainda para vir com toda a commodidade, não cuide V. M. que é necessario um sacco cheio; agora foi d'aqui um sobrinho de um conego de Santiago, que conheci em Galliza, e veio aqui dar commigo, e sabe V. M. quanto gasta? Quarenta e cinco escudos, que não chegam a quarenta mil réis do nosso dinheiro, pelo levarem em caleça desde aqui de dentro de Roma da sua porta até Barcelona, e dar-lhe de comer uma vez ao dia excellentemente, como se come pelas estalagens grandes de Italia e França, e por lhe le-

varem um criado nas rodas, e o seu bahuesão &; e as cem legoas que lhe faltam desde alli a Madrid, o levam em um carro-mato, dando-lhe bem de comer, por moeda e meia, ou pouco mais; pois de Madrid ao Porto já V. M. sabe que haverá oitenta leguas. Isto é, indo de principe, sempre por terra, que se V. M. não tivesse o mar, podia vir muito mais barato. Certo que eu n'isso teria grande gosto, e V. M. tambem em vêr tantas terras, e gentes, e costumes differentes, e em estar em Roma um anno ou mais, se quizesse, na cabeça que foi algum dia de todo o mundo, e o é hoje da christandade, vendo estatuas antigas, romanas e gregas, edificios modernos, reparando bem n'esta arquitectura de que lá se falla com tanta pasmaceira, no modo de vestir, de adereçar as casas, &; e sobre tudo nas inclinações e modo de viver d'esta gente, que é mais differente do nosso do que eu cuidava algum dia. Ora, snr. Dr., se eu não acabo de estalo, nunca acabarei. Já lhe tenho dito a V. M. algumas vezes que se quizer que lhe escreva com mais liberdade, me mande dizer um nome de mulher fingido, para lhe fazer assim o sobrescripto, e lhe escrever dentro como a tal, para que, dado caso que a venham a ler, não saibam para quem ella ia. V. M. me avize quando tiver occasião; e se quizer, para maior segurança, escreva o tal nome na cifra com que escrevia algum dia, que assim ainda que a sua carta tenha descaminho, não no entenderão. Diga-me tambem todas as novidades que entender, eu terei gosto de saber. Dê-me infinitas saudades á snr.ª Quiteria, e lhe dirá que me receba o desejo e a boa vontade que tivera de lhe ir fazer uma visita de quando em quando, para gozar da sua falla e do seu riso tão engraçado, e do seu modo tão agradavel, que inda agora me parece muito melhor imaginando n'elle cá, n'esta penuria de graça das mulheres no meio de quem vivo. Louvado seja Deus que

as fez! Elevai, ao menos tem no bem de que não botam muito fogo ao coração dos homens, nem elles tambem são de casta de se acenderem muito, e assim namoram, e tornam a namorar um anno, e outro anno, e nós os portuguezes e castelhanos que o estamos vendo, não se nos póde metter na cabeça que aquillo seja amor, nem que se lhe possa dar tal nome; emfim este amor caminha com tal moderação e socego, que passa aqui por cousa licita; publicamente se faz, publicamente se falla n'elle, se confessa que se tem, se diz que se vive d'isso; e os mesmos paes de uma rapariga, se lhe pergunta uma pessoa, que os venha visitar, quem é aquelle estudante que está a conversar á janella com a filha, responde diante de oito ou doze pessoas que alli estejam: que é o snr. abbade fulano, que faz o amor com Mariquinhas ou Anninhas. O snr. Lopes me disse um d'estes dias que uma lhe dissera mui séria, e com grande secura, como quem fallava no linho, ou na tea, que queria bem ao snr. fulano, mas que não queria já fazer mais o amor com elle, porque não gostava d'isso a snr.ª madre, e que escusava de se estar a mortificar a ouvil-a, nem ella de ter esse desgosto; que lhe havia de dizer que não tornasse a vir, &. Conte isto á snr.ª Quiteria. Saudades a todas as outras senhoras; aos snrs. Fernandes e Alvares e com particularidade ao snr. João. V. M. me fará dar esse *minuete* ao snr. Nunes, porque me parece que o fiz facil como elle desejava. Alegria, e cuidar em ter o peito socegado.

Roma, a 20 de Maio de 754 (sic).

Amigo

Costa.

VII

(Roma, 30 de Agosto de 1754.)

Snr. Doutor. — No principio d'agosto escrevi a V. M. por um dispensante, mas como esta casta de portadores não são ás vezes muito seguros, torno-lhe agora a escrever; não para cousa que se me offereça de novo, mas para lhe dar outra vez uns agradecimentos, se é que tocam a V. M. Para isto lhe repetirei o que já lhe disse na outra. A vinte e tantos de julho me deu o Padre Carvalho da companhia 6$400 réis por ordem do Padre Antonio de Torres que eu conheci aqui, e agora diz que é lá provincial, e perguntando-lhe eu quem m'os mandava dar, disse que não sabia, senão que vinham por via de um conego de Cedofeita. D'aqui tirei que seria V. M., visto ter-me já mandado por ella outros 6$400. Se é assim agradeço a V. M. uma e mil vezes o favor; porque ainda que por ora não tenho necessidade, isto de dinheiro é como o doce que a toda a hora tem lugar, e sempre sabe bem: (diz V. M. agora: olá, elle já se lhe vae pegando dos italianos a fome de dinheiro; póde ser; quem sabe se será assim e a mim que me pareça que não.) Ora, como dizia, agradeço-lh'o mil vezes, mas ao mesmo tempo lhe peço com todas as véras, como já lhe pedi outras vezes, (não sei se lhe iriam á mão essas cartas) que me não mande mais; porque não é justo que V. M. se desarremedeie, especialmente quando eu não necessito; porque emfim, como já lhe disse, estou conego com casa e cama, e cozinha

de casa, e tres mil réis cada mez pela cantarola; e se me vem a dimissoria, além das conveniencias da casa, fico com seis mil réis cada mez; veja V. M. se poderá estar assim bem um homem tão governado como eu, ou seja embora miseravel. V. M. ponha estes 6$400 réis no rol do dinheiro que me tem emprestado, e mande-me dizer a somma de tudo, não porque lhe possa pagar, como V. M. bem póde entender, mas porque tenho gosto de saber o que lhe devo para deitar as minhas contas pelo tempo adiante. Não sei se V. M. receberia uma carta minha que lhe foi por via de um castelhano criado da rainha em Madrid; mandou-lha d'aqui por um irmão seu que é official da thesouraria de Hespanha, e lhe pedia que a mettesse logo no correio de Lisboa, e que mandasse a resposta, logo que a recebesse; isto foi no principio de Janeiro, e atégora nada; d'onde tiro que talvez se descuidaria o castelhano; o que eu lhe dizia n'essa carta, tudo vinha a dar em dimissoria, e mais dimissoria; mas como monsenhor de Almada tem tomado isso á sua conta, é justo que eu o deixe lá com o negocio, e que tenha boas esperanças; que para isso estou em Roma, d'onde ellas mesmo parece que se geram do clima. Muitas vezes me tenho offerecido a V. M. e á snr.ª Quiteria para lhe mandar alguma musica que ella me encommendasse, mas quasi que estou de todo arrependido, porque não ouço cousa que lhe possa contentar, a meu parecer; mil vezes ouço dizer; bella missa, bellos psalmos; e eu estou certo que postas lá estas cousas, não agradariam, e dariam por mal empregado o tempo que se gastou em tresladal-as, e o dinheiro que se deu por ellas. Todavia se a snr.ª Quiteria quizer experimentar alguma cousa á fortuna, mandar-lhe hei uma peça, e assim como se achar com ella, assim fará; mas ha de ella dizer que cousa ha de ser, e com que circumstancias. V. M. lhe dará mil saudades minhas, que emfim

ella e outras doutoras, que eu conhecia, me fazem ser mais amargoso estar tão longe de Portugal e o viver entre estas pestes das pestes das mulheres, que ás vezes, (me creia V. M.) que vem um desejo fortissimo de não ter conhecido portuguezas, ou ao menos de não ter fallado com nenhuma na minha vida... Vê V. M., que fazendo eu tenção fixe de não me meter hoje em philosophias, já entrava n'ellas sem querer! Já se vê que eu não sirvo senão para lhe vir sempre a V. M. com arengas; assim tenha paciencia. Queria saber quantos palmos tinha de vão a capella mór da Sé, de comprimento, e de largura, isto é, de parede a parede, deitando de fóra a tribuna, e as cadeiras; ainda me explico mais, a ver se vae mais claro; de uma parede dos lados á outra, e das grades de bronze que estão á entrada, até á parede ultima que fica por detraz da tribuna. Eu creio que isto estará escripto em algum livro da mesma Sé; se fôr assim, e V. M. o puder saber sem grande trabalho, faz-me favor, mas tambem é necessario que se explique que palmos são, porque os ha geometricos, e tataranetos, &. José Lopes desappareceu d'aqui pelo Santo Antonio, depois de ter vivido por um modo que lhe doeria bem a seu pae quando lá lhe chegasse a noticia; passado pouco tempo se soube que foi dar comsigo em Napoles, e começava lá com a mesma vida. Deus queira que elle se resolvesse a ir para Portugal ainda que não sei o que lá possa fazer d'elle seu pae; certo que tenho grande pena d'elle, e do filho, mas eu não lhe posso dar remedio, nem me parece que ninguem lh'o possa dar. Tal conceito faço do natural de José Lopes, e dos seus costumes! V. M. queime logo esta carta que não quizera que se soubesse que de tão longe ainda digo mal dos meus patricios. Saiba V. M. que cheguei ao banco autorisado dos *quarenta;* louvado seja Deus! que já somos homens, e largámos os cueiros para sempre.

Saudades de novo á snr.ª Quiteria, e a todas as minhas conhecidas, snrs. Peixoto, Fernandes, Alves, &.
Roma, 30 de Agosto de 1754.

Am.º do C.

Costa.

VIII

(Veneza, 22 de julho de 1761.)

Snr. Pedro Pereira de S. Payo. Fallei tantas vezes no Sabará e em V. M. com o portador d'esta, que não me atrevi a deixar de a escrever, para ao menos n'isto mostrar que não me esqueço do que devo a V. M. em todos os sentidos, já que não posso pagar-lhe como desejava.

O tal, que é do Cailé, entre outras cousas me contou, que Francisco José das Chagas, aquelle moço do Alemtejo que tocava rabeca, morrera de repente bebendo um copo de leite em casa de Lourenço José; estas são as noticias que eu cá costumo ter dos meus conhecidos: este morreu, aquelle teve um estupor, e aquelloutro prenderam-n'o, &.

De Veneza não tenho que diga a V. M. senão o que já fiz n'outra; mas como é de crer que não lhe chegasse á mão, porque a levou um capitão de um navio dinamarquez que ia vizitar todos os portos do Mediterraneo antes de aportar a Lisboa, tornar-lhe-hei a dizer que esta terra no material é differentissima do que lá se crê, e que para meu gosto inda não vi cidade grande tão feia nem espero de vel-o; porque

tirando a praça de S. Marcos, o palacio da Republica que está n'ella ao pé da egreja, e o *canal grande* que atraveça como um *S*; o resto, quero dizer Veneza, é uma multidão de canaes estreitos e funebres sobremodo, e de becos, por muito dos quaes não podem passar tres pessoas a par, cheios de casas de tres, quatro, e cinco andares, baixissimas de ponto, de architectura gothica, de janellinhas redondas, ou ponteagudas, fechadas com suas meias portas pela parte de fóra, feitas ao machado, que quando estão abertas de dia me fazem lembrar das caixinhas dos nossos ermitães, e de quando em quando suas chaminés com canal para o fumo, formadas da grossura da parede para fóra cousa de palmo e meio, de modo que não se póde ver nada para os lados, emfim, se as ruas não fossem bem calçadas, e as taes lojazinhas bem providas de fazenda, Veneza seria um curral de cabras. As mulheres andam de saia preta, e sendal negro na cabeça, mas vê-se-lhe metade do corpo e dos braços, com o seu vestido verde, amarelo, &. Os homens de casaca e capote, indispensavelmente de verão e inverno; as carruagens são as gondolas, barcos estreitos, e compridos com seu toldo no meio, por cuja boca cabe uma pessoa só, abafadissimos, com suas almofadas de couro dos lados, e detrás, nem menos como as das seges, cobertos todos com uma cousa como baeta negra, de modo que a primeira vez que um forasteiro vê um canal cheio das taes gondolas imagina que ha funcção de enterro, gosto verdadeiramente do tempo dos godos, que os Venezianos conservam em quasi tudo; ajunte V. M. a tudo isto não se poder ver campos, nem arvores. Este é o material de Veneza, tão louvado por toda a Europa. O arsenal é grande, e bem provido, mas de pouca admiração para mim; paredes de quando em quando com o seu telhado por cima, antenas, mastros vergas tudo é madeira da terra nozinhen-

tos (?). O celeberrino carnaval, os touros & para mim (e para todos os portuguezes que não estiverem apaixonados por tudo o que é estrangeiro) é cousa que faz rir primeiro e depois entristecer. Tem tambem cousas excellentes, como ser rica, abundantissima de tudo, especialmente de comestiveis, estar illuminada de noute, não como lá se imagina, mas ao menos de sorte que não se póde ter medo de tropeçar em nada, ou cair em algum canal. A musica da cidade, ou de S. Marcos, é uma peste, mas ha quatro conservatorios, ou seminarios em que aprendem esta arte *Puellæ Puellarum,* que tocam como homens, e cantam bellamente, especialmente no dos *incuraveis,* (todos estamos annexos a hospitaes) onde ha uma tal *gregheta,* que me tem feito chorar algumas vezes com a graça e suavidade de sua vóz; se eu fóra a V. M. sabendo que havia algum navio em Lisboa para estas partes embarcava-me e vinha ouvil-a. Não ha tempo para gracejar, nem fallar mais em musica.—V. M. me faça o favor de me pôr aos pés da snr.ª D. Roza minha snr.ª, do Snr. José Pereira, Snr. Prior, e todos os snrs. de casa do Snr. Cavalleiro Pitta, do Snr. Bento Luiz, Snr. Carlos Alvo, Snr. Torrão, e todos os snrs. que me fizeram merces, *nec non* do Snr. Nunes, Snr. Peixe Correento, Snr. Dr. Luiz Gomes &; e veja se lhe sirvo aqui para alguma cousa, que me achará grande desejo de o poder fazer.

Veneza, 22 de julho de 1761.

De V. M.

Criado m.to obr.º Ven.dor e Am.º

Antonio da Costa.

IX

(Vienna d'Austria, 23 de julho de 1774.)

Bem custou a chegar a agua ao moinho, snr. Doutor, mas, a dizer a verdade, chegou ainda mais cedo do que eu esperava; facilmente lhe podia fazer o gosto de lhe escrever dilatadamente, porque o furor de fallar, quando não olho para as pessoas a quem fallo, nem ellas para mim, ainda é como d'antes; mas aqui não ha dispensantes que levem os maços, ou livros, que eu lhe mandava por elles de Roma, e não é justo abusar eu da boa vontade com que me enviam estas; está-se aqui esperando ministro de Portugal a esta corte, que é um dos Rangeis de Coimbra; e veremos se lhe poderei escrever a V. M. por sua via; seja como fôr, V. M. não me responda até eu não lhe dizer o como; em tanto, fallarei só no mais necessario, e ainda n'isso, emquanto eu puder, com o sentido em não ter senão uma folha de papel para rabiscar tão mal como V. M. vê; e principiemos pelas verdes: acabou-se a minha saude de vento em popa; V. M. estupor; e eu, ás vezes, mijar vermelho mais ou menos, ás vezes, começar a fazel-o, e não poder ir para diante com grande dôr no collo da bexiga, e depois de alguns mezes d'estes symptomas, prurido de o fazer muito a miudo com grande difficuldade, e com dôres terriveis no fim da via da ourina; uns me dizem que é pedra, outros areias, outros veia rota, outros inflammação de alguma parte por onde passam as ourinas, ou onde se formam; e eu deixo-os dizer, torno aos pós de França, e ao segundo papelinho, cessam todos os symptomas, e eu cesso de tomar os pós; mas d'ahi a

alguns dias torno a ourinar vermelho, torno a tomar os pós, e desde então, que seria ha perto de tres semanas, estou bem; é verdade que ainda não creio o mal remediado, porque com o ultimo papelinho ourinei alguns bocadinhos de sangue qualhado, signal de que lá dentro houve algum desmancho, ou in....? consideravel; mas torne o mal que tornar, e eu continuo com os pós certamente; e V. M., do effeito que eu e tanta gente tem experimentado n'elles, aprenda para si, e resolva se a tomal-os, não sómente quando os medicos lhe disserem que se purgue, mas muito a miudo, seguro de que o não hão de debilitar, o que a experiencia lhe mostrará, como lhe mostra o contrario nas purgas ordinarias; e com a esperança bem fundada de se perservar melhor por este meio, que por nenhum outro, de ter segundo accidente; muito mau geito lhe levo para fallar pouco. As mortes de casa não me fizeram a grande impressão que V. M. temia; minha mãe já ha muito que eu fazia de conta que ella não vivia, visto a sua idade, e pouca saude; quanto a meu irmão, tambem quasi que esperava que tivesse saido do mundo, porque ainda que parecia robusto, e se achava em annos de poder viver algum tempo, o seu grande desgoverno com mulheres promettia o não chegar elle a grande velhice; e já que estamos aqui, como V. M., sendo a unica pessoa que me escreve d'ahi, e letrado de officio, não me diz quem foram os herdeiros do ultimo que morreu? Sei que d'essas poucas terras, se ainda eram suas, se assenhoreriam os credores antigos da casa, mas a que não me diga V. M. nem uma só palavra d'isso que se chama meu patrimonio, que nem eu mesmo, pelo que dizem, posso alienar, não lhe sei descobrir outro motivo, se não é o figurar-se-lhe a V. M. que, se me tocava no ponto, poderia eu desconfiar que V. M. n'isso me dizia por bom modo que cuidasse em eu lhe pagar com o rendi-

mento do tal patrimonio, visto chegar a tel-o á minha disposição: se é certo o meu pensamento, não lhe pelejarei, que os brios portuguezes são muito para desculpar, ainda das pessoas com quem não se deveriam ter; mas certo que tomarei muito a mal se V. M. não me diz na primeira sua a fórma por que deve ser feita uma procuração para cobrar o meu patrimonio, caso que meu irmão não o embaraçasse até a elle, como fazia a tudo o que lhe cahia nas mãos, e se não se vae cobrindo com elle da sua divida, visto haver este meio de V. M. o fazer, e não ter eu capacidade de lh'a pagar de uma vez, e desde logo lhe digo que toda a casta de cumprimentos na materia me desagradariam fóra de modo, e não serviriam de nada; e lembre-se que já eu lhe tenho dado alguns entenderes de estar com a idéa de lhe satisfazer por este modo, se fosse possivel, ainda quando suppunha vivo meu irmão; dir-lhe-hei de mais a mais que, em caso de necessidade, não terei nenhuma duvida de lhe pedir a V. M. que, em lugar de tomar o dinheiro, m'o mande; e assim, creio que tiro todo o motivo que V. M. pudesse ter para duvidar de me fazer o que lhe proponho. Saiamos d'estas cousas pouco agradaveis para o meu natural. Tenho grande gosto que a snr.ª Quiteria, a snr.ª Antonia e a snr.ª Margarida, espero eu, por V. M. não me exceptuar como o irmão, passem bem, e lhe peço que lhe dê saudades minhas. Quem diria algum dia que havia de haver estas licenças de estar fóra do convento tantos annos?? Quem, que os padres da companhia haviam de perder em pouquissimo tempo o credito e autoridade que tinham adquirido injustissimamente no mando, principiando dos principes a acabar no povo; e serem desfeitos inteiramente para sempre?? Quem, que em Portugal havia de poder dizer um portuguez ou estrangeiro, que n'este reino não ha nenhum judeu, ou que não ha portuguez de quem não se deva

crer que é christão ou bom ou mau, com tanta justiça como a com que todos creem, e nós mesmos os portuguezes cremos, que o são castelhanos, francezes, italianos, allemães, inglezes, hollandezes &, que o affirmam de si, e vivem como taes, pelos signaes exteriores que dão d'isso nas más acções, de que unicamente devemos julgar? E não obstante, tudo isto, e outras cousas incriveis, vemos hoje, e veremos ainda mais, graças ao snr. marquez de Pombal: pois assim, nem mais nem menos, o meu negocio que algum dia era impossivel de ajustar, agora se póde dizer facil, ou ao menos tal o pareceu ao snr. visconde de Villa Nova, quando se me offereceu em Roma com a sua costumada generosidade para o fazer, e em Paris ao snr. D. Vicente de Sousa, que quiz tambem fazer-me o mesmo favor, e por isto é que eu lhe disse a V. M. que lhe podia ter apparecido diante, se quizesse; este snr. D. Vicente é um fidalgo da casa de Redondo, e presente embaixador de Portugal em França, que quando eu estive em Paris procurou de me tomar á sua conta e fazer bem, com tal fogo e efficacia que não tenho palavras com que lh'o explique; isto sem eu pretender nada d'elle, nem ninguem lhe pedir por mim; antes talvez por isso mesmo, e por saber que eu não tinha aceitado aqui uma carta de recommendação que me quiz fazer para elle o snr. D. João de Bragança, é que se esquentaria mais a sua generosidade; intentou primeiro mandar-me para Lisboa; e depois, ao mesmo tempo que eu lhe ia dando negativas para o Porto, para Inglaterra (para onde eu queria ir quando parti para Vienna,) para Madrid, &, e vendo que eu não lhe fazia o gosto em nada d'isto, pediu-me que ao menos, emquanto escrevia sobre o meu negocio, me deixasse estar em Paris, se não em sua casa, em uma que me pagaria, e o comer, se eu não quizesse servir-me da sua meza; e por fim, quan-

do conheceu que eu queria deveras tornar para Vienna, quiz em todos os modos dar-me dinheiro para a jornada, parecendo-lhe que o que eu tinha não me bastava para uma pequena parte d'ella, oü ao menos lhe acceitasse uma letra para cobrar em Strasburgo, que é no meio do caminho, o dinheiro que me fosse necessario para chegar a Vienna; que tudo lhe agradeci muito, sem me aproveitar de nada, do que lhe pedi mil perdões, &; conto-lhe a V. M. todas estas cousas, porque me parece que V. M. terá gosto de ver que eu atégora sou o mesmo Antonio da Costa duro que fui lá, e quanto se enganam os que cuidaram, talvez lá como em Roma, que eu torcia as orelhas, e não me deitavam sangue, por não ter querido servir o snr. visconde de Villa Nova; porque V. M. ha de saber que todos os verdadeiros intentos do snr. D. Vicente eram que eu estivesse em sua casa, e para que?—Deus pergunte pelas suas cousas. E é certo que elle é muito bem visto do snr. marquez de Pombal, cujo segundo filho foi casado alguns annos com uma filha do senhor D. Vicente. Como V. M. quererá saber o que me pareceu Paris, dir-lhe-hei que muito mal, e que V. M. não se fie no que lhe dizem do mundo todos os que teem andado por elle. Creia-me que quasi toda a gente informa das terras que vê, ou o que já cria d'ellas por fama e por ler, ou o que lhe gritam aos ouvidos e lhe mettem na cabeça por mil modos, os que as habitam. Grande miseria, que até para os puros olhos, só nos ha de servir o juizo alheio! Paris é uma cidade vasta posta n'uma planicie, atravessada de um rio grande, com tres ou quatro pontes formosas, em que, e no Palacio do Rei, que está á borda do rio, consiste toda a sua magnificencia; o resto compõe-se de bastantes ruas compridas, largas, e direitas, mas nenhuma que se possa dizer bonita, antes todas feias propriamente, e melancolicas. Quer saber

porque? Porque em toda aquella grande quantidade d'ellas, grandes e pequenas, não encontram os olhos um só palacio, ou casa limpa, senão todas ordinarias, e do mesmo feitio, que tambem é ordinarissimo, por não constar que de janellas, portas, e paredes, tudo liso e de fracas proporções. Como?—não ha palacios no grande Paris!? E onde está tanta nobreza, dirá V. M.? O que eu lhe digo é certo, snr. Dr., mas V. M. pergunta bem; em Paris ha uma cousa que elles lá chamam palacios; mas não os encontram os olhos nas ruas, tirando o grande d'el-Rei, que eu disse, e outro pequeno tambem seu, que se vê de fóra em parte; os outros todos estão escondidos para dentro das ruas, isto é, indo V. M. por ellas, dá ás vezes fé de uma falta de casas, e, em seu logar, de uma parede baixa com uma porta no meio, lisa, e descoberta por cima; e, se lhe vem a curiosidade de olhar para dentro, vê um pateosinho, e defronte da porta uma cousa que nós chamariamos casa de campo, pequena, baixa, de um só andar, janellinhas pequenas, poucas, e de arquitectura ordinarissima; aqui tem V. M. o bom gosto dos francezes em formar as ruas do seu grande Paris. Nas praças, que são poucas, e pequenas, ainda que bonitinhas pela sua regularidade, e nos largos, com a sêcca, não ha fontes, nem chafarizes. As igrejas já se sabe que ou são feias, ou pouco dignas de attenção; este é o material da cidade; pelas ruas vi rarissima carruagem nobre, e poucas que se pudessem chamar lindas; os *fiacres*, isto é, as seges de aluguer, e umas cadeirinhas com rodas, tiradas por um homem esfarrapado, em lugar de cavallo, fazem fugir a gente com os olhos, pela sua porcaria; os homens vestem muito ordinariamente; os mercadores, e outra gente assim, de panno negro, e (quem tal diria!) com cabelleiras redondas, e de nós, pequenas; os seus casquillos tão louvados não me appareceram, mas não andarão a pé, como

muitos de Lisboa andam; as mulheres fazem nojo; parece que todas trazem o peito emprastado, porque não somente não usam de espartilho, mas de vestidos tão largos, que poderiam meter uma criança entre elles, e a carne; coifas, camisas, vestidos, maus, e tudo porco; pouco elevados de juizo, e menos ainda de coração, sérias, tristes, &; o mesmo digo dos homens com toda a sua leveza de juizo! Mas onde vou eu dar commigo, tendo tão pouco papel, e tanto que dizer!? Que é isto, snr. Dr.?! Roteiro da jornada do Porto para aqui, com a maior clareza, e miudeza que eu puder descubrir! Se V. M. dissesse que era para servir uma pessoa que lh'o pede, vae bem! Mas que é mera curiosidade sua!? Faz V. M. de mim patéta, ou está-o, como diz o snr. Peixoto? Ora, graças á parte, se V. M. fosse sam, rico, e não tivesse lá tantos embaraços, entenderia que lhe davam ás vezes furores de ver um bocado de mundo, e a mim; de contar-me, ouvir-me, &; mas, nos termos em que estão as suas cousas, confesso-lhe que nem para traz nem para diante posso atinar que roteiro, por mera curiosidade, seja este? V. M. se declare, que eu lh'o mandarei com a maior clareza possivel. Aqui é necessario acabar de estalo; saudades, primeiro ao grande peixe, para não queixar-se; depois ao snr. Manoel, de quem me lembro tambem, como elle de mim, ao snr. Pedro Pereira, a irmã, á snr.ª Clara, e prima, ás duas senhoras filhas, nada porque não me conhecem, ao snr. Fernandes, e ao insigne Alves do Valle. V. M. espere que eu lhe torne a escrever, e então lh'os fallarei dos costumes d'esta gente quanto eu lhes posso entender, e se póde ter esperança de nos vermos.

Deus Guarde a V. M. — Vienna de Austria, 23 de Julho de 1774.

Amigo do C.
Costa.

Deus o ajude a ler esta letra; quando ouver de me responder, diga-me que é feito de seu irmão, e se as filhas do senhor Peixoto namoram solteiras ainda, ou já casadas, e como casaram.

X

(Vienna, 24 de dezembro de 1774.)

Snr. Doutor. Eis-me aqui a cumprir as duas palavras que lhe dei na ultima que lhe escrevi. Quanto a V. M. poder ter alguma esperança de nos tornarmos ainda a vêr, não lhe direi que nenhuma, mas tão pequena, que é quasi o mesmo; ou por outro modo: não é cousa absolutamente impossivel por onde o parecia, como já lhe disse, mas difficultosissima por outros motivos, especialmente por dous, para mim de maior força do que V. M. podia imaginar; um: o medo que tenho dos ares da terra. Quem tal diria? movendo-me eu para qualquer parte da Europa sem nenhuma repugnancia, considerando em ir para o Porto, bem conheço que não haveria pernas que me arrastassem por me estar palpitando que, chegado lá, e quatro cumprimentos e visita feitas aos amigos, me fazia a mim uma visita, o senhor estupor, meu amo; e eu ainda estou em desejar que a morte venha o mais tarde que fosse possivel; lembra-me V. M., lembra-me o snr. Torrão, e, entre outros muitos, lembra-me o bispo Evora, que a mim já ahi se me figurava que nunca se estuporaria, se se deixasse estar em Roma; o mesmo digo das celebres malignas, ainda que confesso que na minha idade, e compleiçam, não são tanto para temer. Segundo motivo que faz difficultosissima, por não dizer impossivel, o tornar eu para o Porto, é não ter de que lá viva; musica não, porque além de serem miseraveis os ganhos do officio, como V. M.

sabe, as praças estão occupadas; e eu sou velho para pretender ao meu modo entrar n'uma que vagasse por accidente; n'isso tambem não, porque algumas poucas que ahi se acham, são de mui fraca esmola, e é claro que fóra d'estas duas cousas eu não tinha no Porto para que appellar. Sei que V. M. me poderia dizer que um clerigo só, sem vicios, e governado, como eu, passa com pouco; é certo, snr. Dr., eu o via em muitos, experimentava em mim, muito contente da minha sorte; mas vae grande differença de viver n'um estado pobre em que se póde dizer se nasceu, a tornar para elle de outro menos pobre; com eu ser um dos clerigos mais pobres de Vienna, por não ter mais que a missa, posso passar aqui muito melhor que no Porto, pela conveniencia, e pela quietação; se eu quizer, posso comer todos os dias em mais de uma casa, de modo que me ficam os dois tostões da missa para pagar a casa, que tambem podia ter sem dinheiro, se quizesse, e para me vestir; e este ganho sem mais trabalho que o de dez minutos de uma missa, e sem politicas, nem rapa-pés, que antes na egreja me ficam obrigados; de modo que me fica todo o outro tempo livre para as minhas escrevinhaduras de musica, e para beliscar com grande gosto na viola. Ora V. M. agora veja se nem me póde vir ao pensamento o estudar em ir para o Porto; mas já que estamos no ponto não me parece fóra do proposito o estender-me mais n'elle para um dos seus ramos para satisfazer a alguma cousa que é natural ter-lhe chegado lá a V. M. aos ouvidos, como é de crer pelo que me sôa até ás vezes pelos meus, convém a saber: que sou pobre, porque sou philosopho; que podia andar em carruagem; que podia ter thesouros; e outras cousas assim; o que a V. M., com tudo que me conheça, não lhe parecerá talvez destituido totalmente de fundamento; e por isso lhe direi duas palavras na materia,

para V. M. assim o poder vêr com menos escuridade do que por si só. Certo que tenho estudado em musica mais do que ninguem poderá crêr; bem; e então que se tira d'ahi? Que conheço mais de rabeca para tocar com companhia de modo que se deleite mais o ouvido que se faz ordinariamente, ainda pelos que tocam melhor este instrumento; que toco viola, dizem alguns que bem, por esses ares; e que componho para rabecas, viola, cantar, &, dizem alguns tambem que com grande mestria, profundidade, e até gosto; ora supponho que digam verdade, parece-lhe a V. M. justo, como parece a tantos, que eu, que nunca suspirei por alcançar dinheiros e nome no mundo, me metta agora a isso, e á custa de fazer-me homem muito menos de bem do que sou, que por taes tenho eu todos os que andam mostrando as suas habilidades em publico, ou em particular, quasi sempre a quem não entende nada das suas sciencias, arrastados vergonhosamente do interesse e vaidade que lhe roem o coração? Mas não, supponha V. M. que eu devia e podia fazer-me assim; não alcançava n'isso nada certamente, porque na rabeca ninguem quer ouvir senão moscas por cordas; quanto á viola, os mesmos que gostam muito d'ella, confessam que a toco de modo que a pouquissimos póde agradar, pela demasiada suavidade da voz que eu lhe tiro, e das peças em si mesmas; das composições dir-lhe-hei somente que ninguem as sabe cantar, nem tocar; e creio que isto basta para V. M. comprehender, sem trabalhar com o juizo, o lucro que eu podia tirar d'ellas, caso que entendesse que isso me era licito; muito mais era necessario dizer na materia, mas isso seria bom para conversação, e não para cartas em que se ha de fallar de outras cousas. Aqui pertence o eu ter recusado servir os dous senhores que V. M. sabe; o que não sei se tambem lhe pareceria a V. M. digno de culpar-se muito; e assim lhe

direi tambem duas palavras n'isto, não para lhe metter na cabeça á força de razões o que tenho na minha, de estar livre de culpa inteiramente na materia, mas para que, manifestando-lhe alguns dos meus pensamentos n'ella, V. M. possa formar conceito do meu proceder com mais alguma distincção do que faria de outro modo. Eu não creio como o commum dos homens que o servir em si mesmo seja vileza, ainda que a dizer a verdade tenho para mim que é vil mais ou menos qualquer homem que seja, que se conserva no serviço de alguem, depois de lhe ter mostrado a experiencia que lhe é impossivel o fazel-o sem cahir em mais ou menos indignidades conhecidas; e que não sómente é difficultoso achar um amo de bem um criado, que tambem o seja, senão o mesmo nem mais nem menos ás aveças; mas não foram estas considerações as que me arredaram de servir aquellas duas pessoas, em quem eu não via certamente senão muitos signaes de o serem muito de bem; foi o considerar eu seriamente no meu prestimo, e no meu natural, e o parecer-me verdade clarissima o que sempre até ali tinha entendido de não ter nenhuma capacidade para formar respostas, dar parecer quando m'o pedissem &, sobre negocios do mundo, nem a minima sombra ainda da boa politica que é necessaria para saber conservar-se no agrado do amo, e das pessoas a quem elle desejaria que o criado agradasse; eu supponho certo que V. M. não me achará n'estes ditos a affectação conhecida que a muitos lhes parece haver n'elles, sem nenhuma duvida, porque comprehende facilmente que não tem que fazer o eu poder escrever algumas musicadas, cartas, ou qualquer discurso, que lhe agrade a V. M. ou a alguem aqui ou ahi, com saber conhecer como hei de escrever, e o que hei de escrever n'uma materia determinada, n'aquella occasião, áquella pessoa, &; e sabe muito bem que vae

grande differença de eu poder viver muitos annos em boa harmonia com uma rapariga portugueza que não pretende nada de mim, e me deixa de coração em toda a minha liberdade, a saber tratar um amo, as pessoas de alguma consideração da sua familia, e ás vezes as que o são de muita, injustamente, e todas as que é necessario tratar por amor do amo com a politica, dissimulações, e enganos licitos, já se sabe, reprehensões, e desculpas affectadas, bichancros, e admirações fóra do seu logar e do seu tempo, mostras falsas ou verdadeiras, sem nenhuma necessidade de parcialidade, ou contrariedade, e outra bellas cousinhas semelhantes, que se requerem para o criado saber sel-o bom, ou passar por tal, ao menos, e não dar com os odres por terra em poucas audiencias. Esta falta total de talento, e habilidade para servir, e a propensão fortissima que tive sempre desde que me entendo (e que creio V. M. observou por mim talvez poucos dias ou horas depois que me conheceu), a viver a meu modo, a ser senhor da minha vontade, ou chame-lhe como quizer, são as que me determinaram a não servir, me parece a mim se entende; porque na realidade será talvez a minha soberba, e poltronaria, ou se o não são, ao menos eu não me cançarei em buscar, ou dar razões para me persuadir, ou pretender que outros se persuadam que não ha minimo laivo de vicio n'esta minha senhoria da minha vontade. A consciencia não me accusa na materia, nem por sombra, e para mim isto me basta; quanto aos outros é claro que elles podem julgar de mim, e dizerem quanto quizerem e entenderem, sem me offenderem de nenhum modo, como eu posso julgar e dizer de todos o que quizer e entender, sem os offender, com tanto que n'esse julgar e fallar d'elles, não offenda a razão e a prudencia. Acabo de estouro, porque já V. M. sabe que se o não faço assim, não acabo. Vamos aos costu-

mes d'esta gente entre que vivo. V. M. cheira-me a fazer conceito que eu tenho algum geito para entender da materia, e que se me aperfeiçoou com o exercicio de tratar cinco nações differentes, tres d'ellas por muitos annos; ora peço-lhe, snr. doutor, que tire isso da cabeça, antes que leia para diante. Commummente fallando, sem nenhuma duvida, o correr mundo tira mais juizo que dá; e se a mim m'o não tirou talvez cousa que se conheça, creio eu, por que não me fio no mundo, nem em quem o corre, ou tem corrido, se não no que vejo e ouço por mim mesmo, e sem me deixar guiar por ninguem á gente que está em sua casa e á que anda pelo mundo; creio tambem certamente que a experiencia em tratar nações estrangeiras não me deu mais conhecimento dos movimentos do espirito, da nossa cabeça e do nosso peito, do que me daria a experiencia do trato dos meus naturaes; além de que, a dizer-lhe a verdade, eu não tenho isto por uma sciencia de tanta importancia como a fazem commummente os que estão muito mettidos no mundo, ou desejam estar, ou gostam muito d'elle; nem nunca estudei pouco nem muito para fazer o minimo progresso n'ella, mas sim me deixei sempre guiar unicamente d'aquelle tal qual tino que me deu a natureza para ver já com mais ou menos escuridade o interior das pessoas nas suas palavras, e obras, como para medir os versos no estudo, sem ter estudado a syllaba, e para compor a muzica para a sua comedia, sem ter aprendido contraponto nem olhar para uma arte d'elle; assim que V. M dever-me-hia ouvir sem mais fé em mim que a que teria se eu me tivesse embarcado ahi para Hamburgo ha poucos mezes, e viesse direito a Vienna. V. M. terá ouvido dizer que os Allemães é gente. muito romba de juizo e a meu ver não lhe faz injuria quem o diz; eu ao menos achei-a tal, mais do que esperava, porque suppunha grande encarecimento

nas informações dos italianos, e outras nações que teem para si que fóra d'ellas não ha juizo fino; com effeito estes homens são de pouquissima viveza de cabeça e do coração no considerar as cousas, e sentil-as; dá-lhe poucos passos o espirito; pasmados e insensiveis fóra de modo; d'onde V. M. póde tirar facilmente que no seu coração ha menos bondade, e menos maldade, que não são outra cousa que movimentos do nosso espirito; mas n'essa bondade eu não vejo nada da que é digna de estimação consideravel; quero dizer d'aquillo que se chama virtudes finas, como sinceridade, rasgo, modestia, generosidade á latina, ou nobreza de acções, &; quanto á maldade, confesso-lhe que com ella, ao que parece, se estender no coração d'esta gente menos que no de outras, para mim é n'elles mais aborrecivel e insupportavel pelas duas rezões de faltar-lhe a mistura de virtudes bonitas e de ser verdadeiramente de pé de boi; quero dizer: que não arreia, diminue á vista de olhos, como se vê as vezes entre nós. Os vicios d'estes homens parecem-se com os dos nossos rapazes em quanto não sabem que cousa é vicio, ou lhe dão quasi nada de pezo; vaidade despropositada e contínua que lhe começa da sua adorada nobreza e de saberem muito, até terem sapatos novos, e a cabeça bem apolvilhada; havia de V. M. poder assistir aqui a algum concerto n'uma casa limpa para ver um homem de sessenta annos, convidado, pôr-se esquecido ao espelho a mirar-se de todos os lados com o seu sorrisinho de gosto, inda que ás vezes veja um bom bocado de corcova; e d'ali a pouco ser o primeiro que grite *bravissimo* a uma filha que está tocando cravo na sala; continuamente fallam hoje por uma boca differente da com que fallaram hontem e se lhe accusam a mentira, não se cançam muito em negal-a; e até ás vezes dizem que não se ha de fazer nenhum funda-

mento nas palavras que passam como o vento, e quando me dizem agora uma cousa que eu lhe torno a mal, negam a pé junto que a disseram, e juram e trejuram a rogarem-se pragas, nem mais nem menos como os meninos. Se diria eu algum dia que havia na Europa nação mais sujeita a corromper-se-lhe o coração com o interesse que a italiana! Pois dei com ella quando menos o cuidava. Os italianos que me parecia não terem nenhum brio comparando-os comnosco, á vista dos allemães, acho-lhe muito; cahem em vilezas horriveis pelo dinheiro, ou cousa d'onde o possam tirar, sem por isso se lhe fazer a cara vermelha, ou procurarem de as esconderem; envejosos fóra de todos os modos. Assegurou-me o mestre da capella da Imperatriz, morto ha poucos mezes, que conheceu dois homens em Vienna que conhecidamente morreram de enveja que tinham por outros a quem soprava a fortuna melhor que a elles; d'este vicio e de outros lhe podia eu contar a V. M. exemplos que o fariam pasmar pelo excesso, e pela extravagancia; mas bem vê V. M. que isto é para conversação e não para cartas. a respeito de extravagancia, dir-lhe-hei que se veem aqui certos costumes de que nunca me deram os rastros n'outra nenhuma parte; é muito commum nos delinquentes deporem de plano os crimes com todas as circumstancias mais miudas á primeira pergunta, que lhe fazem os juizes, nem mais nem menos como se haveriam com o confessor. Ha quatro ou cinco annos appresentou-se aqui uma mulher moça aos juizes, accusando-se de ter matado 21 meninos aqui e alli, e custou muito a provar-lhe uma das mortes para lhe poderem cortar a cabeça á espada, como cá se costuma; isto de matar innocentinhos por puro sestro, e deitar fogo ás casas, searas, devezas &, por inveja e vingança, são casos que não fazem aqui grande novida-

de; como nem o que succede commummente nas aldeias, de uma mulher, cançada da grande pobreza, matar o filhinho que não póde sustentar, e ir-se logo accusar á justiça de o ter feito, sem ninguem lhe poder tirar da cabeça que obrou bem em ambas as cousas; em matar o filho, porque o livrou das miserias do mundo, e o poz seguramente no céo; e em acusar-se a si mesma, para a justiça a livrar da extrema pobreza matando-a; o que ella não póde fazer por suas mãos como ao filho, porque então iria para o inferno, &. Acabemos tambem de estouro aqui com as maldades esquipaticas d'esta gente, fazendo duas considerações sómente; a primeira que o gosto que ás vezes sentimos, não digo já de vêr n'outrem defeitos que não temos, mas de os não termos nós, é tolo, porque temos outros que elles não teem, e desordenado (e esta é a segunda consideração) porque de nos suppormos livres de alguns defeitos que conhecemos n'outrem, não devia de nascer, ao que parece, a minima satisfação de nós mesmos, por termos menos, senão mais depressa de considerar bem na fealdade dos que vemos fóra de casa, e em casa, procurarmos de diminuir o numero dos nossos, e mitigal-os unicamente, a fim de termos o justo gosto que dá o diminuirem-se nossos remorsos se é que padecemos d'estes flatos melancolicos do espirito. Isto basta de allemães, ainda que V. M. talvez quereria mais; não faltará occasião de o fazer; por ora é necessario cuidar em acabar; e ainda é necessario dizer duas palavras para o snr. Peixoto, ou que V. M. lh'as diga da minha parte e vem a ser: que elle me trasladasse, ou me fizesse trasladar por quem não necessitasse de pôr oculos para isso, como eu creio que elle necessita, o *Rex tremendæ majestatis* que alli se cantava nos officios de defuntos ao levantar a Deus, com as figuras mais miudas que elle puder, e um *canon* ou *fuga* de

Rebello que sabia José da Costa que foi de Gonçalo de Almeida; e digo em figuras muito miudas para que V. M. possa escrever na mesma folha de papel, que eu em paga lhe mandarei o mais depressa que me fôr possivel duas das minhas descomposturas de musica, para elle, e os outros rabequistas da terra fazerem galhofa com ellas; e ao mesmo tempo lhe mandarei a V. M. um presentinho para tambem lhe dar a V. M. e a muitos, um galhofão de arrebique. E que será? Adivinhe? E que será? Puxe pelo juizo? E que será? Ora basta: o retrato em tintas de Antonio da Costa na idade de *vita hominis sexaginta anni,* que me fez um portuguez, secretario de ministro de Portugal em Napoles, que se acha aqui presentemente. Vão-se VV. MM. todos preparando para a risota com a consolação de saberem que o pintor, pelo que dizem, e a mim me parece, me pilhou bem ao vivo; peço-lhe que se fartem de rir, como eu faria, se visse os seus retratos, ou as proprias figuras de repente, com o accrescentosinho de vinte e cinco annos. Ora V. M. me responda logo pelo correio com o sobrescripto lizo, isto é — A fulano em Vienna de Austria = que eu terei o cuidado de ir ao correio a buscar a resposta que desejaria fosse entre o mais que V. M. quizer, e puder, sobre o que eu lhe pedi da informação d'esse chamado patrimonio. Saudades ao snr. Manoel, de quem me lembro muito bem, e á snr.ª Clara, e á snr.ª Josepha, e dê-me noticias do snr. José Alberto, de quem me tenho esquecido perguntar sempre com as outras cousas que me vinham pela cabeça n'aquelle tempo, e faça-me o cumprimento costumado ao snr. Pedro Pereira, e a seu irmão, e m'os faça fazer pelo snr. Peixoto ao snr. Torrão, de quem V. M. me explicará a palavrinha equivoca, que me disse d'elle de estar como d'antes. Para outra vez lhe fallarei em lugar de

allemães, de mim mesmo. Saudades ao snr. João Alves e ao snr. Manoel Fernandes.

Deus guarde a V. M. e lhe dê saude.

Vienna de Austria, 24 de Dezembro de 1774.

Amigo do Coração.

Antonio da Costa.

XI

(Vienna, 4 de Dezembro de 1779.)

Snr. Manoel Gomes Costa Pacheco. Meu am.º e Snr. Não sei se V. M. estimaria as minhas noticias mais do que eu as suas, sem serem ensangnadas (sic) com a da morte do Snr. seu Pae, porque esse golpe já eu tinha experimentado ha quasi um anno por informação de um amigo do Porto assistente em Lisboa; mas senti muito as outras que V. M. me conta da Snr.ª sua mãe, da snr.ª Quiteria, e de Pedro Pereira, com os quaes tive mais communicação; e estimei muito as noticias de V. M., não tanto por serem de um filho do maior amigo que tive, mas porque a sua carta dá grandes mostras de V. M. ter herdado d'elle, com o sangue, a bondade do natural, quanto a mim, o unico requisito nos homens que merece verdadeira estimação.

Agradeço muito a V. M. os offerecimentos que me faz da sua casa, e da sua companhia, do mesmo modo que creio V. M. m'os faz, isto é de coração; e quanto á companhia, seguro-lhe a V. M. que bem a desejára, e que para mim seria maior bem que para V. M. porque em fim V. M. está entre os naturaes, e eu entre

estrangeiros, que se são muito menos maus que nós, estão muito longe de serem tão bons como os nossos bons; mas bem de que me não posso aproveitar; porque ha muitas cousas de consideração que me impedem de ir para Portugal. Agora sim que, se eu estivesse em Madrid, ou n'outra parte de Hespanha, e V. M. não tivesse á sua conta algumas das snr.[as] suas irmãs, ou ambas, havia de tentar-me a pedir-lhe que me desse o gosto de apparecer-me um dia, e estar commigo alguns mezes ou annos, visto V. M. ser solteiro, e não servir o officio; mas Vienna é muito longe de Portugal para eu entrar, ainda de cá, em semelhantes pensamentos.

Quanto a communicarmo-nos a miudo por letra, V. M. mesmo diz com juizo que não nos tendo nós communicado da boca é difficultoso da minha parte, e eu digo que é impossivel da minha parte fazel-o com acerto, e alem d'isso a difficuldade com que faço esta má letra vai crescendo todos os dias de maneira que supponho que, dentro de poucos mezes ou semanas, não poderei fazel-a de nenhuma casta por fraqueza dos nervos que communicam com o dedo pollegar, que me falta com a penna onde elle quer; mas agora assim como posso lhe direi não dos costumes d'esta gente, pois ja disse d'elles bastante ao snr. Dr. que Deus haja, mas outra cousa mais importante para um homem de bom coração, e vem a ser o que ella diz dos nossos. V. M. saiba que quanto mais me afasto de Portugal, em mais horrendo conceito acho estarem os portuguezes em materia de costumes. Chamam-nos aqui os homens mais barbaros de todo o mundo, os mais odiendos, mais vingativos, mais desconfiados, mais crueis, e emfim de quem se deve fugir como de uma nação de diabos, se a houvesse no mundo. O que lhe faz a esta gente maior horror é o odio que temos, e a crueldade com que tratamos, e viamos tratar, e castigar os nos-

sos naturaes, nascidos de paes, avós, bisavos. &, portuguezes, creados comnosco na escóla, e estudo, com a mesma lingua, e costumes, com as mesmas inclinações, e gostos, e com a mesma crença de christãos catholicos romanos; e certo que n'este ponto não se pode negar que tem mais que rezão; amar a quem é nosso inimigo actualmente, como nos aconselham os prégadores por bocca de Christo, é ao nosso parecer contra a natureza, e contra a razão; mas ter odio a quem nos não faz mal, antes bem muitas vezes e nos quer bem, e até nos parece em mil occasiões de um excellente natural, é uma das mais refinadas maldades a que póde chegar o coração humano, e indignissimo de perdão, se não nacesse de falta de juizo. D'esta materia acabarei de estallo, senão nunca acabo, porque nada me parece bastante para ponderar a tolice com que ajuizamos d'estes nossos patricios, chamando-os homens de *nação* como se não fossem da nossa, christãos novos, como se tivessem sido circumcisados no nacimento, criados na Lei velha, e, depois de grandes, se fizessem christãos, como se fazem cá os judeus, e se faziam os de Portugal, quando lá os havia &; e o odio que mostramos nas nossas acções ter-lhes, sem a minima rezão, o despreso com que fallamos d'elles, a grande infamia de que os julgamos merecedores, &? Vê V. M., que ainda não acabo? Mas d'esta vez sim; vamos ao que V. M. quer saber dos meus teres e haveres, que se reduzem todos a meio florim (dois tostões) da missa, que me bastam, porque na nossa mão está o ser-nos necessario pouco; quanto a essas casas e campos, ainda que eu soubesse que tinha grande justiça para pretender d'isso alguma cousa, não queria por nenhum modo demandas. Muitas saudades ao snr. João Peixoto, e que aceite uma lembrança de cada um dos setenta interpretes; saudades tambem ao snr. Manoel Fernandes, e ao Rev.^mo^ snr. João Alves, na mocida-

de do Valle, e ha muitos da Serra de Baltar. Estimo muito que V. M. passe bem. Eu ceguei do olho esquerdo com uma cataracta, e, conforme o parecer do nosso lente oculista, cegarei cedo do outro, de gotta serena. V. M. me faça o favor de pôr uma capa de carta n'esse escripto com o nome que vê n'elle e depois: Mestre de Desenho do Real Collegio dos Nobres, Lisboa.

Deus guarde a V. M. muitos annos.

Vienna de Austria, 4 de Dezembro de 1779.

Muitas saudades ao snr. Dr. Sebastião Gomes, e ás Snr.[as] suas Irmãs, ainda que só conheci a snr.[a] Antonia, e diga-me que é feito do Dr. José Alberto?

De V. M.

Amigo do C. e m.[to] ven.[dor]

Antonio da Costa.

XII

(Vienna d'Austria, 29 de Julho de 1780.)

Snr. Manoel Gomes Costa. Estimo muito, e estimarei sempre as suas cartas, pelas duas cousas que n'ellas resplandecem, a que o mundo chama tolice, isto é, a naturalidade e sinceridade com que V. M. falla, requisitos de que gosto sobre modo na communicação; e especialmente agora, porque ainda os não achei por cá, senão na gente verdadeiramente tola e simploria. Admirou-me muito o desejar V. M. tanto lêr livros francezes e inglezes; e communicar pessoas

que o pudessem *instruir* e dissolver as suas duvidas com sinceridade, porque eu tinha por certo que V. M. seria como os outros reinicolas brazileiros que não estudaram antes de irem para a America; que, quando tornam, cuidam sómente em comer o que trouxeram, ou, quando muito, em conservarem um pouco de negocio. Quanto a parecer-lhe a V. M. que eu lhe podia ser bom aos seus intentos, engana-se de remate; porque eu nunca fiz peculio na memoria do que li, ouvi e vi; creio que por me mostrar a experiencia que isso não me servia de nada mais, que de conhecer uma pequenissima parte das fraquezas do nosso natural; assim V. M. por este motivo não tenha pena de eu lhe estar longe; antes se assegure que, se fallassemos muitos mezes e annos, todo o fructo que V. M. poderia tirar de me ouvir, pelo que respeita a livros, era o persuadir-se de que em lugar de lhe aproveitar o lêl-os, o prejudicaria fóra de modo, se o fizesse como o commum da gente, que, sem nem vir-lhe ao pensamento o julgar d'elles por si mesma, julga quasi sempre das cousas por elles sómente, e quasi nunca nem das cousas, nem d'elles, pelo modo que deveria fazel-o, isto é, valendo-se unicamente da sua pura experiencia, e ditames da rezão. V. M. não terá nenhuma duvida em que o juizo, entre os outros dons que recebemos da natureza, é, sem nenhuma comparação, o mais estimavel de todos; mas eu não cuido, como os que leem muito que os livros nol-o augmentam; porque me parece que a sua actividade natural não póde crescer, nem ainda diminuir, senão por propria indisposição de si mesmo, nascida de doença, idade, paixões, &, e que, se os livros nos tiram d'elle alguns erros dos infinitos de que nol-o vae enchendo desde a meninice, o que vemos e ouvimos no mundo, lhe impingem muitos mais. Não digo nada d'isto para o desconselhar a V. M. de lêr absolutamente, mas para vir a concluir que leia

quanto quizer, com a advertencia, porém, de não se descuidar nunca de julgar com toda a liberdade das cousas que lê, e do juizo dos autores que as escrevem; e se V. M. me disser que não se acha capaz de julgar com acerto da ruindade do juizo de autores famosos, responder-lhe-hei que tambem não se deve achar capaz de julgar com acerto da sua bondade; e por conseguinte, não lêl-os de nenhum modo. Leia, torno a dizer, quantos livros quizer, portuguezes, castelhanos, francezes e inglezes, traduzidos, mas leia-os pondo de parte inteiramente o que tem ouvido d'elles, e o grande conceito que os autores, ainda dos livros mais ordinarios, mostram nas suas palavras fazer do seu talento, especialmente os francezes, que n'este ponto são insoffriveis; e até fazem insoffriveis os seus leitores pela maldita presumpção e vangloria de saber, e pelo desprezo com que fallam da ignorancia, isto é, da falta de licção dos livros francezes. Ainda outra vez, V. M. leia todos os livros que puder, mas como a gente olha para a fazenda de grande valor, quando a quer comprar, que a volta bem do aveço e do direito e repara bem n'ella de alto a baixo por todas as partes, para lhe descubrir os defeitos e avarias, e espero que a comparação não lhe pareça demasiadamente encarecida; porque bem conhecerá que a perda de juizo e boas inclinações, que nos póde vir da leitura cega de um só livro, é de maior consideração que todas as perdas que tivermos em quantas compras fizermos na nossa vida; e já que fallamos de livros, lhe direi logo que o tal Francisco Xavier de Oliveira não se acha em Vienna, nem eu acho nenhum rasto de elle ter estado aqui nunca; e por isso já V. M. vê que esta gente não o tem em nenhuma conta, nem boa nem má. Eu porém da minha parte, pelas informações que tive d'elle em Paris, lhe posso dizer, (em duvida, se entende) que faço mau conceito do seu juizo, porque me dis-

seram, louvando-o muito, que elle escrevêra um bello livro francez, em que corta muito os portuguezes e as suas cousas, e me offereceram para eu o vêr; o que eu agradeci, mas não acceitei; porque já ha muitos annos que me deu uma grande fastieira de livros francezes, especialmente dos que cortam das outras nações; não porque cortam tambem da nossa, mas porque quasi em tudo a cortam sem pinta de juizo. Ora V. M. considere se eu me acharia com animo para lêr um livro em que um portuguez corta a sua nação á franceza; e sómente porque os francezes a cortam, a parecer d'elle, com grande juizo; agora sim, V. M., que leu as suas cartas, é que me poderá dizer com certeza o conceito que faz do seu juizo, e natural. O mesmo que tenho dito a V. M. a respeito de livros lhe digo tambem a respeito de vêr mundo; nem eu lhe posso instruir o juizo, ou *destruir-lh'o,* contando-lhe o que vi, e vejo por cá; nem V. M. se poderia instruir a si mesmo, se desse uma e muitas voltas por estas terras em que tenho estado; porque não veria senão a nossa mesma fé christã, as mesmas leis com pouca differença, e os mesmos costumes, entre elles o mais louco de todos, chamado matrimonio (chamo-lhe louco, da parte dos homens, pelo gosto com que abraçam, e fazem gloria da vil escravidão em que os poem as mulheres); as mesmas fraquezas de juizo, e desordens do coração; e emfim os mesmos vicios e virtudes, &. É verdade que os movimentos do nosso espirito da cabeça, e do peito, que reluzem nos nossos costumes, palavras, acções, &, assim como não são os mesmos em numero, e qualidade, em todos os homens, não no são tambem no mesmo grau em todas as terras. Ora que se tira d'aqui?? Por ventura que se V. M andasse pela Europa oito ou dez annos, tomando bem sentido no modo de pensar e obrar, das suas nações, se recolheria com maior conhecimento do mundo que o com

que se acharia n'aquelle tempo em Portugal, se estivesse estado sempre lá parado? Eu entendo que não certamente; antes quanto á minha pessoa, creio com toda a segurança que, se eu nunca sahisse d'esse reino, conheceria mais do mundo de que conheço hoje em todas as minhas giravoltas; porque os vicios e a virtude do nosso juizo e do nosso coração, são lá e cá, da mesma qualidade; e lá, ambas as cousas em maior grau conhecidamente; que não saiba o que eu digo quem se préga de ter girado.

Ora o acabar-se-me o papel me diz que é necessario acabar eu o meu sermão, de que eu quizera que V. M. tirasse um fructo sómente, e vem a ser, que se algum dia me cheira que V. M., com o lêr, se fez presumido, fofo de saber muito, e desprezador dos que não sabem, se persuada que me cahe do lugar em que o tenho no coração para onde estão n'elle todos esses sabichões á franceza, intoleraveis pela sua vangloria e presumpção.

Muito antes que eu recebesse a carta de V. M., tinha já escripto ao secretario de Napoles, pedindo-lhe que lhe mandasse a V. M. o retrato desta bella figura, e velha, para eu poder assim dizer a V. M. que lhe satisfazia de modo possivel o desejo de me fallar, com a communicação por cartas, e o de ver-me, com o retrato que lhe deixei tirar para mandar a seu Pae que Deus haja, e dar-lhe que rir a elle, ao snr. Peixoto, e aos outros mirones. Eu tinha-lh'o entregado quando elle foi d'aqui, para haver de o mandar de Napoles, o que é mais facil que d'aqui, por ser porto de mar; e até agora não me respondeu a nenhuma das minhas cartas na materia; creio que não só pela sua grande preguiça, mas porque quer fazer outro para ficar com um que elle desejava ter em todos os modos; mas V. M. esteja seguro que, mais tarde, ou mais cedo, terá tambem um, porque elle sabe o

gosto que eu tinha de mandar aquelle ao meu amigo e mostrava grande vontade de concorrer para eu o conseguir. Eu creio que V. M. bem poderá, sem perigo, dizer-me alguma das novidades que tenha gosto de communicar-me, porque ainda em caso de abriremse as cartas em Lisboa, quando V. M. se assine nas suas com um nome supposto, e não me nomeie a mim, tudo está remediado, creio eu; mas só V. M. é que sabe a verdade, porque sabe a qualidade das taes novidades. Ahi vae esse papel para o snr. João Peixoto, visto V. M. não ter duvida em pagar algum porte por amor d'elle. O papel está acabado, mas quero ver se lhe posso ensinar um remedio para se defender do maior rigor do frio que ahi padecemos por nosso gosto; sala pequena, e não na entrada, defronte da porta, escada, &; janellas de peitoril, ou uma ao menos; e as outras que nunca abram; em todas, vidraças dobradas bem ajustadas nos caixilhos; uma, onde nós as pomos, e outra á face de fora, segurada com os seus ferros na de dentro; e a de fora bem betumada na parede, ou hombreira, ao redor, por dentro, e por fora; e só um postigo d'ella quadrado, que levante para cima, se deve abrir para entrar o ar em caso de estar mui quente a casa, ou por V. M. ter usado de algum fogo demasiado, ou por-se o tempo ao sul, &. Não sei se me expliquei, mas repito: o principal é das vidraças, bem encaixilhadas, e bem betumada a de fóra.

Vienna, 29 de Julho de 1780.

Am.º do C.

Costa.

A porta da sala deve ser levadiça, isto é, não com dobradiças pregadas, mas porta das que jogam em uns engonços, e se tiram levantando-as para cima; para sobreporem por toda a parte bem justas na parede da parte de dentro, e se estiver defronte de corredor (de que se deve fugir;) é necessario fazer uma sobreporta da parte de fóra tambem sobreposta=A porta deve assentar sobre madeira, e não sobre pedra. = Muitas lembranças ao snr. seu irmão, e irmãs; e diga se é vivo, ou morto, o Torrão. V. M. se regale com essas hipocrisias descaradas; tambem cá ha d'isso, mas que differença, meu Deus! V. M. me creia que em comparação das nossas não no parecem. O nosso enviado, a quem os portuguezes não se atrevem a chamar catholico novo, sendo-o na realidade, está inda um Paris.

XIII

(Vienna de Austria, 7 de Outubro de 1780.)

Snr. Manoel Gomes Costa Pacheco. Meu amigo e Snr. Depois de batalhar comigo oito dias, para ver se lhe devia de escrever a V. M., ou não, a respeito do retrato, resolvi-me a sim; porque ainda que é possivel que V. M. já o tenha na mão, se quem o levou for de demasiado primor, póde ser tambem que espere que V. M. lh'o peça, como é justo. O portador é o Snr. Padre Francisco Brandão, que foi Frade Bento, e é agora Abbade Eboracense *in partibus,* o qual V. M. ha de procurar em Miragaia em casa de Joaquim Mauricio de Pinho e Souza, ou na praça de São Domingos em casa de José Antonio Brandão Pinto Bal-

daia. V. M. coteje bem o tal retrato com a minha cara antiga de que creio V. M. tem alguma lembrança, e veja a mudança que fez n'ella a idade; e não pare aqui com a imaginação, mas accrecente a essa velhice cinco annos mais, que já se passaram depois que o retrato foi feito; e convide para fazer bem a tal ponderação a certo homem de cara mais velha, mas não doente; já V. M. perceberá que fallo do snr. João Peixoto.

O novo ministro de Portugal chegou aqui nos primeiros dias de setembro; para allemão, é agradavel no trato, com seus laivos de portuguez. Fallei já com a fidalga tres vezes, e bastante, mas não tanto quanto é necessario para formar conceito d'ella com acerto; tem o agrado de portugueza; e á primeira vista parece certo ser mulher de juizo; faz bem versos; sabe francez, italiano, inglez, latim, e já principia a entender allemão.

V. M. se vá regalando com essas beatices que, quando parece que vão a extinguir-se em Portugal, revivem com mais força e maior descaramento; não lhe farei nenhuma das minhas prégações n'esta materia que tanto me convida a isso; porque tenho medo que o saiba o snr. José Alberto, ou outro d'estes santos por arte; não porque me podessem fazer nenhum mal em Vienna, mas porque talvez seriam causa de se dar um grande escandalo no Porto, contando a algumas pessoas que eu me tinha feito lutherano em Allemanha, sómente por entenderem que bem o mostravam as palavras com que eu fallava da santidade por modo sécia, ou interesse de todas as castas.

V. M. me diga se é vivo o clerigo Torrão, e se está cego o cavalheiro Mathez Pitta: e faça com o snr. João Peixoto que não se descuide de mandar-me a musica que lhe pedi: e V. M. saiba dizer-me, se, entre os sabios que consulta para saber aquellas cousas

bonitas de que não temos experiencia, nem pelos sentidos, nem pelo juizo, achou já algum que lhe explicasse ao menos uma com a clareza que V. M. deseja. Deus garde a V. M. muitos annos.

Vienna de Austria, a 7 de Outubro de 1780.

De V. M. am.º do C.

Costa.

(Deixemos os cumprimentos esfarrapados para os beatos, e velhaquetes, que affectam o desprezo do mundo no prezal-o).

FIM.

IND

° Esta segunda paginação refere-se ao *ms.* Dámol-a para
As cartas II e IV estão transpostas no *ms.*
Os numeros que faltam na paginação representam folhas

ICE

facilitar qualquer verificação.

brancas do *ms*.

Algumas palavras omittidas foram indicadas por... Veja-se a razão d'isso na nota 7.

O signal ? indica palavra duvidosa, em virtude do estado do *ms.* que o copista teve de completar.

Diremos finalmente que todas estas notas são nossas, exclusivamente; a copia de que nos servimos tem apenas cinco (como dissemos já a pag. VI. do *Prologo* nota 2), sendo uma *unica* elucidativa do texto (sobre João Peixoto). As notas foram escriptas em janeiro de 1879, depois de uma interrupção do trabalho, motivada por uma viagem a Lisboa, feita com a ideia de conferir certas passagens com a copia manuscripta que *já não achámos na estante!* Para mais explicações vide a *advertencia final* d'esta edição.

Pag. XII — *Merece-lhe só elogios.*

(1) Na nossa biographia do Abbade Costa, escripta para o Supplemento á *Biograph. univ.* de Fétis (Paris, Didot, 1878, pag. 203-204), attribuimos o exilio d'elle á influencia do Marquez de Pombal. Quando escrevemos essa biographia em Berlim, em fins de 1875, fizemol-o desajudado de todos os nossos apontamentos, longe da nossa bibliotheca e auxiliado apenas pela memoria, pelas impressões de uma leitura rapida e incompleta das *Cartas* feita em principios de 1875. Hoje rectificamos o dito. Costa sahiu porque tinha a *vis critica* e porque era um livre pensador; estas qualidades denunciam-a origem de sua familia; as cartas confirmam em mais de uma parte as suspeitas do leitor, que são as nossas. Se Costa não era *christão novo*, é provavel que fosse descendente dos homens *da nação;* as differenças sociaes que caracterisavam a posição dos christãos novos são para elle o thema de constantes variações. O proprio nome Costa — que é o de um grande numero de judeus portuguezes (V. Kayserling*: Geschichte der Juden in Portugal.* Berlin, 1867), é um novo argumento em pró d'esta supposição.

Pag. 1 — *Snr. João Peixoto.*

(2) Uma nota do *ms.* no fim da 2.ª carta (2.ª em data) diz, alludindo ao estylo burlesco d'ella, que é propria para a pessoa a quem foi escripta «que é o celebre Peixoto, rabequista da musica da Sé do Porto.» Este sujeito era casado (pag. 59), mas parece ter sido um fiel companheiro das patuscadas do Abbade no Porto, quando elle era ainda o simples secular Antonio da Costa. João Peixoto ainda vivia em fins de 1780, muito velho (pag. 79).

Pag. 1 — *Sahir do Porto segunda vez.*

(3) Ha aqui uma allusão a uma viagem anterior de Costa que não póde ser a viagem a Canavezes (pag. IX, *Vida*), e que

é talvez a primeira viagem a França, a que se allude a pag. 39); «Já quando da outra vez vim a França», etc.

Pag. 1 — *Santo Domingo de la Calzada.*

(4) Villa de 3 a 400 habitantes, a oito leguas de Logroño.

Pag. 3 — *Santarelli e Manicuccio.*

(5) Burney (*Op. cit.*, pag. 267 e seg.) falla longamente d'este celebre artista, Cavalier Giuseppe Santarelli. *Capellano di Malta* e *Maestro di Capella* do Papa. Foi excellente cantor e deixou incompleta uma obra notavel: *Della musica del Santuario e della disciplina de' suoi cantori*, etc., Roma, 1764, 4.° O segundo volume não sahiu á luz por falta de protecção official. Burney illustra n'uma nota (pag. 269) as queixas do autor sobre a indifferença do alto clero italiano pela grande arte. Santarelli nasceu em Forli em 1710 e morreu em 1790. A' data d'esta carta de Costa (1750) era Santarelli capellão-cantor da capella pontificia (nomeado em 1749). Sobre Manicuccio não encontramos informações.

Pag. 4 — *deitar no Hospicio.*

(6) É o Hospicio de Santo Antonio dos Portuguezes em Roma, em cuja egreja se commemoravam os fastos da monarquia. É conhecida dos amadores a esplendida publicação: *Exequias feitas em Roma á Magestade Fidelissima do Senhor Rey Dom João* V (por ordem de D. José), Em Roma, 1752. Na officina de Angelo Rotili, e Filippe Bacchelli. In-fol. max. de XXIV pag. de texto e 20 grav. em cobre por varios autores. As gravuras 5, 6 e 20 mostram o frontispicio e o interior da egreja de S. Antonio. Diremos, a proposito, que em Madrid existia já em 1675 uma Casa Real de Santo Antonio dos Portuguezes, cujo administrador era então Frey Miguel Pacheco, autor da *Vida y acciones de la Serenissima Infanta de Portugal Doña Maria*, obra que appareceu no dito anno de 1675, e em que elle se intitula administrador da dita casa por Sua Magestade. Em Roma existia egualmente a *Academia de Portugal* de Bellas-Artes, que Cyrillo Volckmar Machado encontrou arruinada em 1775. É singular que o Abbade Costa não falle d'esta *Academia*, estando elle em contacto intimo com a colonia portugueza de Roma de 1750-1754. Sobre a Casa de Santo Antonio vide ainda pag. 19, 41 e 42, e a nota 36.

Pag. 5 — *Ager haceldama*, etc.

(7) O que segue contém uma série de allusões indecifraveis hoje, e que, por serem demasiado vivas, supprimimos em quasi todos os exemplares d'esta edição. Outros enigmas a pag. 18, 31, 36, 49 e 71. *Ager haceldama* é a palavra do Evan-

gelho (Math., 27, 8), isto é — campo de sangue. Não entendemos o resto.

Pag. 6 — *Cinco Pedras de David.*

(8) Este sermão do Padre Antonio Vieira foi publicado em hespanhol. Lisboa, 1676 e 1695.

Pag. 7 — *Lisboa tem outra vez opera.*

(9) Em 1752, data d'esta carta, veio David Perez para Lisboa servir El-Rei D. José, a quem sobreviveu ainda um anno (1778). Foi então que começou a curta edade de ouro da opera em Portugal. O snr. J. J. Marques dá nos seus excellentes artigos: *Chronologia da Opera em Portugal* (12.º artigo. *Arte musical*, n.º 35 de 1874), o elenco completo da companhia de 1752. Lá achamos com effeito Giziello (aliás Conti) além do celebre Raaf; achamos tambem Morini (ou *Il Morino,* aliás Andrea Macchi), mas falta Venturini; sobre os dois sopranistas veja-se *Musicos Portuguezes,* I-185, notas da biographia de D. José.

Pag. 8 — *Primeiro trio.*

(10) É provavelmente o *trio* de Besozzi a que se allude mais adiante, pag. 11. Sobre este autor vid. Fétis, *Biogr. Univ.*, I-396; e Burney (*Op. cit.*, pag. 24, 62 e 67).

Pag. 10 — *Ghilarducci e Erba.*

(11) Sobre estes artistas V. *Vida*, pag. XXVI e notas.

Pag. 10 — *Santiago dos Hespanhoes.*

(12) Era o hospicio de Hespanha, que foi vendido em 1878 aos lazaristas do *Sacré Cœur* por 220,000 francos. Esta egreja, um primor d'arte attribuido a Baccio Pontelli, data do meade do seculo XV e está situada no lado occidental da Piazza Navona. Mais uma vergonha do fidalgo pobre!

Pag. 12 — *Sobre Nardini.*

(13) Vid. n. 3, pag. XXVI.

Pag. 14 — *aprenderam em Napoles.*

(14) Costa teria razão mais uma vez. Wasielewski (*op. cit.* pag. 126) não falla com louvor da escóla de violino de Napoles. O mestre mais notavel d'esta escóla foi Giuseppe Puppo (1749-1827); esteve em Lisboa. Esteve tambem em Lisboa (1799) uma discipula de Pugnami a Signora Gerbini, e depois d'ella Francesco Ansaldi.

Pag. 15 — *Lição de Busoni.*

(15) Não encontramos noticias d'este violinista que parece ter estado tambem em Portugal.

Pag. 17 — *Emquanto ás manufacturas... em Lisboa.*

(16) Ha aqui encarecimento do Abbade Costa. Em 1750,

dois annos antes d'esta carta, passava a *Fabrica das sedas* de Lisboa, arruinada, para o estado. (Vide as obras de Neves e José Antonio de Sá). As providencias mais notaveis a favor das industrias nacionaes são todas posteriores (1778-1788). A propria *Junta do Commercio*, mais tarde *Real Junta do Commercio, agricultura, fabricas e navegação* foi instituida só em 1755, tres annos depois da carta de Costa. Em 1777 pagavamos nós de *vestidos* ao extrangeiro; 280:053$108 reis e em pannos de lã em geral 1.363:136$500 reis. Em pannos de linhos foram-se em 1777 nada menos de 657:643$568 reis!

Pag. 20 — *Salgado e Gabriel Pereira.*

(17) O ponto de vista da curia romana n'esta questão de heresia — heresia contra a fé e heresia contra os direitos temporaes do papa — está bem caracterisado por Costa. Roma perseguiu menos a primeira do que a segunda, e se a *Reforma* não começasse por abolir as *indulgencias* que enchiam o thesouro da curia, não teria talvez provocado uma ruptura que, por este simples facto, se tornou desde logo insanavel. Gabriel Pereira de Castro publicou o seu tratado *De Manu Regia*, Lisboa, 1622 e 1625 (2.º volume); depois em Lyon, 1673, e 3.ª ed. em Lisboa 1742. Vide sobre este livro e sua doutrina Lopes Praça: *Ensaio sobre o padroado portuguez* — Coimbra, 1869, pag. 40 e seg. Salgado será talvez João Salgado de Araujo (*Bibl. Lusit.* II, pag. 746 e IV pag. 191). Sanches *De Matrimonio* será *Disputatio de dubia impotentia circa matrimonium*. Madrid, 1624, fol., e Lugduni 1636, fol. O *Index* prohibiu este livro em 1646 (Nic. Antonio *Bibl. hispana*, I, 595).

João Sanches foi hespanhol, doutor em theologia, natural de Avila.

Pag. 20 — *Fernandez de Castro.*

(18) Autor da obra *Portugal convencida* (sic) *con la razon para ser vencida con las armas.* Milão, 1648. 4.º (*Bibl. hispana* II, 121).

Pag. 21 — *Tramoya*, etc.

(19) O *otro crucifixo* e os *robos y homicidios* são allusão á matança dos judeus na Paschoela de 1506 (V. Goes *Chronica de D. Manoel*, edição de Coimbra, 1790, parte I, pag. 277; Osorio, Rezende e Gordo).

Pag. 25 — *Opera portugueza de S. Domingos.*

(20) Já na *Vida* (pag. XXV, n. 3) alludimos a esta representação que será alguma funcção das celebres festas das canonisações dos Santos Luiz Gonzaga e Stanislaus Koska, que os jesuitas celebraram com um estrondo inaudito em Lis-

boa, em meado de 1727 (*Relaçam* impressa em 1728, 4.º em Evora (*Relaçam* impressa em Evora, 1730. 4.º; outra anterior de 1728. 4.º Ibid.) em Coimbra e em outras cidades do reino. Nós vimos nada menos de 14 sermões prégados só nas festas de Evora e Lisboa! As festas de Evora, que foram talvez as mais apparatosas, terminaram com uma *Tragi-comedia* (representada quatro vezes) do Padre Pedro da Serra. Eboræ, 1730. 4.º ex. Typogr. Academiæ. Esta tragi-comedia em 4 actos tem nada menos de 197 paginas, e dava logar a um grande desenvolvimento do elemento musical. O dito de Costa póde ainda referir-se ás festas da canonização de S. Camillo de Lellis feitas em 1746 em Lisboa e Porto (Relações impressas de 1747).

Pag. 25 — *Operas em Lisboa.*

(21) O que se viu poucó depois (1755) na capital, no genero *Opera*, excedeu tudo quanto até alli se tinha feito na Europa! (V. o nosso esboço sobre a *Historia da Opera* em *Musicos portug.* vol. I, pag. 173-184, e especialmente sobre a chamada *Opera do Tejo*).

Pag. 27 — *Canonização dos dous santos.*

(22) Veja-se a nota 21.

Pag. 51 — *Quatro conservatorios.*

(23) Eram o *Ospedale della Pietà; dei Mendicanti; dei Incurabili;* e *Ospedaletto a S. Giovanni e Paolo;* as funcções eram aos sabbados e domingos. O primeiro era destinado á educação de filhas naturaes, principalmente para a carreira artistica. O *Osp. de' Mendicanti* encarregava-se das orfãs. Os outros dois occupavam-se tambem da educação feminina. Burney (*Op. cit.* 149), confirma em 1770 os elogios que Costa fazia ás jovens d'este conservatorio em 1761. «The young singers, just mentioned, are absolute nightingales; they have a facility of executing difficult divisions equal to that of birds. They did such things in that way, especially the *Rota,* as I do not remember to have heard attempted before.» Os outros cantores mais notaveis d'este *Concerto spirituale* eram em 1770 *Pasqua Rossi* e *Ortolani.* No *Ospedaletto* distinguiam-se Francesca Gabrielli, *la Ferrasese;* Laura Conti; Domenica Pasquati e Ippolita Santi. Este estabelecimento sobresahia pela sua magnifica orchestra, composta exclusivamente de mulheres; os outros tres tinham egualmente orchestras de mulheres. Os mestres de capella d'estes quatro conservatorios eram em 1770 (guardando a ordem supra) Furlanetti (P.); Bertoni (M.); Galuppi ou *il Buranello* (I); Sacchini (S. G. e P.). Burney

colloca tambem o *Ospedale dei Incurabili* em primeiro logar (pag. 163).

É para sentir que se salvasse apenas uma carta das que Costa escreveu de Veneza; esta cidade era então um dos centros musicaes mais concorridos da Italia, e grande mercado da bibliographia musical (por copias); alem dos notaveis mestres que apontámos como directores dos conservatorios, estava alli frequentes vezes, em visita, o celebre Martini que sustentava relações com as côrtes de Portugal e Hespanha. O 1.º vol. da sua grande *Storia della musica* (Bologna, 1757), é dedicado á Rainha de Hespanha D. Maria Barbara, infanta de Portugal, a illustre discipula do celebre Domenico Scarlatti. (V. a nossa biographia d'esta princeza *Arte musical*, n.º 40 e 41 de 1874.

Pag. 54 — *O meu negocio que algum dia era impossivel de ajustar*, etc.

(24) Costa allude talvez á suppressão da Companhia de Jesus, feita officialmente por Clemente XIV em 1773 (19 de agosto) ou á lei de 25 de maio do mesmo anno, que aboliu as distincções entre christãos novos e velhos.

Pag. 56. — *O que me pareceu Paris.*

(25) Vid. *Vida*, pag. XXII.

Pag. 59 — *Bispo Evora.*

(26) Morreu a 16 de junho de 1752 (V. *Vida*, pag. XII e notas).

Pag. 64 — *O correr mundo tira mais juizo que dá.*

(27) E' um paradoxo de Costa que elle repete a pag. 75 a 76; melhor é o conselho que elle dá ao filho do *doutor* (a pag. 73) sobre a leitura dos livros e modo de os aproveitar.

Pag. 66 — *Mestre de capella da Imperatriz.*

(28) Provavelmente Gassmann, amigo intimo de Costa em Vienna, citado na *Vida*, pag. XXVIII, n.º 2.

Pag. 67 — *Canon* ou *fuga* do Rebello.

(29) Provavelmente o celebre João Lourenço Rebello, mestre de musica de D. João IV que lhe mandou imprimir algumas das composições em Roma em 1657, e lhe dedicou a *Defensa de la musica moderna* (1649), *Musicos Portug.*, II-134.

Pag. 68 — *O secretario do ministro de Portugal em Napoles.*

(30) Não seria este secretario, autor do retrato de Costa, o diplomata Diogo de Carvalho Sampaio? Escreveu e publicou fóra do reino: *Tratado das côres*, etc., Malta, 1787; *Memoria sobre a formação natural das côres*. Madrid, 1791; e *Dissertação sobre as côres primitivas*, etc. Lisboa, 1788.

O retrato de que se falla aqui (24 de dezembro de 1774) ainda não tinha partido para o seu destino em julho de 1780 (V. pag. 76); parece que só chegou ao Porto em outubro d'esse anno (pag. 78).

Pag. 72 — *Mestre de desenho do Real Collegio dos Nobres* (em Dez. de 1779).

(31) Não nos foi possivel descobrir o seu nome.

Pag. 74 — *Francisco Xavier d'Oliveira.*

(32) Costa engana-se. Oliveira esteve em Vienna V. *Mémoires* (ed. de La Haye, 1743, na dedicatoria ao Infante D. Manoel, vol. I, pag. 9.

Pag. 75 — *Cortam* (os francezes) *sem pinta de juizo.*

(33) Costa allude, por certo, ao pessimo effeito das palavras de Voltaire sobre Camões.

Pag. 75 — *Chamo-lhe louco* (o matrimonio).

(34) Ha aqui uma nota no *ms.*: «Duro modo de fallar! o autor n'este lugar cheira-me a ser d'estes Filosofos da moda, que pretendem estender a liberdade de pensar e falar ás cousas mais sagradas: o Matrimonio, louco! huma instituição fundada na Natureza, e consagrada pela Religião!»

Pag. 80 — *Nem pelo juizo achou.*

(35) Outra nota no *ms.*: Se essas coizas bonitas pertencem á Fé (como eu supponho que he dessas que fala o Autor) não he necessario que se expliquem com evidencia daquellas, que são da alçada dos sentidos, e da razão; basta que conste certamente que Deus as revelou; pois elle nem engana, nem nos póde enganar a nós.»

(36) Na Bibliotheca publica do Porto existe a seguinte obra (M. — 2 — 20): *Estatutos* | *da veneravel igreja,* | *e hospital* | *de Santo Antonio* | Da Nação Portugueza | de Roma. | Vinheta do santo | Em Roma. | Impressos na Reu. Cam. Apost. MDCLXXXIII. | Com licença dos superiores. | 4.º de 153 pag., mais uma branca e 8 de indice (inn.).

Transcrevemos o prologo que é importante para a historia da casa de Santo Antonio, fundada em 1440 pelo Bispo D. Antão de Chaves.

Proemio e Acordo de toda a nação portugueza sobre os Estatutos da igreja e hospital de Santo Antonio de Roma. (pag. 5-8).

«Em nome da Santissima Trindade Padre, Filho, e Spirito Sanctos; tres pessoas hum só Deos, e da gloriosa sempre Virgem Maria, e Sanctos apostolos S. Pedro, S. Paulo, e do bemaventurado S. Antonio, sob cuja invocação está fundada a veneravel igreja, e hospital da nação portuguesa nesta corte de Roma, na região de Campo Março em o anno do nascimen-

to de Nosso Senhor Iesu Christo de MDCLXXVIII. XIX. do mes de Abril, e do pontificado do nosso mui S. Padre Innocencio pela divina providencia Papa XI. anno II. assistindo na corte por embaixador do serenissimo principe Dom Pedro Nosso Senhor o illustrissimo senhor D. Luis de Souza, Arcebispo de Braga, que de seu consentimento foi celebrada a congregação geral na forma costumada em dito hospital, assistindo nella os senhores Manuel de Figueiredo Barrotto moderno governador, e Lazaro da Silva Barbosa antiguo, o Marques (*sic*) Francisco Nunez Sanches, Martinho de Mesquita, Manoel de Messa Syd, João de Almeida Celso, Balthazar Gomes Homem, Luis Malheiro, Gonzalo de Paiva, Francisco Perez Vergueiro, Manoel de Souza Pereira, Antonio de Faria, Carlos de Figueiredo, Manoel de Souza Lima, Francisco Correa Bravo, e Manoel Dias de Mesquita: os quaes representando como congregados o corpo de toda a nação, e procurando o bom governo da dita igreja, e hospital, havendo muitas vezes considerado, como pela mudança do longo tempo se havia alterado o antigo governo de sorte, que não se podiam observar os estatutos, que os eminentissimos, e reverendissimos senhores cardeaes D. Antão de Chaves, Alphonso Gesualdo, e o senhor D. Pedro Mascarenhas Embaixador, que foi da boa memoria do Senhor Rei D. João o terceiro de Portugal de gloriosa memoria, fizerão, e cada hum delles fez em diversos tempos assentaram, *nemine discrepante,* ser precisa, e urgente necessidade o fazer novos estatutos, pelos quaes se ouvessem de governar a dita egreja e hospital, e se ordenou que com brevidade possivel se fizessem ditos estatutos, conformandose no que mais fosse possivel com os estatutos antigos, e examinados se confirmassem por a sancta sede para por elles se governar, e administrar a dita egreja, e hospital, e em conformidade do sobredito, depois que por muitas vezes forão conferidas as couzas necessarias e convenientes ao bom governo da dita egreja, e hospital fizerão, e ordenarão os estatutos seguintes, os quaes forão lidos e approvados na forma, que abaixo se declara».

O cap. IV do titulo 5.º d'estes estatutos trata *Do archivo e archivistas* em 2 paragraphos (pap. 77 e 78); havia tres chaves dos tres archivistas (eram os dous *governadores* e um de eleição); era prohibida a sahida dos originaes, mas davam-se copias authenticas. O § 2.º determina a substituição dos documentos deteriorados por copias novas. A casa de Santo Antonio ainda hoje existe *(Via del Orso)* e o seu archivo, se foi respeitado, deve ser valioso e elucidar bastante as condições de existencia do Abbade Costa em Roma.

ADVERTENCIA FINAL

Na advertencia que precede as *notas* a estas *Cartas* do Abbade Costa, e que foi escripta na mesma época d'este aviso (Janeiro de 1879) dissemos que a copia manuscripta da *Bibliotheca Nacional* (O-2.18), de que tiramos a nossa, desapparecera da estante respectiva. Promettemos explicações. Eil-as, á vista dos documentos. O publico julgará como entender.

Estando nós em Lisboa em fins de Dezembro e indo no dia 21 á Bibliotheca Nacional com as *Cartas*, (concluidas na imprensa em meado de 1878) com o fim de confrontar algumas passagens para as *notas* (concluidas agora, janeiro de 1879) vimos com espanto que o *ms.* não estava na estante e soubemos pelo snr. Caminha, continuo da sala dos manuscriptos (segundo crêmos) que nos acompanhára alli (na ausencia dos snrs. Ramos Coelho e Goes) que o dito *ms.* faltava já ha bastante tempo! Tendo nós recebido o dito *ms.* particularmente (1), das mãos do fallecido dr. J. Ribeiro Guimarães em abril de 1877 na propria Bibliotheca Nacional, e tendo nós entregue o dito *ms.* em fins de agosto do mesmo anno ao snr. Caminha (2), antes

---

(1) *Particularmente* porque não foi recebido pela repartição respectiva, onde só podia figurar como responsavel o dr. Guimarães, que o pedira officialmente.

(2) O snr. Caminha, no acto da busca, declarou logo, sem rodeios, que se lembrava perfeitamente de nós lhe termos entregado o *ms.* em questão. O snr. Caminha ainda é vivo, felizmente, para o repetir *ipsis verbis*.

da nossa sahida da capital, é natural a surpreza que tal noticia nos causou. Não estando n'esse dia 21 de Dezembro, pelo adiantado da hora, nem os snrs. Ramos Coelho, nem Goes, nem ainda o conservador em serviço, o snr. Silva Tullio, que logo procurámos para o informar da falta, só no dia seguinte podemos dar o competente aviso a este ultimo cavalheiro. Ao mesmo tempo avisavamos o nosso amigo o snr. Joaquim José Marques, ausente, para comparecer em Lisboa. Este nosso amigo havia-nos escripto pouco antes da morte do Dr. Guimarães (a 10 de outubro de 1877) que elle, doutor, estava em cuidados por causa do *ms.* do Costa, perguntando-lhe o que fez (o que nós haviamos feito) das cartas que lhe confiou? A pergunta foi logo respondida na volta, n'uma carta bastante viva ao dr. Guimarães, em que lhe manifestavamos o nosso espanto por semelhante pergunta e lhe diziamos que as cartas haviam sido entregues na bibliotheca ao snr. Caminha, por nós mesmo, havia quasi dous mezes. Diziamos ainda que se as *Cartas* não fossem achadas immediatamente, nos avisassem d'isso, para n'esse caso o participarmos ao snr. Silva Tullio e pedir providencias. O snr. Marques nosso commum amigo entendeu não dever entregar a carta ao dr. Guimarães, em vista do seu estado gravissimo (1) (falleceu d'ahi a pouco tempo), communicou-lhe, no emtanto, o essencial d'ella, tranquillisando o doutor e tranquillisando-nos a nós, que não recebemos até ao dia em que procurámos novamente o *ms.* (21 de dezembro de 1878) a menor reclamação, sabendo-se aliás na Bibliotheca, perfeitamente, quaes as pessoas que o tinham tido entre mãos.

---

(1) Era a esse mesmo estado que o nosso amigo Marques attribuia a pergunta do doente sobre o *ms.*, desculpando-o.

Nós, da nossa parte, suppozemos pelo silencio geral que o *ms.* fôra achado.

Quando em 21 de dezembro soubemos o contrario, era natural chamar o snr. Joaquim José Marques a depôr na questão. Este amigo estava porém doente, de cama, em Rio de Mouro; adiante vae a carta que nos escreveu em resposta ás explicações que lhe pedimos do Porto sobre o que se passára em Lisboa, depois da chegada da minha carta ao dr. Guimarães. O caracter do snr. Joaquim José Marques está, felizmente para nós, ao abrigo de toda e qualquer suspeita, a sua reputação sem macula é notoria em toda a Lisboa; posto que seja nosso amigo ha longos annos, nem nós, nem ninguem lhe arrancaria uma mentira. Elle vae fallar, em ultima instancia, sobre este caso em que figura o nosso nome. Não o vemos envolvido por ninguem; somos nós que expontaneamente fazemos estas declarações, porque nada temos a recear d'ellas e não desejamos pontos de interrogação atraz de nós. Diremos, finalmente, que informámos o snr. Silva Tullio na occasião competente de tudo quanto se passou em cartas entre nós o snr. Marques e o fallecido dr. Guimarães; que fizemos vêr a carta do snr. Marques ao snr. Goes (1), que dera em tempos o aviso da falta ao snr. Silva Tullio (2), antes de nós, e que não temos em vista com estas linhas senão elucidar a nossa posição n'esta desagradavel historia. Na Bibliotheca Nacional, onde trabalhámos novamente

---

(1) Foi-lhe apresentada, pessoalmente pelo nosso commum amigo o snr. F. A. Coelho, segundo a carta d'este ultimo de 23 de janeiro.

(2) Foi o proprio snr. Silva Tullio que nos disse ter recebido essa informação do snr. Goes, dada muito antes da nossa, sem nós o sabermos, citando-se ao snr. Tullio os nomes do dr. Guimarães, do snr. Marques e o nosso.

nos mezes de novembro e dezembro de 1878 fômos tratados com a mesma confiança e cortezia a que estamos alli habituados; ninguem nos oppôz a menor duvida em cousa alguma. Declaramos por isso que tambem não pomos ninguem em duvida. O snr. conservador Silva Tullio e os snrs. Goes e Ramos Coelho são pessoas que eu profundamente respeito e que gosam da confiança geral. Temos a certeza que nenhum duvidará da boa fé com que é feita esta nossa declaração; é possivel até que ella contribua para a resolução das duvidas, se fôr exacto o que o nosso amigo Marques suppõe: o ter sido o *ms.* apenas deslocado, e não roubado. A publicação que ora fazemos reduz o valor d'elle; além d'isso, provado que não é autographo (Vid. pag. VI e notas d'essa pagina) deixa de ter valor bibliographico. Era nosso intento não pôr esta edição que é pequenissima (112 exemplares), á venda; o desapparecimento do *ms.* obriga-nos a abstrahir d'isso; o publico terá portanto á sua disposição metade da edição, ou 50 ex., porque os 12 restantes, alem da metade, são exemplares particularissimos (vide a rasão: *nota* 7) que não se vendem.

Eis a carta do snr. Joaquim José Marques que, com a declaração do snr. Caminha, basta para a nossa justificação.

Rio de Mouro, 30 de dezembro de 1878.

Só hoje recebi a sua carta de 27 á qual vou responder.

É lamentavel o extravio dos *ms.* do Abbade de Costa; nem creio que se perdessem: a falta dos mesmos representará apenas descuido, ou desleixo na rigorosa collocação do volume.

Sei eu e sabe o meu amigo com que zeloso cui-

dado se tocavam estes *ms.* em vida do nosso bom amigo dr. Guimarães, sabe o meu amigo, de quando os manuseou, quantas precauções e vigilancias, aliás justissimas, se empregavam em cada dia para com os manuscriptos.

Como se podem então escrever manuscriptos na bibliotheca, quaesquer que elles sejam?

Comprehendo as suas inquietações sobre este desapparecimento pelo facto em si.

Desde 1874 que o meu amigo me escreve sobre este assumpto.

Depois de ter fallado e combinado com o Guimarães que elle escrevesse sobre o Abbade Costa, no *Jornal do Commercio*, veio o Vasconcellos a Lisboa e copiou as ditas cartas de proprio punho, felizmente para a historia da arte, voltando para o Porto, e esperando que o nosso Guimarães publicasse o seu trabalho. Instigado pelas suas cartas, muitas vezes lembrei ao Guimarães o Abbade Costa, e, a despeito da sua boa vontade, dizia-me elle sempre rindo:

«Não posso vencer a preguiça, meu Marques, mas, agora vou-me ao abbade; prometto.»

Ultimamente dizia-me que já tinha incumbido alguem na bibliotheca para copiar e extractar o que elle tinha apontado e que já havia muito trabalho adiantado, etc.

Já depois do Guimarães estar doente, o meu amigo lhe mandou a carta, que eu lhe não quiz entregar, mas sobre a qual lhe fallei e elle me disse com grande desanimo e esperando já o seu ultimo fim:

«O nosso Vasconcellos fará o que melhor entender, já que eu nada fiz; a minha preguiça, meu amigo, era já a doença, que me atrophiava.»

Fallou-me sobre varios papeis que estavam na sua gaveta da bibliotheca, incumbiu-me de alguns

trabalhos litterarios, que o Radich tomou a seu cargo, incumbiu-me até de entregar ao seu amigo Cascaes um manuscripto, que estava na mesma gaveta, etc.

Por duvidas suscitadas pelos snrs. conselheiros Viale e Silva Tullio, nunca vi a tal gaveta, nem mesmo sei se o Radich tal logrou.

Agora uma pergunta:

Desde quando não apparecem as *Cartas* do Abbade Costa?

Depois que o meu amigo as copiou, incumbiu o nosso Guimarães a copia e extracto das melhores a um empregado da bibliotheca, e depois d'este, quem manuseou aquelles *ms.*?

Os leitores de *ms.* na bibliotheca são bem conhecidos, e por isso facil será tomar o fio d'esta meada.

Sou, etc.

ERRATAS

Pag.				
Pag.	XIII	chamão	leia-se	chamam.
»	XIV	e attribuiu	»	e attribuir.
»	XV nota	quem nós	»	que nós.
»	XX	são cheios	»	são cheias
»	XXXI	honrado e dignamente	»	honrada e dignamente.
»	20	circuncisado	»	circumcisado.
»	20	E divertido	»	É divertido.
»	21	um santo	»	um tanto.
»	23	das antiguidades	»	da antiguidade.
»	45	Fernandes e Alvares.	»	Fernandes e Alves.
»	51	todos estamos	»	todos estão
»	58	e então lh'os fallarei	»	lhe fallarei.
»	58	quanto eu lhes	»	eu lh'os
»	69	ensangnadas	»	ensanguadas.
»	71	homens de nação	»	da nação.
»	78	está inda um Paris	»	em París.

A pag. 4 do Index onomastico:

Visconde de Villa Nova da Cerveira; será antes o de *Villa Nova de Souto-d'El-Rei,* porque o primeiro foi inimigo do Marquez de Pombal, e não podia, portanto, figurar em Roma como diplomata de 1750-1754.